

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

Márcia Danielle Cascaes Dantas da Silva

**ÁLBUM DE FAMÍLIA:**

Fotografia como recurso poético para o reencantamento da memória familiar

Belo Horizonte  
2025

Márcia Danielle Cascaes Dantas da Silva

**ÁLBUM DE FAMÍLIA:**

Fotografia como recurso poético para o reencantamento da memória familiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Arte

Linha de pesquisa: Artes Visuais

Orientadora: Rachel Cecília de Oliveira Costa

Coorientador: Carlos Henrique Rezende Falci

Belo Horizonte  
2025

Ficha catalográfica  
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

770.981  
S586a  
2025

Silva, M. D. C. D., 1995-  
Álbum de família [recurso eletrônico] : fotografia como recurso poético para o reencantamento da memória familiar / Márcia Danielle Cascaes Dantas da Silva. – 2025.  
1 recurso online.

Orientadora: Rachel Cecília de Oliveira Costa.  
Coorientador: Carlos Henrique Rezende Falci.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.  
Inclui bibliografia.

1. Fotografia de famílias – Teses. 2. Memória na arte – Teses. 3. Fotografias – Retratos – Teses. 4. Arte e literatura – Teses. 5. Arte e fotografia – Teses. 6. Marajó, Ilha de (PA) – Teses. I. Costa, Rachel Cecília de Oliveira II. Falci, C. H. R., 1969- III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Luciana de Oliveira Matos Cunha – Bibliotecária –  
CRB-6/2725



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **MARCIA DANIELLE CASCAES DANTAS DA SILVA**

Número de Registro **2023704710**

Título: **“ÁLBUM DE FAMÍLIA: Fotografia como recurso poético para o reencantamento da memória familiar”**

Profa. Dra. Rachel Cecilia de Oliveira Costa – Orientadora – EBA/UFMG

Prof. Dr. Carlos Henrique Rezende Falci – Coorientador – EBA/UFMG

Profa. Dra. Maria Beatriz Braga Mendonça – Titular – EBA/UFMG

Prof. Dr. Alexandre Romariz Sequeira – Titular – Universidade Federal do Pará

Belo Horizonte, 03 de julho de 2025.

---

Documento assinado eletronicamente por **Rachel Cecilia de Oliveira Costa, Professora do Magistério Superior**, em 03/07/2025, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Romariz Sequeira, Usuário Externo**, em 05/07/2025, às 20:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Carlos Henrique Rezende Falci, Professor do Magistério Superior**, em 07/07/2025, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Maria Beatriz Braga Mendonca, Professor(a)**, em 07/07/2025, às 12:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Rita Lages Rodrigues, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 08/07/2025, às 13:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4349631** e o código CRC **32417410**.

---

Para a família Figueiredo Cascaes.  
Em especial: Normélio, Gerson e Luciana,  
que, mesmo na ausência física, estiveram  
presentes em cada passo desta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à Fundação Nacional das Artes, por meio do Prêmio Funarte Retomada — Artes Visuais, essencial para o desenrolar desta pesquisa, pois sem ele nada disso teria sido possível.

À CAPES, pela bolsa de mestrado que, mesmo por pouco tempo, me permitiu priorizar o estudo sem me preocupar com as contas. A bolsa de pesquisa é essencial para o desempenho acadêmico, e sem ela a produção de conhecimento no Brasil se enfraquece profundamente.

Ao auxílio PROEX/Capes da UFMG, pelo apoio financeiro fundamental para a realização da pesquisa de campo no Ganhoão; à Instax Fujifilm, por enviar boa parte dos filmes instantâneos utilizados ao longo da pesquisa.

À minha orientadora, Rachel Cecília, por ter apostado nesta pesquisa desde o início; por me acolher em Minas e me apresentar alguns cantinhos desse estado imenso; pelas conversas acadêmicas e não acadêmicas; e pelos puxões de orelha que (ainda bem) não foram muitos, mas fizeram toda a diferença. Obrigada por ter sido uma orientadora presente.

Ao meu coorientador Cacá, pela sensibilidade que demonstrou em sala de aula quando discutimos assuntos tão caros para mim. Agradeço por cada escuta e aprendizado.

À banca avaliadora, Bya Braga e Alexandre Sequeira, pelo olhar atento, generoso e pelas contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

Aos amigos que fiz em Minas Gerais, especialmente Raphael, Rangel, Brena, Mari e Giu, por me acolherem como família. Não poderia ter encontrado companhias melhores para passar esse período. Obrigada por cada risada, amo vocês!

Aos colegas da turma de mestrado e doutorado da EBA 2023.2, principalmente Lucas, meu companheiro de todas as horas, e Giovanna, por sua generosidade e companhia.

Às meninas do grupo de pesquisa Experiências Descoloniais, por me proporcionarem brainstormings semanais, reflexões profundas, risadas e companheirismo.

Aos amigos de Belém, pelo apoio ao longo de toda a jornada. Em especial: Lucas Costa, Luiza Monteiro, Paola Pinheiro e toda a Companhia Moderno de Dança; Wlad Lima,

Karine Jansen e Andréa Flores, por compartilharem suas experiências comigo, em tantos âmbitos da vida. A amizade de vocês me transforma a cada dia.

Larissa Latif, por segurar minha mão e escrever comigo o projeto que deu origem a esta pesquisa. Aprendo tanto contigo e às vezes acho que não agradeço o suficiente. Obrigada pela paciência e parceria. Te amo!

Yasmin Talita, Yasmin Seraphico, Lennon Bendelak, Gilda Rotella, Melissa Borges, Nathalia Amaral e Maiara Marçal, por uma amizade que resiste à distância; Felipe Barata, meu analista, pelos quase 10 anos de cuidado.

Aos amigos que a internet me deu: Isabela, Anna, Layana, Lana (a revisora oficial), Nathalia, Julia, Vinicius, Trapa e os outros membros do OTK por estarem comigo desde o pré-vestibular; aos mutuals do ex-site do passarinho: meu dia não seria nada sem ler os absurdos que falamos na timeline.

À equipe do Projeto Álbum de Família, por embarcarem nessa empreitada comigo: Odin Gabriel, Leoci Medeiros, Bianca Brandão, Cynthia Nunes, Dinéia Mendes, Ana Alice, Márcia Cascaes e Márcia Dantas. Obrigada por tudo!

Às mulheres da minha família, por me permitirem viver sonhos que não lhes foram possíveis.

Márcia Mãe, Márcia Gabi, Márcia Gigi, Dodora, Mazoca e Juveca: vocês são meu porto seguro. Sei que não demonstro tanto quanto gostaria, mas meu amor é imenso. Só cheguei até aqui porque vim com vocês. Este trabalho é nosso.


Às minhas ancestrais, que pavimentaram o caminho para que eu seja quem sou. As vejo no espelho, em fotos, em memórias. As sinto em meu sangue.

Ao meu pai, em quem penso todos os dias.

Aos moradores do Ganhoão, por me acolherem e aceitarem fazer parte do projeto. Vocês me inspiram imensamente, me ajudam a reinventar minha própria história e a ressignificar outras. Saio desta pesquisa transformada, grata por tudo que me foi confiado.

À Nossa Senhora de Nazaré, por abençoar esta jornada e me guiar nos momentos de incerteza.

E aos encantados, cuja presença se revela no barulho das águas, no sussurro dos ventos e nos sonhos onde nos encontramos. Que nunca deixem de me visitar.



Quem ganharia o rio? Era mais fácil que o rio engolisse todo. Nas cidades flutuantes, se pensarmos bem, era o que acontecia desde sempre. A ameaça da serpente gigante despertar era sobretudo a lembrança de que o rio determinava onde, quando... A memória é sempre inundada. Quem nasceu e cresceu vendo o Sol nascer e morrer no rio tem os olhos bentos, benzidos nas águas maternas, olhos d'água desse útero corrente que pare peixes, criaturas e mirações. Nessas águas onde lavo meus cabelos, nesse rio onde lavo minhas memórias, queres ganhar o rio? Te conto um segredo: ele te engolirá.

Inaê Nascimento<sup>1</sup>

## RESUMO

Álbum de Família é uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG, na linha de Artes Visuais, que investiga a fotografia no contexto familiar, a memória e as narrativas ancestrais. Realizada na Ilha do Marajó, a pesquisa mergulha na ancestralidade da autora, cuja família materna é originária do minúsculo distrito do Ganhão, no extremo norte da ilha, no Pará — lugar onde parte de suas memórias familiares foi se perdendo nos leitos dos rios, ao longo das migrações rumo às cidades grandes. O retorno à ilha ancestral se dá por meio da própria pesquisa, em que a autora enfrenta questões pessoais não resolvidas ao registrar os moradores do Ganhão com fotografia instantânea, reencantando sua memória familiar enquanto auxilia famílias locais a encantarem suas próprias.

Narrada de uma forma literária, a dissertação assume o tom de um romance familiar, entrelaçando realidade e fabulação crítica, como propõe Saidiya Hartman, com o conceito de encantaria na região amazônica, de João de Jesus

Paes Loureiro, além de referências literárias como os romances de Dalcídio Jurandir. O resultado é uma narrativa ao mesmo tempo poética e acadêmica, que se constrói entre o artístico, o afeto e a memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álbum de família; narrativa ancestral; fotografia instantânea; Ilha do Marajó; encantaria.

## **ABSTRACT**

Family Album is a research project developed within the Graduate Program in Arts at UFMG, in the Visual Arts field, which investigates photography in the family context, memory, and ancestral narratives. Carried out at Marajó Island, the research delves into the author's ancestry, whose maternal family comes from the tiny district of Ganhoão, in the far north of the island, in the state of Pará — a place where much of her family memory was lost in the riverbeds during migrations to bigger cities. The return to the ancestral island takes place through the research itself, in which the author confronts unresolved personal matters by photographing the residents of Ganhoão with instant photography, re-enchanting her own family memory while helping other local families enchant theirs.

Told in literary form, the dissertation takes on the tone of a family novel, intertwining reality and critical fabulation, as proposed by Saidiya Hartman, with the concept of enchantment in the Amazonian area by João de Jesus Paes Loureiro, as well as literary references such as the novels by Dalcídio Jurandir.

The result is a narrative that is both poetic and academic, built through artistic gesture, affection and memory.

**KEY-WORDS:** Family album; ancestral narrative; instant photography; Marajó Island; enchantment.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 — Ilustração do Capítulo 1, por Danielle Cascaes (2025). .....	18
Imagem 2 — Árvore genealógica da família Figueiredo Cascaes. Feito por Cynthia Nunes, 2024. Versão maior disponível em: <a href="https://encurtador.com.br/r4Z2N">https://encurtador.com.br/r4Z2N</a> .....	20
Imagem 3 — Meu avô, Adalberto Figueiredo Cascaes. Década de 1940. ....	22
Imagem 4 — Na porta de casa. Na frente, Adalberto (segurando o filho Normélio) e Ademar. Atrás, Aurora (segurando minha mãe, Marcia), Amazonina, bisa Inah, Geovergina e Aldenora. Belém, 1962.....	23
Imagem 5 — Capa do álbum da família Figueiredo Cascaes. ....	24
Imagem 6 — À direita: casa na fazenda São Benedito, no Ganhoão; Adalberto e Ademar na fazenda São Benedito. À esquerda: Adalberto e Maria Rosaura. Década de 1950.....	25
Imagem 7 — Fotos da esquerda: Fazenda São Benedito, no Ganhoão. Fotos da direita: Meus avós, Adalberto e Maria Rosaura, no dia de seu casamento (em cima) e Adalberto na fazenda São Benedito (embaixo). Década de 1940-1950. ...	26
Imagem 8 — Fotos maiores: Fazenda São Benedito, no Ganhoão. Meu avô, Adalberto Figueiredo, ao centro, de chapéu e montado no cavalo. Ao seu redor, primos e tios. Fotos menores: Casa da fazenda São Benedito e meu avô à frente. Década de 1940-1950.....	27
Imagem 9 — Foto que tirei de minha mãe e minha avó conversando, sem que elas vissem. ....	32
Imagem 10 — Pequena Dani ou como eu lembro/ imagino a pequena Mariana. Fim dos anos 1990.....	35
Imagem 11 — Jornal Folha do Norte, número 297, sexta-feira, 23 de outubro de 1896, município de Chaves.....	37
Imagem 12 — Jornal Folha do Norte, número 297, sexta-feira, 23 de outubro de 1896, município de Chaves.....	37
Imagem 13 — Na frente, Adalberto Figueiredo Cascaes. Com a boia, Ademar Figueiredo Cascaes. 1958. ....	39
Imagem 14 — Caligrafia de meu avô, no verso da fotografia. Lê-se: “Esta fotografia faz lembrar-me o tempo de minha juventude, aos meus 22 (vinte e dois) anos de idade. Marajó-Ganhoão- São Benedito, 1-10-58” .....	39
Imagem 15 — Normélio de Brito Cascaes, década de 1970.. .....	41

Imagem 16 — Márcia sendo conduzida ao altar por tio Ademar, 1982.....	43	Imagem 27 — Seu Haneman segurando uma foto de sua família. Janeiro de 2024.....	58
Imagem 17 — Prima Deborah comigo no colo, no meu primeiro Natal, com um mês de vida. Dezembro de 1995. ...	44	Imagem 28 — Rayana brincando de fotografia instantânea. Janeiro de 2024. ....	59
Imagem 18 — Tio Ademar e eu, em seu colo, 1996. ....	45	Imagem 29 — Colagem minha fotografando a família de Rosana e Juliana com fotografia instantânea. Janeiro de 2024.....	60
Imagem 19 — Tia Aldenora, Victor Cascaes e sua esposa Ana, comigo no colo, no dia do meu batizado, 1995. ....	45	Imagem 30 — Colagem minha fotografando Dona Rosângela, Alberto e Rayana. Janeiro de 2024.....	61
Imagem 20 — Resultado do edital Funarte Retomada – Artes Visuais (2023).....	47	Imagem 31 — Ilustração do capítulo 2, por Danielle Cascaes. ....	63
Imagem 21 — Fotoperformance Visagem. Intervenção artística sob fotografia analógica impressa. 2023.....	49	Imagem 32 — Mapa do Ganhoão, ilustrado por Cynthia Nunes (2024). ....	65
Imagem 22 — Fotoperformance Visagem. Intervenção artística sob fotografia analógica impressa. 2023.....	49	Imagem 33 — Guia de tamanho dos formatos Mini e Wide... ..	66
Imagem 23 — Eu fotografando a embarcação José Felipe II, na Feira do Açai, Belém/PA. ....	51	Imagem 34 — Capa carimbada dos álbuns de família.....	67
Imagem 24 — Eu e Néia (de laranja) conversando com Seu Carlos (na rede) e Vitor (de vermelho). ....	51	Imagem 35 — Mapa da Ilha do Marajó, via Google Earth. Em vermelho, o trajeto Belém-Soure; em amarelo, Soure até a ponta da ilha do Marajó; em laranja, da ponta ao Ganhoão. Linhas traçadas por mim, 2025.....	72
Imagem 25 — Seu José na porta de sua mercearia. Janeiro de 2024.....	55	Imagem 36 — Colagem de Família da Dona Emília. Abaixo, Rute (esquerda) e Maria Júlia (direita).....	75
Imagem 26 — Maria Auxiliadora em sua cozinha. Janeiro de 2024.....	58		

Imagem 37 — Colagem da Família de Marco. À esquerda, Lúcia, Rafael, Messias e Marco. À direita, Marco. Janeiro de 2025..... 75

Imagem 38 — Capa e contracapa da versão menor do álbum de família..... 76

Imagem 39 — Colagem da família de Dona Socorro (de vermelho) e Dona Raimunda (atrás). Em cima, as duas com suas filhas, netas e bisnetos. Abaixo, Naiane e Davi. Janeiro de 2025..... 77

Imagem 40 — Colagem da família de Charles, Luan (Batman), Luenzo e Luciane. Janeiro de 2025..... 77

Imagem 41 — Colagem da família Foro. À esquerda, Eliane, Dona Edite, Camila e Seu Big (Raimundo). À direita, Dona Edite. Janeiro de 2025..... 78

Imagem 42 — Da esquerda para a direita: Juan, Jane, Isis (no colo), Dona Joana, Biele e Josi (grávida de Joebe). Janeiro de 2025..... 79

Imagem 43 — Colagem da família de Denilson. À esquerda, Denilson, Biele, Josi e Joebe (na barriga). À direita, Denilson. Janeiro de 2025..... 80

Imagem 44 — Colagem de Dona Maria Edithe sozinha (à esquerda) e com o neto Mailson (à direita). Janeiro de 2025. .... 81

Imagem 45 — Colagem de Dona Maria Edithe e Dona Joana com os netos Richarlyson, Fabrício, Mailson e Alison (à esquerda). Naza e Marlinho (à direita). Janeiro de 2025. .... 82

Imagem 46 — Colagem da família de Dona Ana. À esquerda, Anny Thielly, Nicolas, Thaianny e Dona Ana. À direita, Nicolas. Janeiro de 2025..... 83

Imagem 47 — Colagem de Dona Ana com os netos Thaianny e Miguel. Janeiro de 2024..... 84

Imagem 48 — Néia pilotando a rabeta de Sandro. Janeiro de 2025. .... 84

Imagem 49 — Colagem comparativa de Seu Haneman, Didi e Auxiliadora. À esquerda, janeiro de 2024, e à direita, janeiro de 2025..... 85

Imagem 50 — Da esquerda para a direita: Dona Jesus, Tia Aurora, a primeira esposa de Ricardo e Ricardo. Década de 1990. .... 87

Imagem 51 — Printscreen da vídeo chamada. Na tela maior, Cida. Na menor, eu e Auxiliadora. Janeiro de 2025..... 88

Imagem 52 — Colagem da Família de Karol. À esquerda, Karol, o marido Pacoleu e o filho Duti. À direita, Duti e a ninhada. Janeiro de 2025..... 90

Imagem 53 — Instax Mini Evo, Wide Link e iPad trabalhando nas impressões..... 90

Imagem 54 — Família Abreu. Da esquerda para a direita. Em cima: Gabriel e Juan. Embaixo: Naiara, Karol, Vivi, Dulceane, Dutí e Leo. Janeiro de 2025..... 91

Imagem 55 — Colagem de Camila e seus filhos. À esquerda, Cauã, Camila e Cacau. À direita, Cacau aos prantos. Janeiro de 2025..... 92

Imagem 56 — Colagem de Raiana e seus filhos. À esquerda, Raiana, Yan e Yure. À esquerda, Yan e Yure. Janeiro de 2025..... 92

Imagem 57 — Da esquerda para a direita: Rafaela, Rian, Henzo, Maria Vitória, Rayana, Rosana e Julieta. Janeiro de 2024..... 93

Imagem 58 — Colagem comparativa de Rosana e Julieta. À direita, mãe e filha em 2024. À esquerda, em 2025. .... 94

Imagem 59 — Seu José na frente de sua mercearia. Janeiro de 2025..... 96

Imagem 60 — Rubens Figueiredo. Janeiro de 2025. .... 98

Imagem 61 — Dona Matilde e Seu Waldick. Janeiro de 2025. .... 99

Imagem 62 — Da esquerda para a direita. Em cima: Ivan e Juliana. Embaixo: Julia, Dona Leila e Jade. Janeiro de 2025. .... 99

Imagem 63 — Colagem das meninas da casa da Dona Emília. À esquerda, Raissa, Laura e Maria Julia. À direita, Maria Julia e Rute. Janeiro de 2025..... 100

Imagem 64 — Redes no Ana Clara II, janeiro de 2025..... 101

Imagem 65 — Fotografia do naufrágio do Ana Clara II..... 103

Imagem 66 — Capa de Álbum de Família: Ganhoão..... 105

Imagem 67 — Família Azevedo Cardoso. .... 106

Imagem 68 — À esquerda, Davi e sua balsa. À direita, Dona Socorro e Nahuan. .... 107

Imagem 69 — Dona Joana com o seu álbum. .... 108

Imagem 70 — À esquerda, Dona Joana e Cauã. À direita, Biele. .... 109

Imagem 71 — Naiara, Gabriel e Vivi. .... 110

Imagem 72 — À esquerda, José Renato e Laura. À direita, Naza e Alison. .... 111

Imagem 73 — À esquerda, Vivi. À direita, Gabriel. .... 112

Imagem 74 — Família Abreu. .... 113

Imagem 75 — À esquerda, Família Trindade dos Santos. À direita, Rute..... 114

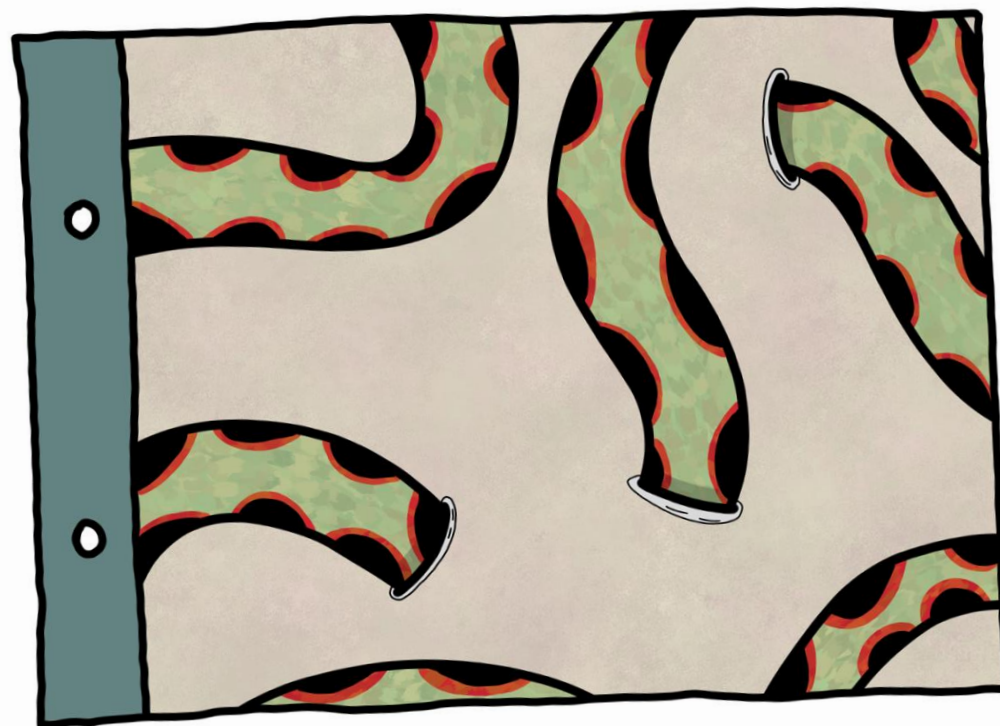
Imagem 76 — Dona Auxiliadora, Seu Haneman e a fotopintura dos filhos. ....	115	Imagem 85 — Minha mãe, grávida da filha mais velha, na porta da casa das tias. Julho de 1987.....	127
Imagem 77 — Contracapa de Álbum de Família: Ganhão. .....	116	Imagem 86 — Meu pai, Gabriel, Seu Manel e de tia Aldenora, 1994. ....	128
Imagem 78 — Ilustração do Capítulo 3, por Danielle Cascaes. .....	117	Imagem 87 — Seu Manel soprando velas de aniversário, 1994. ....	128
Imagem 79 — Certidão de nascimento de Mafalda Nobre Dantas. ....	122	Imagem 88 — Da esquerda para a direita: tia Fafá (Fátima); João Gabriel (meu pai); tia Mafaldinha, segurando a filha Beatrice; minhas irmãs, Giselle, Gabrielle e eu. Praia do Murubira, Ilha do Mosqueiro, Pará, 2004. ....	129
Imagem 80 — Figura 80: Medalhas de Manoel Tinoco, 1958 a 1964.....	123	Imagem 89 — Márcias Gabrielle, Giselle e Danielle Cascaes Dantas da Silva, 2005. Digitalizado em 2025.....	130
Imagem 81 — Eu e Seu Manel (sentado na cadeira perto da janela) no meu aniversário de sete anos, 2002. ....	124	Imagem 90 — Autorretrato de Gabriel Dantas Perantunes, 2024. ....	132
Imagem 82 — Vó Mafalda, de vestido florido; sua amiga-irmã Mercedes, de casaco branco; ao centro, primo Bruno, filho de tio Manoel. Casamento dos meus pais, fevereiro de 1985... .....	125	Imagem 91 — Capa do álbum poético da família Figueiredo Cascaes Dantas. ....	135
Imagem 83 — Meu pai no Viaduto Santa Ifigênia, centro de São Paulo. ....	126	Imagem 92 — Para não esquecer do futuro. ....	136
Imagem 84 — Verso da figura 83, onde se lê: “Amor, está foto é para você se lembrar que eu existo, e preciso de notícias suas, para que eu possa continuar minha missão. Eu amo você. 10-07-80. João Gabriel.” .....	126	Imagem 93 — Em memória. ....	137
		Imagem 94 — Biso Gabriel. ....	138
		Imagem 95 — O baú.....	139
		Imagem 96 — As tias.....	140

Imagem 97 — Os Figueiredo Cascaes.....	141
Imagem 98 — Saudade dos que já partiram. ....	142
Imagem 99 — Saudade dos que não conheci. ....	143
Imagem 100 — Saudade do que não lembro.....	144
Imagem 101 — Saudade daquela que já conheci, mas não conheço.....	145
Imagem 102 — Anseio pelo próximo encontro.....	146
Imagem 103 — Capa do álbum poético da família Figueiredo Cascaes Dantas. ....	147

## SUMÁRIO

1	Entre memórias, visagens e encantarias submersas.....	18
2	O registro do outro como dispositivo de memória.....	63
2.1	Álbum de Família: Ganhoão .....	105
3	Para não esquecer do futuro .....	117
3.1	Álbum poético da família Figueiredo Cascaes Dantas.....	135
	REFERÊNCIAS .....	149
	NOTAS FINAIS .....	153

## Entre memórias, visagens e encantarias submersas



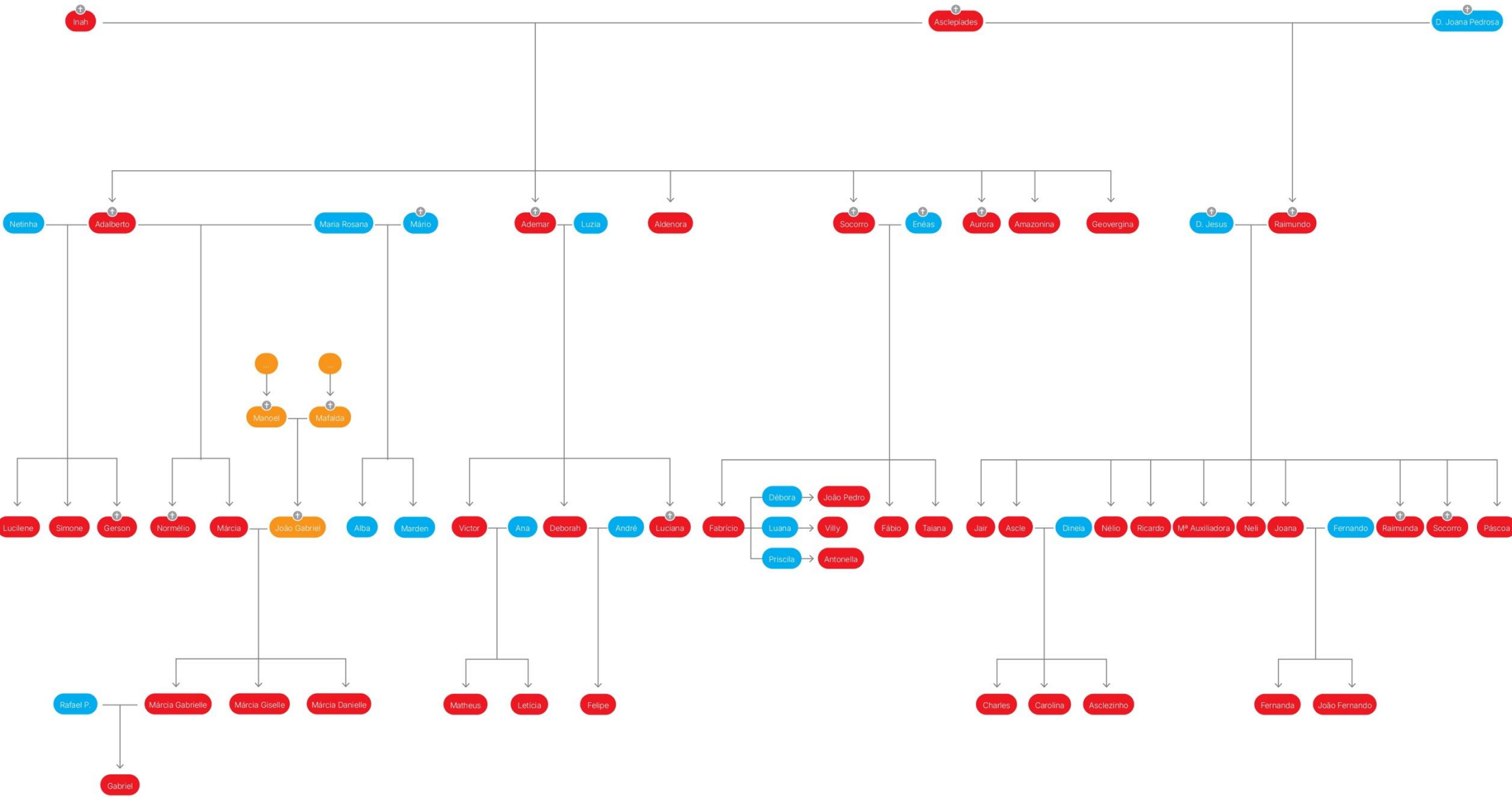


Se digo que nasceu no Marajó, tenham em mente que inevitavelmente tomou contato com imensidões. Rios que, de tão extensos, não se vê o fim; árvores tantas que chegam a ser incontáveis; revoadas de pássaros que somem no horizonte; noites de estrelas infinitas.

Bianca Conde Leão<sup>1</sup>

Imagem 2 — Árvore genealógica da família Figueiredo Cascaes. Feito por Cynthia Nunes, 2024. Versão maior disponível em: <https://encurtador.com.br/r4Z2N>

# FIGUEIREDO CASCAES



LEGENDA:  
 ● FIGUEIREDO CASCAES    ● FAMÍLIA ESTENDIDA (POUCO CONTATO E/ OU LAÇO SANGUÍNEO)    ● DANTAS    † FALECIDOS

Quando era criança, ouvi muitas histórias sobre um lugar que imaginava ser encantado. Histórias envolvendo Matintas Pereiras, botos cor-de-rosa, búfalos, pessoas perdidas na mata, quilômetros e quilômetros de água escura, densa e barrenta. A minha favorita não foi contada em um formato de lenda, mas sim como uma memória. Minha mãe, Márcia, conta que o anoitecer na beira do rio era diferente: quando era menina, ela se embalava em sua rede enquanto ouvia os barulhos da mata, dos bichos e, principalmente, do rio. O barulho que ela mais gostava era o dos botos, espécie de golfinho amazônico.

Os botos utilizavam o trapiche da casa onde morava na beira do rio Redenção, no Ganhoão, distrito de Chaves, Ilha do Marajó, para ensinar seus filhotes a nadar. Ela ouvia o barulho de seus corpos mergulhando, além dos sons agudos que produziam para se comunicar entre si. Minha mãe diz que eles só faziam isso à noite, quando ninguém podia vê-los. Quando indaguei como ela sabia que se tratava de botos e não de outros animais, ela disse que os reconhecia pelo cheiro.

— Botos têm cheiro de alfazema, filha. A casa ficava impregnada com esse cheiro na hora de dormir.

Nunca ouvi falar de nenhum estudo que conte que botos cheiram a alfazema, pelo menos não em revista acadêmicas. Nas narrativas orais amazônicas, sabedoria e encantaria se misturam. João de Jesus Paes Loureiro, importante pensador-poeta amazônico, que foi meu professor de filosofia e de uma disciplina muito específica, criada por ele, chamada Tópicos Especiais em Estudos do Imaginário, onde discutimos o que permeia o imaginário de diversos contextos, principalmente na Amazônia. Paes Loureiro diz que no imaginário amazônico, as águas turvas e barrentas dos rios criam em suas profundezas uma espécie de dimensão transcendental, chamada de encantarias. Essa dimensão é o lugar onde habitam seres poetizadores da existência ordinária e cotidiana dos rios<sup>2</sup>. O cheiro de alfazema dos botos de minha mãe chega até mim como algo real e imaginário, simultaneamente. Cotidiano e mágico. Singular.

Além dos encantados, outros personagens habitam as histórias familiares. Pessoas que eu não conheci, mas que eram sangue do meu sangue: minha bisa, Inah; meu avô, Adalberto; o tio-bisavô, Altino. Minha mãe dizia que vô Adalberto costumava deixar tabaco na janela de casa para a Matinta vir buscar. Se não desse o tabaco dela, a família sofria com febres terríveis, principalmente as crianças. A Matinta tinha um assobio muito distinto, reconhecido por todos no Ganhoão. Mamãe conta que se o assobio fosse ouvido de longe, era porque ela estava perto. Diziam ser Matinta as mulheres curandeiras, parteiras, pajés e bruxas, geralmente velhas e sábias. Essa mulher virava bicho. Uma coruja, sempre atenta e vigilante, cortando o céu com nuvens carregadas nas noites quentes da Amazônia.

Na infância de minha mãe, nos anos 1960, o distrito do Ganhoão ficava a 3 dias de barco de Belém. Um lugar sem energia elétrica, nem saneamento básico. Nessa época, também não havia escolas e postos de saúde. Na vila havia um braço regional do cartório maior que ficava na sede do município, coordenado pelo meu avô. Por ser um dos poucos

alfabetizados, Adalberto era o responsável por tirar as certidões de nascimento das pessoas da vila e seus arredores, trazidos ao mundo pelas parteiras-Matintas.

Imagem 3 — Meu avô, Adalberto Figueiredo Cascaes. Década de 1940.



Digitalizado do álbum da família Figueiredo Cascaes em 2025.

Adalberto também era comerciante e fazendeiro. Tinha uma pequena taberna na cabeceira do Rio Redenção chamada Márcia do Socorro, em homenagem a minha mãe. Nossa

fazenda não ficava na vila, mas em um dos milhares de caminhos por entre os rios, chamados de furos, mata à dentro. A fazenda São Benedito era o lar de meus bisavós, Inah e Asclepíades e seus filhos: Raimundinho, o mais velho (filho apenas por parte de pai, mas criado pela bisa Inah); Adalberto, meu avô; Ademar, Aldenora, Socorro, Aurora, Amazonina e Geovergina.

Imagem 4 — Na porta de casa. Na frente, Adalberto (segurando o filho Normélio) e Ademar. Atrás, Aurora (segurando minha mãe, Marcia), Amazonina, bisa Inah, Geovergina e Aldenora. Belém, 1962.



Digitalizado do álbum de Marcia Cascaes, 2025.

Meu interesse pela história familiar foi despertado por uma curiosidade em ver uma foto da fazenda São Benedito, lar das muitas histórias que ouvi. Queria ver como era a casa em que minhas tias cresceram. Foi tia Aldenora, guardiã de muitos tesouros familiares, que me apresentou um álbum antigo, de folhas verde floresta, com dezenas de fotos em sépia, puídas pelo tempo. Sentada na sala da casa onde moro com minhas tias-avós em Belém, folheei o álbum pela primeira vez.

Imagem 5 — Capa do álbum da família Figueiredo Cascaes.



Digitalizado por *Danielle Cascaes* em 2025.

Dentro dele, encontrei o que procurava: a foto da casa. Mas também encontrei uma parte da história da minha família que ninguém gosta de falar sobre, que só de tocar no assunto, deixa todo mundo de mau humor. Ao encontrar o álbum, é como se eu tivesse aberto a porteira da briga familiar, revelando histórias que há muito estavam esquecidas e que muitos faziam questão de apagar afogar.



Imagem 6 — À direita: casa na fazenda São Benedito, no Ganhoão; Adalberto e Ademar na fazenda São Benedito. À esquerda: Adalberto e Maria Rosaura. Década de 1950.





Imagem 8 — Fotos maiores: Fazenda São Benedito, no Ganhoão. Meu avô, Adalberto Figueiredo, ao centro, de chapéu e montado no cavalo. Ao seu redor, primos e tios. Fotos menores: Casa da fazenda São Benedito e meu avô à frente. Década de 1940-1950.



Olhando aquelas imagens, muitas perguntas ecoaram em minha cabeça. *O que aconteceu com a fazenda? Por que não é mais nossa? Ainda temos parentes no Ganhoão? E todas essas pessoas, quem são? Será que eu não estou reconhecendo alguém? Quem é essa menina que parece estar com raiva? Ela é esposa de alguém!?* As duas últimas perguntas foram feitas em voz alta. Silêncio. Tias Juveca (Geovergina) e Mazoca (Amazonina) fingiram que não estavam ouvindo. Tia Dodora (Aldenora), à contragosto, foi quem respondeu (era sempre ela quem respondia essas perguntas difíceis, o que fazia as irmãs caçulas fecharem a cara):

– É teu avô e a Rosaura, filha. Ele tinha dezoito e ela catorze.

Levantei os olhos e olhei para ela, embasbacada. Achei que tinha ouvido errado. Eles eram muito jovens, principalmente a moça. Catorze anos, esposa de alguém. Quase uma criança. Tia Dodora contou que perto de São Benedito havia outra fazenda, cujo nome não sabe. Minha avó morava ali com alguns parentes que tinham condições melhores que as dos pais dela. Ela vivia em um regime

moderno de escravidão, servindo de empregada para os parentes que a criavam, sendo vítima de constantes abusos morais e sexuais. Ela se aproximou de meu avô por volta dos treze anos, quando ele tinha dezesseis.

Nessa hora, minhas outras duas tias lembraram que tinham voz.

– Ela se casou por interesse, nunca gostou dele de verdade. Foi só pra fugir da família – rangeu uma delas.

Minha mente estava a mil por hora, coletando todas as informações que haviam me dado sobre a minha avó durante a vida. Não era muita coisa, mas sabia que ela tinha tido dois filhos com meu avô: tio Normélio, o primogênito, que nunca conheci e que teve uma morte trágica aos 20 anos, vítima de atropelamento, e Marcia, minha mãe, que foi entregue para as minhas tias-avós criarem quando tinha apenas 8 meses. Quando minha mãe nasceu, Maria Rosaura tinha dezesseis anos. Até esse momento, a imagem de minha avó que habitava os meus pensamentos era a que minha mãe e minhas tias haviam implantado: uma mulher adulta, ruim, que abandonou os próprios filhos porque não queria ser mãe. Saber o contexto

em que isso ocorreu mudou completamente a forma como eu a enxergava.

– A escrava é sempre a estrangeira que reside em um lugar e pertence a outro. A escrava é sempre a desaparecida do lar.<sup>3</sup> – As palavras da escritora norte-americana Saidiya Hartman, autora de teorias sobre fabulação em contexto de escravidão, ecoavam em minha cabeça como um disco riscado, se repetindo em loop. A escrava não tem lugar, ela pertence ao outro. No caso de minha avó, ela era escrava da família e depois virou escrava do marido. Uma escravidão em troca de outra, sendo a segunda mais fácil de escapar. E ela escapou. Escapou para não ser escrava dos filhos, que a ressentiam por isso, principalmente minha mãe.

Nesse momento, sabia pouquíssimo sobre ela. Ainda não sei muito. Soube que ela se casou de novo e teve mais dois filhos, outro casal. Lembro de ter conhecido a mulher, Alba, mas o homem, Marden, acho que não conheci. Meu avô também se casou novamente, teve três filhos com a sua segunda esposa, que chamam de Netinha: Lucilene, Socorro e Gerson. Tio Gerson era autista não verbal, em um tempo em

que pouco se sabia sobre o transtorno. Não lembro de tê-lo conhecido, mas soube que ele morreu quando eu era criança. Depois descobri que ele teve mais outros tantos filhos, pelo menos outros três, cujos nomes não sei. Minha mãe não sabe ao certo.

Pensei muito sobre essa conversa, sobre as fotos do casamento, sobre a expressão de raiva que minha avó tem nas fotos.

— Tu fazes exatamente essa cara quando ficas com raiva — me disse Larissa, grande amiga e parceira de trabalho e de vida, ao folhear o álbum. — É a mesma expressão. Igualzinha!

Pensei em Rosaura e em tudo o que sabia sobre ela até então, e vi tudo desmoronar. A imagem que minha mãe construiu ao longo da vida sobre a própria mãe, caiu por terra. Quando pensava na minha mãe sendo abandonada bebê, imaginava uma avó egoísta e, principalmente, *adulta*. Saber que era apenas uma adolescente (recém-saída da infância na escravidão) mudou tudo para mim.

Passei semanas pensando na jovem Rosaura, enquanto conversava com amigas próximas sobre minhas novas descobertas, sem saber muito bem o que fazer com tudo isso. Virou tema recorrente na minha terapia, onde contei e recontei ao meu analista, Felipe, sobre a expressão zangada da recém-casada nas fotos antigas, pois isso foi o que me marcou mais. Eu fazia terapia às 14h nessa época, às terças. Em uma terça qualquer, por volta das 13:30, estava me preparando para ir ao encontro de Felipe quando ouvi alguém batendo à porta.

Coloquei a cabeça para fora para melhor olhar a rua e vi uma senhora. Ela tinha cabelos castanhos, curtos e cacheados. Não a reconheci, tampouco ela a mim.

– Pois não? – perguntei.

– Você quem é? – ela me respondeu com outra pergunta.

– Sou a Danielle – respondi, ainda esperando uma resposta dela, que veio em seguida:

– Venha aqui dar um abraço na sua avó.

Quando penso nesse momento, lembro quase como uma cena de filme. É como se tivesse sido criada uma memória base, como no filme *Divertidamente* ou como a cena do fim do capítulo da novela de sábado, a que congela em um momento bombástico que só irá continuar na segunda-feira. Uma *season finale!* É como melhor consigo explicar esse momento na minha trajetória familiar. Nesse dia, fazia um sol para cada um em Belém, com as temperaturas beirando os 45º de sensação térmica na rua. Rosaura esperava no sol, por fora das grades do nosso portão.

Hesitei. Sabia que minha mãe não gostava dela, mas eu tinha tanto a perguntar. Queria ouvir tudo, saber o que ela tinha a dizer. Tia Dodora foi a primeira que saiu para ver quem batia à sua porta, parando atrás de mim. Não demorou muito para Juveca e Mazoca virem atrás. Quando viram quem era, fecharam a cara. Não queriam deixar minha avó entrar. Rosaura disse: – Torci pra não ser nenhuma de vocês a atender a porta. Só a Aldenora me tratou como gente. Vocês nunca gostaram de mim.

Não estava esperando que o drama fosse começar ainda no portão, mas também não me surpreendi. Olhando para mim, minha avó disse: – Eu só vim pedir perdão pra sua mãe. Só isso – ela segurava as grades escuras com as mãos enrugadas, como se estivesse em uma prisão. E, de certa forma, ela estava. Pedi que ela aguardasse enquanto ia perguntar para minha mãe se ela iria recebê-la. Subi as escadas correndo e abri a porta do quarto da minha mãe esbaforida, e lhe contei quem estava à porta. Minha mãe assentiu, e com o rosto impávido me disse: – Deixa ela entrar.

Levei minha avó para a sala da casa em que sempre moramos, onde ela própria já morou um dia. Ela comentou sobre como a casa estava diferente do que ela se lembrava. Minha mãe desceu, lhe cumprimentou e se sentou ao lado dela no sofá. Sentei-me de frente para as duas, como se estivesse assistindo o capítulo de segunda-feira, sem saber se deveria estar ali ou se deveria deixá-las sozinhas. Fiquei. Ouvi. Quis chorar. Mande mensagem para o Felipe e disse que não iria, já marcando outro dia mais próximo, morrendo de vontade de contar para ele tudo o que estava ouvindo.

Elas conversaram muito, mas minha mãe mais ouviu. Rosaura se explicou, explicou o motivo de ter deixado os filhos, disse que eles não teriam uma boa vida se tivessem ido com ela. Ela fez o que achou ser melhor para eles, e isso doeu muito nela também. Minha mãe ouviu e assentiu. Disse que não guarda mais nenhuma mágoa, e que as tias foram as mães que ela precisava ter. Vi que ouvir isso doeu na minha avó, mas ela aceitou.

– Eu era lambaia em uma casa, filha – ela falava como se sentisse vergonha – era feita escrava. Eles faziam tudo o que queriam comigo, você não tem ideia. Eu não queria que vocês morassem lá, queria outra vida pros meus filhos. E eu deixei vocês com quem eu achei que poderia dar uma vida melhor.

– E deram – minha mãe concordou.

Ouvir ela mesma relatar os relatos de escravidão acabou comigo. Hoje, relembro o momento, consigo comparar o seu relato com mais uma fala de Hartman. Em muitos momentos, relaciono a vivência familiar com os conceitos que ela traz, por mais que esteja discutindo outros

assuntos, em outros contextos. Quando minha avó relata escravidão, a comparação se torna extremamente precisa.

– A definição mais universal da escrava é estrangeira – Hartman relata – Arrancada da família e da comunidade, exilada de seu próprio país, desonrada e violentada, a escrava define com precisão a posição de forasteira. Ela é uma pária perpétua, a migrante coagida, a estrangeira, a criança envergonhada na linhagem.<sup>4</sup>

É isso que via no semblante de minha avó, essa vergonha pela posição que ela estava, esse lugar que nunca é dela (discurso que já ouvi tantas vezes minha mãe fazer de si mesma, e que por vezes, repito). Ela precisava fazer a parte dela e ficar em paz com isso. Espero que ela tenha ficado, pois minha mãe certamente não ficou.

E eu? Eu não sei como me sinto, mas sei que tenho muitas questões sobre esse assunto. Ora, eu não estaria escrevendo esta dissertação se não tivesse questões para resolver. Eu procuro aqui uma forma de compreender e criar a partir disso. Criar, desabafar, encantar. Qualquer coisa.

Imagem 9 — Foto que tirei de minha mãe e minha avó conversando, sem que elas vissem.



Foto: Danielle Cascaes, 2022.

Minha mãe diz nunca ter amado sua mãe, nem quando era pequena. Sentia raiva, depois nada mais. Acho que não sentir nada é pior do que sentir raiva, pelo menos com raiva ainda sente *algo*. Por ela, nenhuma de suas três filhas teria contato com a avó, sequer deveriam considerá-la família. Seu

plano deu parcialmente certo, se não fosse por mim, que, inspirada novamente por Hartman, tento fabular a história de minha avó pelos poucos registros que tenho, e a meu pai, que entre os anos 1997 e 2007 decidiu desrespeitar as ordens da esposa.

João Gabriel, meu pai, não achava certo que as filhas não conhecessem a própria avó. Sabendo que minha mãe jamais permitiria a nossa convivência, ele orquestrava visitas à casa de Maria Rosaura quando minha mãe viajava a trabalho. Na época, mamãe passava muito tempo no interior do Pará, na função de professora substituta, formando novos pedagogos. Ter que ficar longe das filhas era muito doloroso para ela, mas com o esposo autônomo, sem salário fixo, era ela quem sustentava as despesas da família.

Minha avó morava em Icoaraci, um bairro afastado, a cerca de 15km do centro de Belém. Ela ainda mora lá. Não tenho muitas lembranças de sua casa, mas lembro de passar um tempo deitada em sua cama, olhando o altar enorme que ela tinha no quarto. Eram muitos santos, velas, ervas e incensos diferentes. O quarto dela cheirava a umidade e velas

acesas. Suspeito que sua casa era um terreiro, onde ela era a Mãe de Santo. Já ouvi sussurros sobre isso, mas ninguém confirmou. Gosto de fabular que *sim*, ela era a Mãe daquela casa. Talvez tenha encontrado conforto nesse lugar, por não ter conseguido ser mãe dos próprios filhos. Foi mãe de outra forma.

Nessa época, sua casa passava muito tempo fechada, e com a terrível umidade da região amazônica, cheirava a mofo. Ela passava meses fora do Brasil, acompanhando tia Alba, que morava nos Estados Unidos e tinha tido sua primeira filha, Mariana. Lembro de ter visitado sua casa pelo menos três vezes: duas com meu pai e uma com a minha mãe. As memórias se misturam e começam a se fundir, e eu já não sei mais o que aconteceu em cada uma das visitas. Mas o dia mais memorável, foi o dia em que minha mãe foi junto.

Neste ponto da história, começo a fabular de novo. Saidyia diz que fabular não é dar voz a alguém, mas antes imaginar o que não pode ser verificado<sup>5</sup>. Com isso em mente, imagino como deve ter sido a preparação para este evento. Imagino uma ligação, em que Maria Rosaura convida a filha

distante para tomar um café em sua casa, pois ela havia trazido presentes para as netas. Minha mãe teria recusado, mas não tinha coragem de negar às filhas algo que ela não poderia dar. Imagino o quanto a ligação deve ter sido desconfortável para ambas, tentando deixar de lado suas mágoas uma com a outra.

Nessa época, meu pai dirigia um Fiat Palio verde de duas portas, sem ar-condicionado. Desde criança, eu sofro com fortes enxaquecas e náuseas. A viagem para a casa de minha avó, a 15km de distância, em um carro quente no verão amazônico, era o meu pior pesadelo. Lembro de quase não ir, mas a curiosidade levou a melhor de mim. Queria saber o que minha avó tinha trazido na mala, mas também queria conhecer Mariana. Me falaram que nós éramos muito parecidas.

Meu lugar no carro era atrás do banco do motorista. Eu colocava o rosto ao lado esquerdo do descanso do banco, ao lado do cinto de segurança. Nessa posição, o vento da janela aberta abraçava meu rosto, impedindo o enjoo de proliferar. Meu braço esquerdo se esticava até a mão descansar no ombro esquerdo de meu pai, ao volante. Durante os sinais vermelhos, ele se virava para cheirar e beijar minha mão. Ele

dizia que era sua forma favorita de dirigir, comigo em seu cangote. Era minha forma favorita de estar em carros, também.

Dirigimos pela periferia até o enorme bairro de Icoaraci, na beira do rio. A casa de Maria Rosaura tinha um pequeno pátio com plantas e uma cadeira de embalo. Um enorme corredor, com sala e quartos à esquerda e a cozinha ao final, terminando em um quintal com piso de cimento. Ela tinha trazido skates para minhas irmãs, para mim trouxe um patinete e uma boneca que falava inglês. Fiquei em êxtase. Não parava de apertar a boneca, queria ouvir o que ela tinha a dizer, mesmo sem compreender. Só agora, lembrando, consigo compreender algumas de suas frases, outras ainda não consigo. *Mommy, I think I have a fever... can you check my temperature? Thanks, mommy.*

Nem preciso falar do patinete. Passei o próximo ano inteiro indo nas praças da cidade sempre que possível, para aproveitar ao máximo o meu novo brinquedo. Aproveitei mais que minhas irmãs aproveitaram seus skates, pois nunca aprenderam a se equilibrar em cima dele. Gosto de fabular que eu testei o patinete ainda dentro de sua casa, no corredor

enorme. Gostaria de dizer que lembro do rosto da tia Alba, mas só lembro de seus cabelos escuros, pretos como os meus. Também não lembro de Mariana, que na época ainda usava fraldas. Quando penso em Mariana nesse dia, minha memória me mostra um rosto familiar. Fico tentando lembrar se era ela mesmo, mas acho que era eu. Lembro de mim mesma criança e penso ser ela, pois nós somos parecidas. Essa foi a única vez que a vi. Me pergunto se ainda nos parecemos.

Imagem 10 — Pequena Dani ou como eu lembro/ imagino a pequena Mariana. Fim dos anos 1990.



Acervo pessoal. Digitalizado em 2025.

Acho que essa visita foi tão memorável por conta de uma conversa que vi minha mãe tendo com sua meia-irmã mais nova. É importante para a história compreender o tamanho da vaidade de minha mãe, sendo uma de suas características mais marcantes. Vaidosa demais, se importa muito com o que os outros pensam e como a percebem. Quando minha mãe estava grávida de mim, agendou o meu nascimento para acontecer em uma clínica de cirurgias plásticas, pois não queria que a cicatriz da cesárea ficasse feia. Eu fui o único bebê nascido nas Clínicas Integradas até o dia em que fechou as portas, e essa é só uma das histórias absurdas do dia do meu nascimento.

Sendo a mulher vaidosa que é, minha mãe não gosta que perguntem sua idade. Quando tia Alba perguntou-lhe quantos anos tinha, ela fez o que lhe era natural: mentiu. Nessa época, ela devia por volta dos 43, mas disse à irmã que estava com 37. Tia Alba, confusa, falou: – Nossa... eu já tenho quase a sua idade. – Demorou alguns segundos para perceber que a irmã mentia, e quando percebeu, caiu na gargalhada. Achei que minha mãe ficaria com raiva, mas ela riu junto. Acho que

essa foi a única vez que as duas riram juntas. Essa também é a única história que envolve a família de minha avó materna que eu vi minha mãe contar para os outros de uma forma leve, livre de mágoas.

Talvez eu já esteja fabulando sem perceber, pois o que é real e o que é fabulado se misturam de tal forma na minha memória que eu não sei onde uma coisa termina e a outra começa. Penso que talvez não exista o começo de uma e o fim da outra, e sim as duas realidades existindo, entrelaçadas. Pensando em Hartman, em suas narrativas fabuladas sobre mulheres pretas, não consigo não fazer uma conexão com as narrativas que conto. Já me perguntei se devo fazer isso ou não, pois sei que falamos de pontos de vistas diferentes. Mas acredito que o importante aqui não é apenas sobre quem estamos falando (eu, de mulheres Marajoaras; ela, de mulheres pretas/ africanas/ escravizadas), mas sim como nossa ancestralidade foi apagada por querer. Quando Hartman fala sobre Vênus, diz que ela pode ser encontrada em livros de contabilidade de um navio, ou em uma acusação judicial,

sempre do ponto de vista de um homem branco, nunca de seu próprio.

– O que mais há para saber? – diz Hartman – Seu destino é o mesmo de qualquer outra Vênus Negra: ninguém lembrou do seu nome ou registrou as coisas que ela disse, ou observou que ela se recusou totalmente a dizer alguma coisa. A sua história, contada por uma testemunha falha, é extemporânea. Seriam necessários séculos para que lhe fosse permitido “provar sua língua”.<sup>6</sup>

É similar a relação que construo com minhas ancestrais. Antes de Inah, nada mais sei das mulheres da minha família materna. Consigo encontrar os nomes de alguns homens em arquivos de jornais do início do século XIX, mas não sei nada sobre suas esposas, irmãs ou filhas. Sei que elas existem, mas não sei seus nomes, nada. Os homens que encontro no arquivo possuem sobrenomes de famílias portuguesas. Quando olho minha mãe ou quando olho no espelho, vejo traços portugueses, sim, mas também vejo traços indígenas e negros.

– Quem foram as mulheres racializadas com quem eles tiveram filhos? – pergunto. A resposta inventada envereda pelos mesmos caminhos que as respostas de Hartman, a fabulação de memórias a partir de arquivos e na falta de registro das pessoas desimportantes, no afogamento (por vezes literais) de suas histórias.

Imagem 11 — Jornal Folha do Norte, número 297, sexta-feira, 23 de outubro de 1896, município de Chaves.

**2.ª companhia—Capitão, Olavo Alípio Gemaque de Albuquerque; tenente, Jeronymo Emiliano Moraes Alves; alferes, Jeronymo Ruysen Gonçalves da Cruz e José Pedro Gemaque.**

**3.ª companhia—Capitão, Hermogenes Marajolino de Figueiredo; tenente, Edmundo Lucio Cardoso Cascaes; alferes, Euclides de Figueiredo Dias e Theotônio Rodrigues Fóro.**

**4.ª companhia—Capitão, Raymundo Gomes da Silva Magno; tenente, Manuel Alves Gemaque Porto; alferes Raymundo Nonnato Pereira Gemaque e João Marques de Oliveira Britto.**

Digitalizado por Victor Cascaes. 2023.

Imagem 12 — Jornal Folha do Norte, número 297, sexta-feira, 23 de outubro de 1896, município de Chaves.

EMPRIMO LUCIO CARDOSO CASCAES.

# Folha do Norte

SESTA-FEIRA, 23 de Outubro de 1896

Ano 11. — N.º 297.

Bom dia em publicações até as 5 horas da noite.

---

**ESCRITA, REDACÇÃO E OFFICINA**  
Luz da cidade, nº 12, esquina da rua  
Tel. 1000

**ASSINATURAS**  
Para a cidade e arredores, 100 réis  
Para o exterior, 150 réis  
Ano 11. — N.º 297.

**Redacção, Imprensa, e Pósto de Correios**  
Rua da cidade, nº 12, esquina da rua  
Tel. 1000

**ASSINATURAS**  
Para a cidade e arredores, 100 réis  
Para o exterior, 150 réis  
Ano 11. — N.º 297.

---

**UN DISCORSO DE ELABITORE**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**DIA A DIA**  
O Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**Conversa finda**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**DE TOMA A PARTE**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**GRANDES TEMPORES**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**FIN DE ANO**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

**UM CRIME MISTERIOSO**  
A respeito da situação da cidade e do futuro da nossa pátria, o Sr. Elabitore fez um discurso muito interessante, em que expoz as necessidades da nossa pátria e o que se deve fazer para melhorá-la.

Digitalizado por Victor Cascaes. 2023.

Ao olhar o arquivo, penso em Didi-Huberman e em quando ele diz que assim como há forma sem formação, não há imagem sem imaginação. Segundo ele, quando a imagem toca o real, ela não nos oferece apenas essa realidade, mas infinitas mais<sup>7</sup>. Olhar os jornais, os álbuns e até mesmo ouvir as narrativas orais abrem diversas janelas para imaginar e/ou fabular. Penso em tudo o que o arquivo me entrega e no que não me entrega, em seus vazios.

– Cada vez que tentamos construir uma interpretação histórica, – diz Didi-Huberman – devemos ter cuidado de não identificar o arquivo do qual dispomos, por muito proliferante que seja, com os feitos e gestos de um mundo do qual não nos entrega mais que alguns vestígios. O próprio do arquivo é a lacuna, sua natureza lacunar.<sup>8</sup>

É pensando em como o vazio apresentado por Didi-Huberman abre novas temporalidades que começo a pensar nos próximos passos da pesquisa e nas temporalidades que ela abre, inclusive para o futuro. Para quem é que estou escrevendo esta história?

Essa pergunta pode ter diversas respostas diferentes. Eu escrevo para tentar fazer as pazes com familiares conhecidos e desconhecidos, aqueles que não tive contato ou que não tenho uma relação de afeto, como meus avós. No processo de descoberta de parte da história de minha avó materna, ressignifiquei sua presença de formas que não achei que seriam possíveis, mas hoje ela se tornou uma figura importante para a minha narrativa. Também estou fazendo as pazes com meu avô Adalberto, por quem antes eu nutria não apenas uma indiferença, mas um completo desgosto. Nunca gostei da figura dele pelas histórias que ouvi de minha mãe. Achava que ele não gostava dela, então não tinha por que eu gostar dele. Mas durante processo de digitalização do álbum de família, uma das fotos dele caiu. No verso, encontrei um escrito feito por ele.

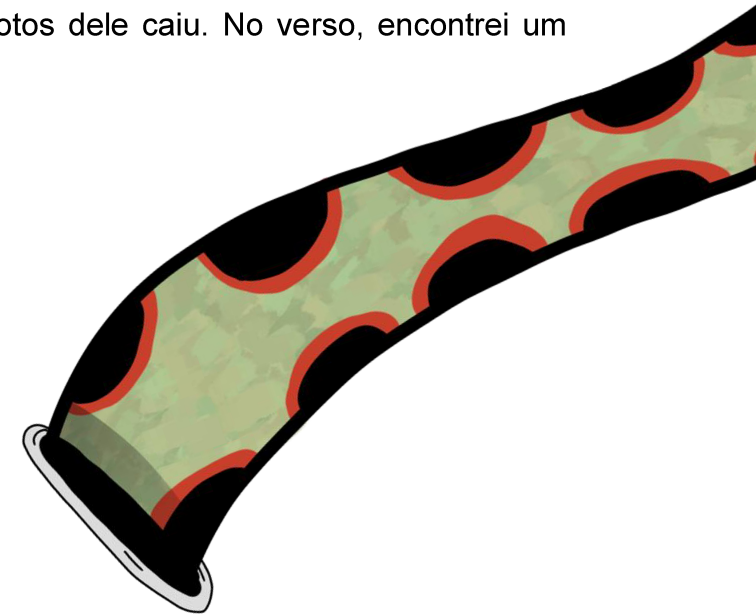
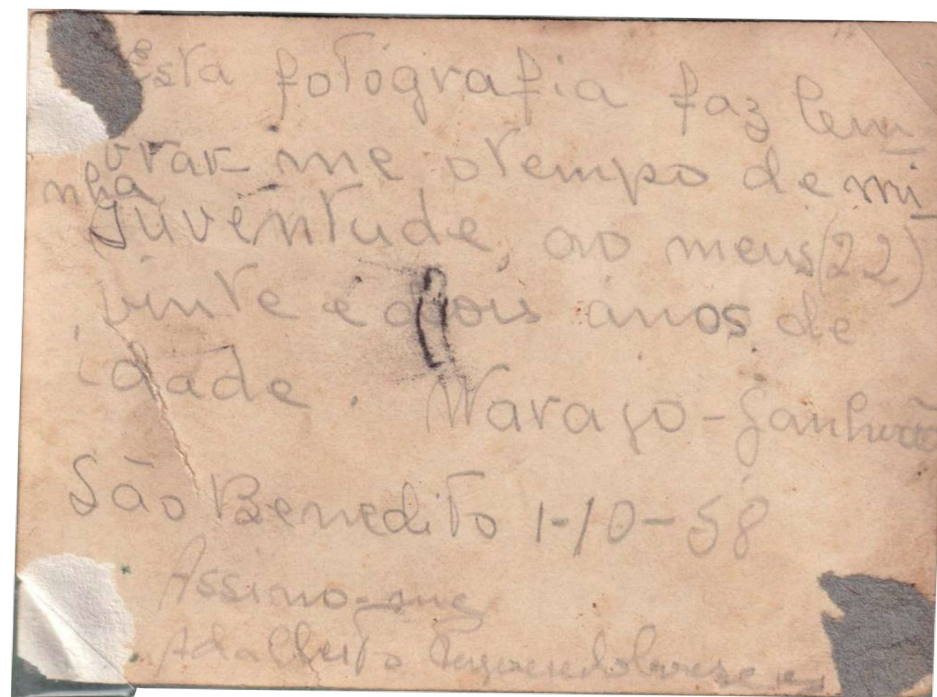


Imagem 13 — Na frente, Adalberto Figueiredo Cascaes. Com a boia, Ademar Figueiredo Cascaes. 1958.



Digitalizada por Danielle Cascaes em 2025.

Imagem 14 — Caligrafia de meu avô, no verso da fotografia. Lê-se: “Esta fotografia faz lembrar-me o tempo de minha juventude, aos meus 22 (vinte e dois) anos de idade. Marajó-Ganhoão- São Benedito, 1-10-58”.



Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

A percepção cliché de que nossos ancestrais um dia foram jovens, mais jovens do que eu sou hoje, me arrebatou. Meu avô, saudoso de sua juventude ao olhar uma fotografia arruinada. A fotografia corroída pelo tempo, gasta, exposta a décadas de umidade, transportada de barco de um lugar para o outro... tudo isso torna o momento registrado ainda mais potente, poético. O estado da memória contribuiu para a reação que tive, como se estivesse me seduzindo. Como diz Simmel:

– O que constitui a sedução da ruína é que nela uma obra humana é afinal percebida como um produto da natureza.<sup>9</sup>

A fotografia arruinada do meu avô é uma obra da natureza, corroída pela umidade Amazônica, em décadas de chuva e calor, sem ser manuseada. Assim como sua caligrafia, arruinada com ele quando morreu, hoje virou outra coisa. Voltou para o campo onde ele nasceu e morreu, junto com seu corpo. As lembranças dele chegam até mim de uma forma ou de outra. Percebo que essa é a primeira vez que as palavras

Colagem feita por mim, 2025.

dele chegam até mim diretamente, sem passar pela boca e pela lembrança de terceiros. Não mais “Adalberto dizia que”. Hoje, foi Adalberto quem me disse que se lembra da juventude no Ganhão, e não outra pessoa falando por ele, como costuma ser.

A história contada por terceiros que mais me marcou é justamente um dos maiores traumas da minha família: a morte do meu tio Normélio. Meu tio era descrito como uma pessoa genuinamente boa. Gentil, carismático, carinhoso com a família. Eu cheguei a perguntar para minha mãe se ela não achava que as pessoas o paparicavam muito só porque era um homem em uma família de mulheres. Ela diz que não, que ele realmente era tudo de bom.





Colagem e digitalização por Danielle Cascaes, 2025.

Tio Normélio era atleta, jogava handball e pretendia tentar carreira nisso. Ele era muito próximo de meu tio-avô Ademar, que foi um pai para ele. No ano de 1978, em um 7 de setembro, minha família viajou para uma cidade litorânea chamada Salinópolis, em uma região que os paraenses se referem como Região do Salgado (parte do estado banhada pelo oceano Atlântico). Minha família estava se preparando para voltar para Belém, alguns iriam voltar de carro e outros de ônibus. Meu tio decidiu voltar de ônibus com o primo Ascle, de quem era muito amigo. Eles foram andando por uma das principais ruas da cidade, caminhando em direção ao terminal rodoviário para comprarem suas passagens, tio Normélio à esquerda (mais próximo da pista) e primo Ascle à direita.

Um motorista alcoolizado voltava da praia nesse momento, perdeu controle do carro e atropelou os dois. Como estava mais próximo da pista, meu tio foi arremessado e caiu a quase dez metros de distância de onde estava. O carro também acertou Ascle, mas não com tanta força, e ele teve apenas ferimentos leves. O impacto fez meu tio quebrar o

pescoço. Não havia nada a ser feito, ele faleceu na mesma hora.

Minha mãe diz que esse foi o pior dia da vida dela. Ela nem consegue se lembrar direito do que aconteceu depois, tamanho o trauma. Eu só soube que eles estavam indo até o terminal porque uma das minhas tias me contou durante o processo de pesquisa, mais de 40 anos depois do ocorrido. Até hoje, minhas familiares têm muita dificuldade em contar o que ocorreu, ainda é muito doloroso. Talvez a pessoa mais prejudicada disso tudo (tirando o falecido, é claro) tenha sido primo Ascle. O estresse pós-traumático do acidente que matou meu tio se desenvolveu em um Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), que dificulta sua vida até hoje. Primo Ascle prefere bicicletas, ônibus, barcos e qualquer outro meio de transporte ao invés do carro. Com o tempo, ele conseguiu abstrair o suficiente para conseguir andar de carro se necessário, mas nunca completamente à vontade. Nunca conversamos sobre o acidente.

Quando meu tio morreu, vô Adalberto estava no Ganhoão. Ele foi para Belém acompanhar o velório do filho.

Minha avó também compareceu. Minha mãe diz que meu tio era muito chegado a ela e que eles tinham uma relação próxima, ao contrário da que elas tinham entre elas. Apesar de ser mais próximo do tio Ademar do que do seu pai, ele também tinha uma boa relação com o pai. Ele tinha uma boa relação com todos, ao contrário de minha mãe, sempre tida como respondona e malcriada (característica que minhas tias dizem que ela também passou para as filhas, principalmente para minha irmã do meio, Giselle). Minha antipatia com meu avô se consolidou nesse momento, pois ele achou de bom tom falar para sua filha adolescente, passando pela maior perda de sua vida (que continua sendo a perda mais sofrida até hoje, segundo ela) que ele gostaria que ela tivesse morrido no lugar do seu filho, pois ele faria mais falta.

Não sei como se sucedeu a conversa depois disso, pois minha mãe nunca me contou, mas não é difícil imaginar. Não sei a resposta que ela deu, mas espero que tenha sido uma resposta malcriada, que tenha dito que ela poderia morrer para ele naquele instante. O que é fato, é que alguns anos depois, no dia de seu casamento com meu pai (que já namoravam no

momento da morte do meu tio), minha mãe não convidou seu pai para comparecer a cerimônia, nem como convidado, muito menos como pai da noiva. Quem entrou na igreja com ela foi sua figura paterna mais próxima: tio Ademar.

Imagem 16 — Márcia sendo conduzida ao altar por tio Ademar, 1982.



Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Tio Ademar foi uma figura por quem eu nutri um carinho enorme, desde o meu nascimento até a sua morte. Inclusive, eu estava agendada para nascer no dia do aniversário dele, 19

de novembro, mas estourei a bolsa alguns dias antes. Ele foi a principal figura paterna de minha mãe, e meio que foi a minha figura de avô. Casou-se com tia Luzia, membra ativa da família Cascaes até hoje. Tiveram três filhos: a caçula, Luciana, a quem dedico este trabalho, era uma das minhas primas mais próximas. Ela gostava de estar conosco e com as tias sempre que possível, sendo figura constante em almoços em dias aleatórios da semana, só pelo prazer de estar conosco.

A filha do meio, Deborah, era estudante de fisioterapia em 1995, quando minha mãe estava grávida de mim. Por ser da área da saúde, ela recebeu autorização para estar na sala de parto junto com a minha mãe. Foi ela quem me pegou no colo pela primeira vez, direto da barriga. Fui apresentada para a família no colo dela

E o filho mais velho, Victor, é meu padrinho. Médico otorrinolaringologista, desde muito cedo cuidou de minhas terríveis alergias respiratórias. O consultório onde atendia junto com a esposa ficava a um quarteirão de distância da minha casa. Tia Mazoca trabalhava com eles, então nos víamos com frequência.

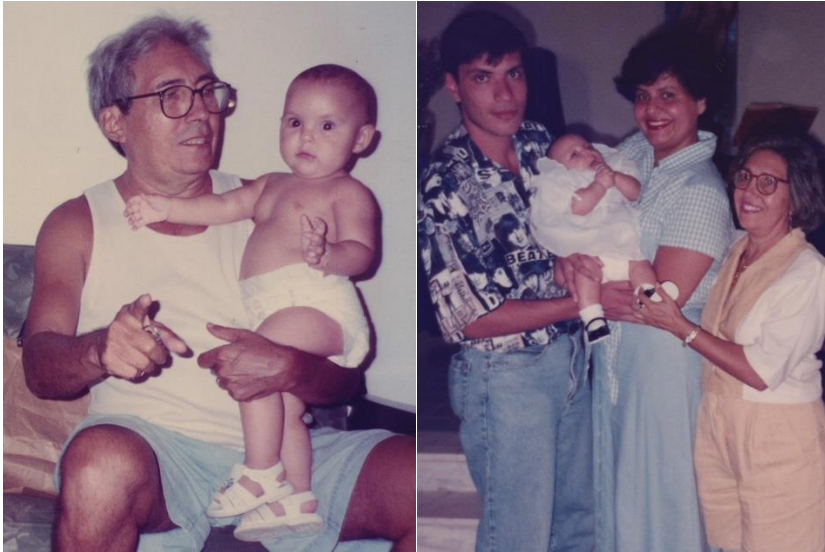
Imagem 17 — Prima Deborah comigo no colo, no meu primeiro Natal, com um mês de vida. Dezembro de 1995.



Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Imagem 18 — Tio Ademar e eu, em seu colo, 1996.

Imagem 19 — Tia Aldenora, Victor Cascaes e sua esposa Ana, comigo no colo, no dia do meu batizado, 1995.



Digitalizadas por Danielle Cascaes em 2025.

A figura de meu avô foi sendo completamente ignorada por mim por muitos anos. Uma vez, lembro-me de dizer para as minhas tias que eu não gostava dele porque ele não gostava de minha mãe. Me arrependi depois, pois entendi que a relação delas com ele era completamente diferente da minha, até

porque nós não tivemos nenhuma relação em vida – ele morreu muito antes do meu nascimento.

Então como ressignificar uma relação com um parente que eu sequer conheci? De quem nunca ouvi muitas histórias, e as poucas que ouvi, falam de uma pessoa que eu julgava ruim? Completamente diferente da relação que tenho com meu tio Normélio, que é alguém que amo mesmo sem nunca ter conhecido, pois sei que ele amava minha mãe. Me vejo, cada dia mais, em uma posição defensiva de minha mãe, tornando-me quase uma mãe para ela. O que é curioso, tendo em vista que nossa relação não é das mais próximas, pois somos muito diferentes.

Comecei a fazer as pazes com a memória de meu avô quando decidi ir ao Ganhoão pela primeira vez. Minha família ficou chocada com a decisão. Primeiro acharam que eu estava brincando e que eu não iria realmente para lá. Quando perceberam que eu falava sério, me acharam uma lunática. Minha mãe se revoltou muitas vezes, disse que não entendia por que eu precisava ir lá. E, sinceramente, nesse momento eu também não entendia. Fui maturando meus desejos e as

questões com o passado de minha família enquanto escrevia o projeto desta dissertação, simultâneo com um projeto que submeti à Funarte, de mesmo nome. Uma noite, durante uma de nossas conversas sobre o porquê de eu querer estudar sobre o Marajó e as histórias de família, minha mãe perguntou:

– Por que é que tu não vais pra Inglaterra e estuda Shakespeare? É muito mais relevante.

– Porque muita gente já estudou isso – respondi – e o tipo de história que eu quero contar tem muito valor hoje em dia.

Ela não acreditou. Continuou tentando me convencer a estudar outra coisa, mas eu estava decidida. Além do projeto de mestrado, adaptei a abordagem e as inscrevi em alguns editais. Para o mestrado, a ideia inicial era criar um álbum fotoperformático próprio, performando momentos familiares que eu não vivi, ou os que as lacunas eram muito grandes, onde precisava fabular. Cheguei a criar algumas séries

fotoperformáticas sobre o assunto, mas elas foram ficando de escanteio com o desenrolar da pesquisa.

Paralelo a isso, criei um projeto onde a intenção era criar álbuns de família com a população do Ganhoão, com a justificativa que a memória contemporânea está em risco, pois as famílias têm maneiras escassas de preservar a memória. Com o avanço dos smartphones, os álbuns físicos foram ficando cada vez mais incomuns. No Ganhoão, a média de smartphones por família é de 1 aparelho, onde são registrados festas, celebrações e cotidiano. Caso esse aparelho quebre, se perca ou algo assim, a memória contemporânea da família é completamente apagada. A ideia de criar álbuns com essa população é uma tentativa de preservar a memória atual, utilizando dispositivos poéticos.

A perspectiva de minha mãe mudou completamente quando o resultado do edital Funarte Retomada – Artes Visuais foi divulgado em 17 de novembro de 2023 (dia do meu aniversário), com meu nome dentre um dos poucos da lista:



Imagem 20 — Resultado do edital Funarte Retomada – Artes Visuais (2023).

NORTE *							
ID	PROPOSTA	PROPONENTE	CONCORRENTE		MÓDULO **	RESERVA DE RECURSOS ***	PONTUAÇÃO
209990	Direito a Memória - Outras Narrativas	Grupo Associativo Picolé da Massa - Da Várzea das Artes	Grupo Associativo Picolé da Massa - Da Várzea das artes	AM	B - R\$ 100.000,00	Pessoa Negra	52
205427	3ª Oficina de fotografia: Faces do Quilombo	Andréia Santos Machado	Andréia Santos Machado	RO	B - R\$ 100.000,00	Pessoa Negra	51,6
204827	<u>Álbum de Família: Fotografia analógica como recurso poético para a preservação da memória marajoara contemporânea</u>	<u>Márcia Danielle Cascaes Dantas da Silva</u>	<u>Márcia Danielle Cascaes Dantas da Silva</u>	PA	<u>A - R\$ 50.000,00</u>	<u>Ampla Concorrência</u>	<u>51,57</u>
211221	I Circuito de Acolhimento e Residência Artística Kujy Ete Marytykwa'awa	Instituto Janeraka - Fortalecimento da Cultura Tradicional Awaete - Assurini do Xingu e Troca de Saberes e Práticas com demais Povos das Águas Terras e Florestas	Instituto Janeraka - Fortalecimento da Cultura Tradicional Awaete - Assurini do Xingu e Troca de Saberes e Práticas com demais Povos das Águas Terras e Florestas	PA	C - R\$ 150.000,00	Pessoa Indígena	51,57
199935	Amazônia Negra: as imagens da Cor do (In)visível	Marcela Fernandes da Silva Bonfim	Marcela Fernandes da Silva Bonfim	RO	C - R\$ 150.000,00	Pessoa Negra	51,37
220309	Arte por toda parte	Antonio Alberto Ferreira da Silva	Antonio Alberto Ferreira da Silva	PA	A - R\$ 50.000,00	Pessoa com Deficiência	49,9
214803	Zumbi Arte	Organizações Culturais da Amazônia-OCA PRODUÇÕES	José Egidio de Araújo Gonçalves	AP	A - R\$ 50.000,00	Pessoa com Deficiência	42,2

Ter o Governo Federal como principal patrocinador do meu projeto pesou muito em todos os aspectos, mas um dos mais importantes para mim, foi a mudança de opinião da minha mãe. Ela ficou surpresa que esse projeto tenha tido relevância o suficiente para ganhar um prêmio como esse, mas também ficou feliz. Passou a acreditar mais na força que o trabalho poderia ter, além de topar falar mais sobre assuntos indelicados, como a morte do irmão. Sobre a mãe, ela ainda não fala.

Escrevi o projeto para a Funarte no mesmo período que submeti meu projeto de mestrado. Para a dissertação, eu havia previsto a criação de um novo álbum da família Figueiredo Cascaes, utilizando as histórias de família como indutoras de fotoperformances, criando um álbum poético. Para a Funarte, a ideia era criar álbuns de família com a população do Ganhoão.

Penso que registrar as pessoas daquela comunidade específica, anotando seus nomes, idades e registrando o seu dia a dia, poderá, um dia, servir de acervo histórico de um lugar tão remoto, que nem energia elétrica possui. Já o álbum físico,

além de dar mais segurança para as memórias ali registradas, também é um dispositivo poético de memória. Folhear um álbum é diferente de olhar as fotos em um smartphone. O toque daquele objeto, muitas vezes velho, rústico, arruinado, trás consigo um universo de possibilidades para quem o folheia.

– A ruína cria a forma presente de uma vida passada, não segundo seus conteúdos ou restos, mas segundo seu passado como tal<sup>10</sup> – diz Simmel, e penso nisso quando penso em qual futuro os álbuns que eu criar terão. Criei o projeto desejando que, daqui cinquenta, sessenta anos, esses álbuns venham a ser um dispositivo de memória como o álbum da minha família é para mim, um jeito de tornar presente o quem um dia já se foi.

A ideia inicial, das fotoperformances, foi ficando de lado. Cheguei a realizar algumas experimentações, inclusive dentro de disciplinas do mestrado, como a Ateliê de pesquisa-criação em artes da cena: laboratório, artesanaria, figuração e mascaramento. Apesar de não entrarem no trabalho agora, penso que seria interessante utilizá-las em uma segunda parte do trabalho: um novo álbum dos Figueiredo Cascaes.

Imagem 22 — Fotoperformance Visagem. Intervenção artística sob fotografia analógica impressa. 2023.



Imagem 21 — Fotoperformance Visagem. Intervenção artística sob fotografia analógica impressa. 2023.



Digitalizadas por Danielle Cascaes em 2024.

Com os recursos da Funarte, consegui agendar minha primeira ida ao Ganhoão, sem saber muito bem o que viria. Sabia que ainda não era a hora de desenvolver todo o projeto, mas sentia que precisava tornar aquele lugar real, não apenas uma história encantada. Com o intuito de me preparar melhor para conhecer o lugar, encontrei os romances de Dalcídio Jurandir, romancista marajoara. Li sobre as árvores que dançam, os rios imensos e campos ainda desconhecidos.

— Um passeio nos campos seria uma viagem pelo mundo, com a bolinha de tucumã pulando na palma da mão<sup>11</sup> — me conta Dalcídio, poetizando ainda mais as imagens mentais que vinha formando ao longo dos anos.

Queria entender quem eram as pessoas que ainda moravam no Ganhoão, o que mudou desde que minha família foi embora de lá. Principalmente, precisava que os moradores do distrito entendessem que eu não era uma simples forasteira com uma câmera na mão, e sim alguém que tem toda a sua ancestralidade fincada naquelas terras molhadas, como muitos que ali residem.

É claro que eu jamais seria lida como uma igual, mas nem era isso que eu queria. É impossível olhar a mulher com a pele mais branca da sua família inteira, vestindo roupas incomuns para aquele local, com os braços expostos cobertos de tatuagens pequenas e grandes e esperar que os moradores de um local tão remoto a entendam como igual. É tolice. Mas eu queria que eles me vissem como alguém familiar, por mais que não me conhecessem ainda.

Antes da viagem, eu, Leoci (meu produtor durante este momento do projeto) e Néia (esposa de primo Asclê, também nascida no Ganhoão e produtora local do projeto), fomos até o barco onde iríamos viajar, chamado José Felipe II. Chegando lá, conheci um punhado de barqueiros ganhoenses, das mais variadas idades. E a forma que eu encontrei para me apresentar foi tão natural que nem pensei muito sobre. Ouvi-me dizer:

– Sou Danielle, neta do Adalberto Figueiredo.

Até eu me assustei com a facilidade que eu me declarei neta dele, da pessoa que, até então, eu alegava mais detestar na história da minha família, mesmo sem tê-lo conhecido. Mas

dizer que eu era neta dele me abriu portas, pois logo percebi que a maioria das pessoas ali conheciam ele, principalmente os mais velhos. Nesse momento, comecei a ouvir histórias sobre a pessoa que ele foi, histórias que eu nunca tinha ouvido antes. Foi conversando com os barqueiros que soube que meu avô trabalhava no cartório. O primeiro a me informar isso foi Seu Carlos, um dos funcionários do José Felipe II.

Imagem 23 — Eu fotografando a embarcação José Felipe II, na Feira do Açaí, Belém/PA.



Foto: Leoci Medeiros, 2024.

Imagem 24 — Eu e Néia (de laranja) conversando com Seu Carlos (na rede) e Vitor (de vermelho).



Foto: Leoci Medeiros, 2024.

Seu Carlos pareceu desconfiado quando me viu pela primeira vez, como todos costumam ficar quando ainda não sabem o que eu quero e quem eu sou. Quando falei do meu avô, ele sorriu. – Seu avô que tirou minha certidão de nascimento – disse, enquanto se embalava na rede atada nas ripas do barco, ainda atracado na Feira do Açaí. – Ele também tinha uma mercearia que ficava na cabeceira do Rio Ganhoão, ia muito lá quando era criança.

Da mercearia, eu já sabia. Minha mãe havia me contado a pouco tempo. A parte do cartório foi nova. Quando voltei para casa (nesse dia tinha ido comprar as passagens hidroviárias, não ia viajar ainda) perguntei sobre esse emprego no cartório para as minhas tias. Elas responderam que, sim, ele trabalhava lá. Inclusive foi ele mesmo quem tirou a certidão de todas as irmãs e de seus filhos. Ele foi o culpado pelo erro de ortografia na identidade de tia Mazoca. Na filiação do documento dela, o nome da bisavó veio escrito Inha, ao invés de Inah.

Seu Carlos foi uma das pessoas que me acolheu melhor no dia da viagem. Néia não conseguiu ir junto, pois estava em tratamento médico. Fomos apenas Leoci e eu. Seu Carlos

conversou comigo, alertou que não seria uma viagem fácil. Eu sabia que não seria, mas não tinha ideia do quanto. As águas do Rio Guamá já são traiçoeiras por si só. Lá pela terceira hora de viagem, o barco começou a balançar muito. Abri o mapa no telefone celular, tentando ver onde nós estávamos. Vi que estávamos na frente da cidade de São Caetano de Odivelas, região do Salgado. Salgado... então o que balançava o barco não eram apenas as ondas do Rio Guamá, mas seu duelo com as ondas do Atlântico. Lembrei de Paes Loureiro, sobre o que disse da última vez que o vi:

– O rio é um velho conhecido, um membro da família, nossa casa. É lírico, poesia pura. Mas o mar... o mar é outro tipo de poesia. Ele é épico, tufão, avassalador.<sup>12</sup>

Estava escuro demais para ver o encontro das duas águas, mas consegui senti-lo no corpo. Não via nada além de um infinito, sem saber onde começava o céu e terminava a água. A lua cheia parecia estar mais perto do que o normal. Olhei para o céu-água, pensando nos encantados que vivem nas profundezas. Me perguntei se eles não estariam mais perto do que o normal.

— As encantarias amazônicas são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios, correspondente ao Olimpo grego, habitada pelas divindades encantadas que compõem a teogonia amazônica — diz Paes Loureiro — É dessa dimensão de uma realidade mágica, que emergem para a superfície dos rios e do devaneio, os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo. Penso que representam o maravilhoso do rio equivalente à poetização da história promovida pelo maravilhoso épico. Esses prodígios poetizam os rios, os relatos míticos, o imaginário, a paisagem — que é a natureza convertida em cultura e sentimento<sup>13</sup>.

Ali, olhando aquela imensidão de água, céu e lua, me perguntei se a boiúna não estaria ali embaixo, balançando o barco. Lembrei-me de Naiá, indígena personagem de uma das histórias que mais me foram contadas no colégio quando era criança. Naiá era apaixonada pela lua, e ao ver seu reflexo na água, mergulhou e se afogou. Mas aqui, na região amazônica, quem se afoga vira encantado. E Naiá encantou-se: virou uma linda vitória-régia.

Passei tão mal na viagem que acabei sonhando com Naiá. No sonho, eu entendia por que ela tinha se afogado. Vendo a lua de tão perto, fez sentido para mim. Em uma noite de sonhos delirantes, meio dormindo, meio acordada, sobrevivi a luta do mar com o rio até o amanhecer.

No dia seguinte, escrevi em meu diário de bordo:

“Passei muito mal durante a noite. Me arrependi mil vezes dessa empreitada. Depois que descobri que ficar no chão enjoa muito menos do que na rede, me acalmei. Passei mais de uma hora dobrada no parapeito, esperando o vômito vir. Veio três vezes. Depois de vomitar um gole de água que eu tomei, me sentei no chão, já sem forças. Dormi sentada, encostada nas vigas do barco, com o rosto para fora. Eventualmente, me deitei no corredor e só acordei na hora que a tempestade começou a me molhar. Desceram uma lona azul para não molhar a parte de dentro do barco, e eu retornei pra minha rede, dessa vez para deitar embaixo dela, no chão. Tive sonhos bizarros. Muitas outras pessoas também estavam no chão ao meu lado, não sei se para escapar do enjoo ou por não terem onde se deitar.”

Foram dezoito horas de Belém para o Ganhoão, onde pelo menos dez foram de maresia terrível. Entendi por que a minha mãe odiava tanto ir para lá quando era criança. Ela sempre falou da viagem e que era horrível (na época dela, era pior ainda, pois demorava três dias no barco à vela) mas eu não imaginava o quanto. A pior parte foi perceber que, dependendo da época do ano, essa viagem poderia ser bem pior. Estremeci com o pensamento.

Chegamos ao Ganhoão, em um lugar chamado Vila São Pedro. É a maior vila do distrito, onde fica uma escola e o posto de saúde. Leoci e eu nos hospedamos na casa de um homem chamado Ivan. Ele construiu sua casa com alguns quartos a mais, pensando em possíveis hóspedes. É a única casa da vila que oferece hospedagem. Deixamos nossas malas e fomos explorar o local.

Não sabia muito bem por onde começar. Leoci me ajudou muito, por ser mais caloroso do que eu. As pessoas tendem a conversar com ele sempre, pois além de simpático, ele é bonito (e homem). Ao conversar com as pessoas, sempre me apresentei como Danielle-a-neta-do-Adalberto. A maior

parte das pessoas com quem conversei no primeiro dia, ainda lembrava dele. Fui até uma mercearia no canto da vila, mais perto do rio que as outras. Lá, vi um homem já muito idoso, sem camisa, com as costelas aparecendo de tão magro. Lhe faltavam muitos dentes. Quando me apresentei e disse de quem era neta, ele respondeu:

– Me chamo José. Você é neta de qual esposa? – indagou.

– Uh, da Rosaura – respondi meio confusa, pois não lembrava que ele tinha tido outra esposa. Ou outras...

– Ah, lógico! – ele disse, me estudando melhor – Tu te pareces com ela.

– Obrigada...? – Não sabia muito bem o que dizer.

– Você conheceu a velha Inah? – Seu José perguntou.

– Não, senhor. Ela faleceu antes de eu nascer. O senhor a conheceu?

– Claro... ela era minha madrinha.

Fiquei extasiada com a nova informação. Minha bisa, apesar de importante na minha genealogia, era alguém de quem as pessoas pouco falavam. Meses mais tarde, já de volta

em Belém, minha mãe me contou que a bisa tinha problemas psiquiátricos sérios. Nunca teve um diagnóstico, era simplesmente “meio doida”. E quem não é?

Enviei uma mensagem para as minhas tias contando que havia encontrado o Seu José, junto com uma foto dele. Elas lembraram dele, de como brincavam juntos quando meninos, nos arredores da fazenda Santa Luzia, lar dos meus tataravós, pais de Inah. Falaram que a bisa tinha muito afeto por ele.



Imagem 25 — Seu José na porta de sua mercearia. Janeiro de 2024.



Foto: Danielle Cascaes.

Nos próximos dias, passei pela vila e seus arredores, por vezes de rabeta (uma canoa com motor, típica da região amazônica). Conversei com as pessoas, ouvi histórias das famílias delas. Também visitei a Fazenda Santa Luzia. O caseiro da propriedade, seu Mimi, me recebeu conversou comigo. Um dos meus maiores receios ao ir para lá era que os moradores pensassem que eu estivesse ali para tentar reaver alguma terra da família, como meu pai fez antes de eu nascer — e, na época, chegou a ser ameaçado de morte. Mas seu Mimi não pareceu temer a minha presença. Me disse que a fazenda pertence a um senhor, primo das minhas tias, que não aparece lá há mais de dez anos (ele também foi ameaçado de morte e acusado de se apropriar de terras).

Na Santa Luzia, fiquei observando uma árvore antiga, cheia de passarinhos japiins fazendo ninhos e se banhando na água da chuva. Ao voltar para Belém, contando que tinha visitado o local, tia Juveca indagou:

– Ainda tem uma árvore onde os japiins fazem os ninhos? Em frente a casa. Eu ficava horas olhando para eles quando era menina.

Ao perceber que, sessenta anos depois, vivemos a mesma coisa, fiquei emocionada. Pensei em quantas vezes ela deve ter observado a árvore, e quantas antes dela. Pensei na bisá, em seu pai, seu avô e em todos os outros ancestrais que viveram ali desde o início dos tempos. Pensei nos encantados, nos que aqui morreram e viveram. Mais que tudo, penso no rio como uma manifestação de todos os antepassados encantados.

– Pela evidenciação da encantaria do rio, passa-se a ver o rio não como rio de uso, mas transformado em uma realidade mágica, a realidade de um mistério gozoso<sup>14</sup> – complementa Loureiro. Sim, o rio é uma parte importante para aquela comunidade e para quem já viveu nela, porque é dele que eles tiram a subsistência, não apenas literal, mas também poética.

Neste mesmo dia, visitei a única prima que eu sabia que ainda morava lá. D. Maria Auxiliadora, irmã mais velha da minha prima mais próxima, Joana Aparecida. Antes de chegar à casa dela, Leoci me perguntou:

– Tu conheces ela? Já viu alguma foto?

– Não – respondi – mas eu vou saber quem é quando olhar.

Eu estava certa. Ao chegar na porta da casa dela, enxerguei um par de olhos que eu conhecia muito bem, que vi a vida inteira. Olhos iguais aos de Joana me olharam sorrindo, criando vincos nos mesmos lugares. A pele dela era mais bronzeada, mas tinha o mesmo tom marrom-avermelhado. Eu a abracei como se a conhecesse, e ela a mim. D. Auxiliadora parecia não saber muito bem o que esperar da minha visita (nem eu mesma sabia) mas preparou um almoço para mim, com ensopado de galinha das que ela mesma criava e açaí colhido do seu quintal e batido na sua casa.

Sentada à janela da casa de madeira, olhei os campos cheios de árvores com açaís aguardando a colheita, cercados por um rio que parecia não terminar mais, com a superfície feita de espelhos refletindo aquele sol de rachar o couro.

— O rio parecia crescer, mundiado pelo sol. Missunga pendurava os olhos nos cachos, ainda verdes, de açaí. No leve vento, sob o céu baixo do estirão, os açaizeiros bailarinos<sup>15</sup> — conta Daucídio, no romance Marajó. Realmente, Missunga.

Sentada ali, aqueles açaizeiros me pareciam dançar uma complexa coreografia, extremamente sincronizada.

Na hora do almoço, conversamos bastante, eu, D. Auxiliadora e Seu Haneman, seu marido. Seu Haneman me contou que é primo de primeiro grau de minha avó Rosaura. Perguntei sobre seus avós (que deduzi que seriam os mesmos) mas ele não soube me dizer. Disse que ele foi criado por um tio, que o registrou, por isso perdeu contato com a parte da família que ela fazia parte. Mas ele ainda carrega o mesmo sobrenome: Brito, o sobrenome que minha mãe fez questão de tirar do nome dela ao se casar com meu pai.



Imagem 26 — Maria Auxiliadora em sua cozinha. Janeiro de 2024.



Foto: Danielle Cascaes.

Imagem 27 — Seu Haneman segurando uma foto de sua família. Janeiro de 2024.



Foto: Danielle Cascaes.

Ao longo dos dias, registrei algumas outras famílias da vila, pessoas com quem conversei todos os dias e senti abertura para pedir para fotografar. Nesse momento, eu ainda não sabia em que formato seriam as imagens do resultado do projeto. Pensei em filme 35mm, mas o custo dos químicos e a falta de habilidade para revelar me deixaram receosa. Enquanto fotografava a família da Rayana (menina curiosa que gostava de observar a gente), lembrei da camerazinha Instax que havia levado comigo. Tirei uma foto com ela, e Rayana e sua família ficaram encantadas ao assistir a foto revelar a si mesma. A partir desse dia, passei a tirar algumas fotos com a Instax de outras famílias também, percebendo que a reação delas ao se deparar com a fotinho era similar.

Imagem 28 — Rayana brincando de fotografia instantânea. Janeiro de 2024.



Foto: Danielle Cascaes.

Imagem 29 — Colagem minha fotografando a família de Rosana e Juliana com fotografia instantânea. Janeiro de 2024.



Foto 1: Leoci Medeiros. Fotos 2 e 3: Danielle Cascaes.

Imagem 30 — Colagem minha fotografando Dona Rosângela, Alberto e Rayana. Janeiro de 2024.



Foto 1: Leoci Medeiros. Fotos 2 e 3: Danielle Cascaes.

Retornei a Belém com algumas das respostas que eu buscava, mas infinitas perguntas mais. Ouvi muita coisa, tanto histórias quanto o vento, as árvores, o som da água, das rabetas. Minha família queria saber tudo. Minha mãe e as tias me sentaram e passaram horas me perguntando sobre a viagem e as pessoas. Percebi que apesar de não quererem retornar para lá, parte delas nunca partiu. Eu as senti enquanto estava lá, de formas que não sei explicar muito bem. Pensar em retornar me assombra e me empolga, e percebi que elas também se sentem assim, mas para elas, o assombramento é maior, talvez por coisas que elas temem me contar.

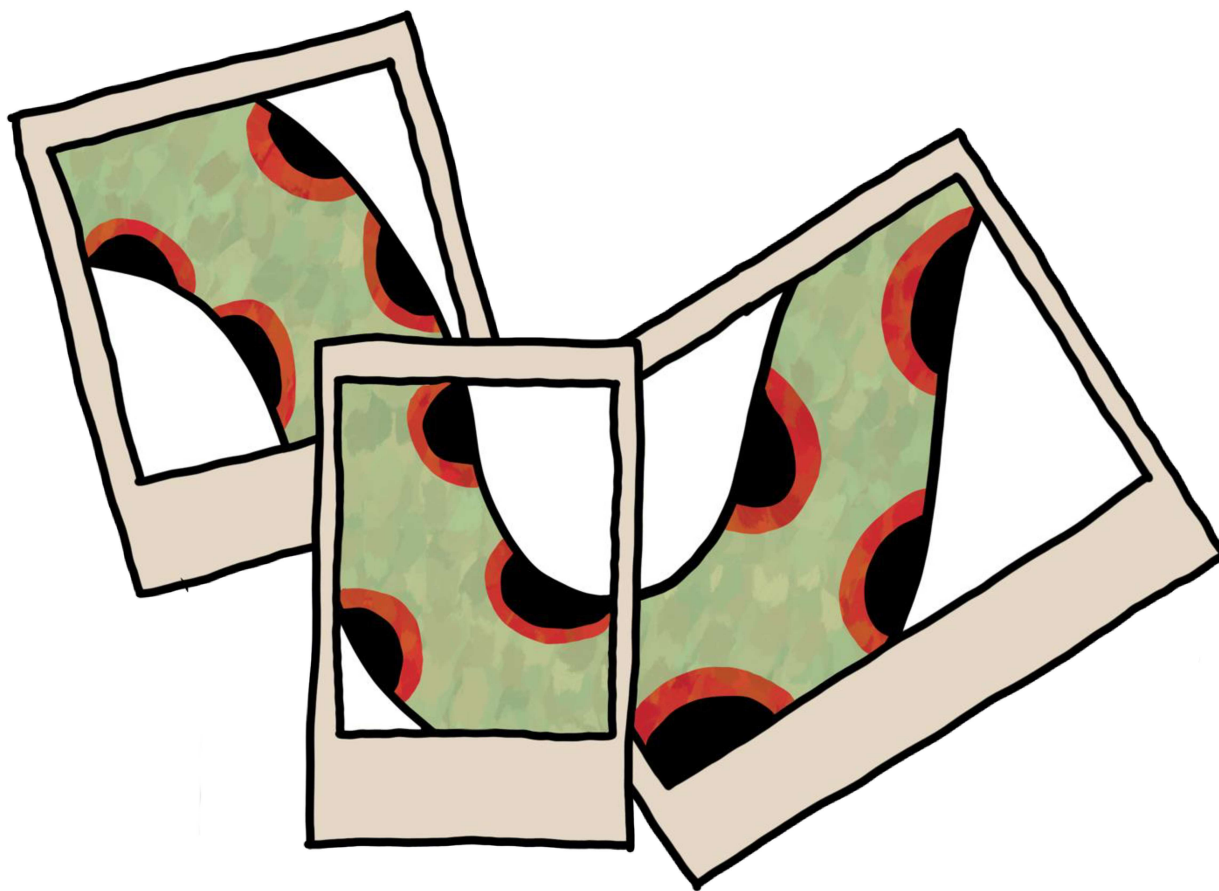
Comecei a pensar em como como iria desenvolver o restante da pesquisa. Enquanto fotografava as famílias utilizando a Instax, pensei se essa não seria uma boa saída. Fotografias instantâneas em álbuns de diversos tamanhos. Criei um pequeno portfólio com as imagens da viagem (as imagens das páginas anteriores, figuras 27 a 33, foram tiradas desse documento) e enviei à Fujifilm Brasil. Uma representante da Instax entrou em contato comigo e se interessou pelo projeto. E assim a Fujifilm virou parceira do projeto, enviando

filmes Instax gratuitamente para que eu fizesse os álbuns na próxima ida ao Ganhoão.

Com as questões logísticas praticamente todas resolvidas, retornei a mesma pergunta que em fiz no início da pesquisa: para quem é que eu faço essa pesquisa? Será que é por mim? Pelas tias? Temo muito que a história delas e do lugar que elas nasceram desapareça. Temo que assim como migramos do Ganhoão para Belém, a migração de Belém para o sudeste (que já ocorreu) apague completamente as nossas raízes marajoaras. Então é para futuras gerações que eu faço essa pesquisa? Talvez. Acho que eu faço um pouco para todas nós: para quem veio antes, para quem está aqui agora e para os que ainda vão vir.



## O registro do outro como dispositivo de memória



Meu olhar é espelho d'água  
No Rio, a história se vai  
Só fica a memória da floresta  
Os passos do encantado

Quero registrar o inanimado  
Um mergulho nas páginas em branco  
Da minha própria história

Não quero esse álbum na parede  
Quero sentir na veia  
O aconchego da rede  
Que nunca ninguém balançou

Deixa-me te lembrar da tua  
grandeza  
No meio da mata és feiticeira  
Tem curumim e benzedeira  
E eles não se deixam retratar

Mas tu segues na maresia  
Consegues ver lá longe o fim do  
rio  
Que também é teu destino

Deixastes pedaços de esperança,  
Não estão mais sozinhos  
Por tantas famílias,  
Um único caminho.

Márcia Dantas<sup>16</sup>





vila são pedro

igakapé  
recanto

igakapé do seco

vila nazari

Rio ganhoão

Alto Rio ganhoão



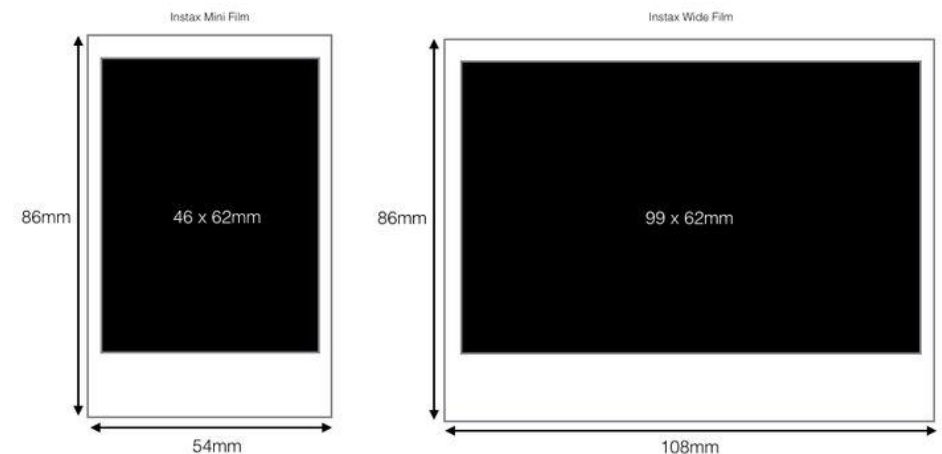
Após o retorno à Belém, no início de fevereiro, planejei o retorno ao Ganhoão para o mês de agosto. Porém, muitos percalços se seguiram: primeiro, a greve dos professores e técnicos das universidades, bagunçando o calendário acadêmico. As disciplinas que antes terminariam em julho, agora iriam terminar em setembro. Adiei, então, a viagem para setembro. Ao chegar em Belém, fui engolida pelo dia a dia familiar, que desta vez foi mais cruel: minhas três tias adoeceram, duas de forma muito grave, quase mortal. A cereja do bolo foram os animais adoecendo também, meus três cães, todos ao mesmo tempo. A viagem que era para ser em agosto, passou para setembro, depois para outubro, depois para dezembro.

Em dezembro, estava com tudo preparado. Passagens compradas, malas arrumadas, todo o material separado. Comprei álbuns pretos simples, com páginas de papel cartão, capa e contracapa mais rígidas e grossas, medindo 18x12,8cm. Minha mãe e eu passamos semanas colando as cantoneiras que segurariam as fotos impressas nos álbuns,

para que eu não precisasse fazer isso na hora de montar os tudo com as famílias.

Comprei impressoras em dois formatos Instax: mini e wide. Para o formato mini, comprei a Instax Mini Evo, que funciona tanto como impressora, quanto como câmera. Por ter uma qualidade de imagem inferior à câmera digital que utilizo (Fujifilm X-H2), utilizamos apenas a função impressora. Para o formato wide, comprei a impressora, Instax Wide Mini Link.

Imagem 33 — Guia de tamanho dos formatos Mini e Wide.



Fonte: Analog Wonderland. 2023.

Antes da viagem, testei o sistema de fotografia e impressão durante a festa de aniversário de um aninho do bebê de uma amiga, para ver se daria certo. A ideia era fotografar as famílias com a X-H2 e transferir as fotos do cartão de memória para o iPad, onde os aplicativos Mini Evo e Wide Link já estariam conectados às suas respectivas impressoras. Assim, depois de finalizar os registros, passamos para a parte das impressões. Esse sistema deu bastante certo, pois os fotografados conseguiam escolher quais fotos queriam que fossem impressas e acompanhar seu processo de impressão, que sempre fazia sucesso, principalmente com as crianças.

Também mandei confeccionar um carimbo com a logo do projeto, decorando as capas dos álbuns com uma tipografia tipicamente marajoara, também feita pela amiga designer Cynthia Nunes.

Imagem 34 — Capa carimbada dos álbuns de família.



Digitalizada por Danielle Cascaes em 2025.

Estava tudo lindo, perfeitamente organizado.

Bom, tudo menos eu.

No dia 3 de dezembro, dia da viagem, passei o dia inteiro organizando freneticamente as coisas dentro das malas. Como o barqueiro decide sair no dia que ele bem entende, soube na manhã do dia 3 que o barco partiria naquele dia da



Feira do Açaí, às 18h. Ainda faltava comprar algumas coisas, como alimentos para levar na viagem. Fiz tudo na correria, indo de um lado para o outro, nervosa de não dar tempo e com medo da viagem. Nos meses entre agosto e dezembro, a navegação fica mais perigosa por conta dos fortes ventos. Em 2024 estava especialmente difícil, pois as chuvas ainda não haviam chegado, deixando os leitos dos rios mais secos que o normal, tornando a viagem mais longa e perigosa.

Cheguei em casa meio sem fôlego. Havia ido buscar os cartões de visita com o meu contato para entregar para as famílias no Ganhoão. Mal almocei e já fui entrando no carro de novo, pronta para ir ao supermercado. Nessa hora, a chuva caiu com tudo, dificultando a minha visão atrás do volante. Na saída da garagem da minha casa, bati o carro na moto do meu vizinho da frente. Ao dar ré, bati o carro no portão de casa, tirando-o do trilho. Fiquei os próximos 20 minutos tentando consertar tudo o que eu havia batido em um intervalo de 30 segundos, ficando cada vez mais nervosa e trêmula, embaixo da chuva grossa. Desisti de ir ao mercado, subi para o quarto e fui terminar de arrumar as malas, chorando copiosamente.

Nesse momento, minha mãe entrou no quarto e me segurou pelos ombros. Tentou me acalmar, disse para eu respirar, mas eu só fiquei mais nervosa. Minha mãe então ligou para a Néia, que dessa vez iria viajar comigo para me ajudar na aproximação com as famílias da comunidade. Como ela é professora concursada do município de Chaves, conhece todas as famílias que moram nos arredores, ensinando suas crianças. Ouço a voz de Néia saindo do viva-voz do celular de minha mãe:

– Márcia, eu não estou com um bom pressentimento. Acho que não é bom ela ir.

– Eu liguei para te dizer isso – disse minha mãe – ela está muito nervosa, não tem condições de viajar e trabalhar assim.

– Ainda não tá boa a navegação pra lá, ela vai sofrer muito na viagem. Os rios estão secos, a comunidade está sem água própria para banho. Em janeiro já deve estar chovendo mais, o rio mais alto, tudo vai estar melhor. Diz pra ela não se preocupar que eu vou com ela em janeiro.

Ouvi a proposta com atenção. Muito da minha pressa de ir em dezembro, era que a Néia poderia ir comigo. Ouvir que ela poderia em janeiro também me deixou mais calma. A proposta me fez colocar as coisas em perspectiva. Me preocupei com o prazo de finalização do projeto da Funarte, que deveria ser em dezembro, assim como os prazos do PPGArtes. Mas percebi que eu realmente não tinha condições de realizar a viagem no estado que eu estava. Derrotada e chorosa, concordei com a nova data. Tudo o que eu poderia fazer até janeiro era esperar. E, claro, agendar sessões extras de análise com Felipe, além de uma nova visita ao psiquiatra.

Lembrei do que Deleuze disse de Foucault:

– É sempre por via de uma crise que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha.<sup>17</sup>

Lembrei que um dos exemplos citados por ele é, inclusive, a linha de pesca. Logo ela, extremamente rizomada, capaz de envolver muita coisa de uma vez. Penso que, se tivesse optado pela viagem em dezembro, cheia de contratempos, eu estaria tentando abraçar o mundo com as pernas. A linha de pesca ia rasgar, parte do trabalho ia se

perder. É melhor ir com calma, para pegar mais peixe. Por isso, passei o mês de dezembro desemaranhando as linhas da caótica vida em família e de todos os outros trabalhos que aparecem fim do ano, pensando nas novas dimensões que a pesquisa poderia atingir.

– Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. – Diz Deleuze – É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal.<sup>18</sup>

Tive tempo para me preparar melhor para a viagem em janeiro, já mais emocionalmente estável. Passei esse tempo preparando e desemaranhando a rede de pesca. Sonhando com o que viria, desejando os melhores desdobramentos. E me cuidando, para não padecer de novo.

Janeiro finalmente veio, e agora mais tranquila, embarquei rumo ao Ganhoão. Além da Néia, levei comigo outro produtor, meu grande amigo Odin. Na volta da primeira viagem,

Leoci me disse que não iria mais viajar comigo. A viagem de volta, que foi pior do que a de ida no quesito maresia, o deixou extremamente fragilizado e nervoso. Ele diz que realmente achou que fôssemos naufragar e morrer afogados, e Leoci não queria virar encantaria ainda. A desistência dele me deixou chateada e insegura, pois confio muito no trabalho do Leo. Mas entendi que ele não se sentiria bem indo novamente, e acabaria não fazendo um bom trabalho. Odin foi comigo super empolgado, destemido. Nenhuma história de maresia intensa o abalava. Aos poucos, fui recuperando parte da segurança que a saída de Leo havia levado.

Embarcamos no mesmo barco que fizemos a viagem no ano passado: José Felipe II. Nossa viagem iniciou às 18h. Como viajamos em barcos privados, o barqueiro decide a hora de sair. Depois eu entendi que “barco privado” na verdade significa “barco ilegal”. São barcos de carga, que geralmente transportam açaí, e o dono do barco faz uma renda extra levando em média uns 100 passageiros, saindo de noite para evitar que a guarda costeira veja o barco lotado. Enquanto

estávamos navegando, pensei no que diz Ernesto Bulhosa, sobre uma de suas viagens ao Marajó:

– De volta pra casa, ventos traiçoeiros, indo e vindo. Uma hora estava de um lado, depois estava no outro. Ventos frequentes que mudavam de lado a todo o instante. Esses ventos sempre chegavam de surpresas. Não demorou muito, nuvens negras. Arriou um pampeiro. Um verdadeiro toró.<sup>19</sup>

E foi exatamente isso que nos aconteceu. Dentro de um barco lotado, em uma escuridão sem fim, uma ventania trouxe uma tempestade que nos pegou no meio da travessia de Belém para Soure. Essa travessia é uma velha conhecida dos paraenses, principalmente dos marajoaras. Centenas de barcos já afundaram indo de uma cidade a outra, matando milhares de pessoas. O problema se agrava quando o barco fazendo a travessia é como o nosso: ilegal. Sem os meios de comunicação corretos, um naufrágio se torna ainda mais mortal, pois as redes de telefone não funcionam no meio do rio, impedindo os passageiros e tripulantes de pedir socorro. Por ano, acontecem de três a cinco acidentes no trajeto Soure-Belém, criando um cemitério de barcos na baía do Marajó e

transformando milhares de vítimas em encantaria, do jeito mais trágico e não poético possível. Em um de seus romances sobre sua ilha de origem, Dalcídio Jurandir disse:

— Ali, na baía de Marajó, Cristo não aparecia. Vinham, lentas, palavras da oração: “... para me desterrar de todos os inimigos. De todos os malefícios, de morrer... DE MORRER AFOGADO. Na barca de Noé, eu me tranco.”<sup>20</sup>

Me peguei repetindo essa oração algumas vezes durante as quatro horas de mareas intensas na travessia de Belém para Soure, sofrendo com náuseas e vômitos. Só de lembrar, sinto o corpo balançar no ritmo do barco. Felizmente, próximo da meia noite, o piloto decidiu aportar em Soure e esperar a tempestade passar. Se ele tivesse seguido, as quatro horas de maresia provavelmente se tornariam doze, vinte horas. Com o barco já imóvel, dormimos.

Às cinco e trinta da manhã, seguimos viagem.

A segunda parte da viagem, o trajeto de Soure até a ponta da Ilha do Marajó, durou cerca de dez horas. Quando o

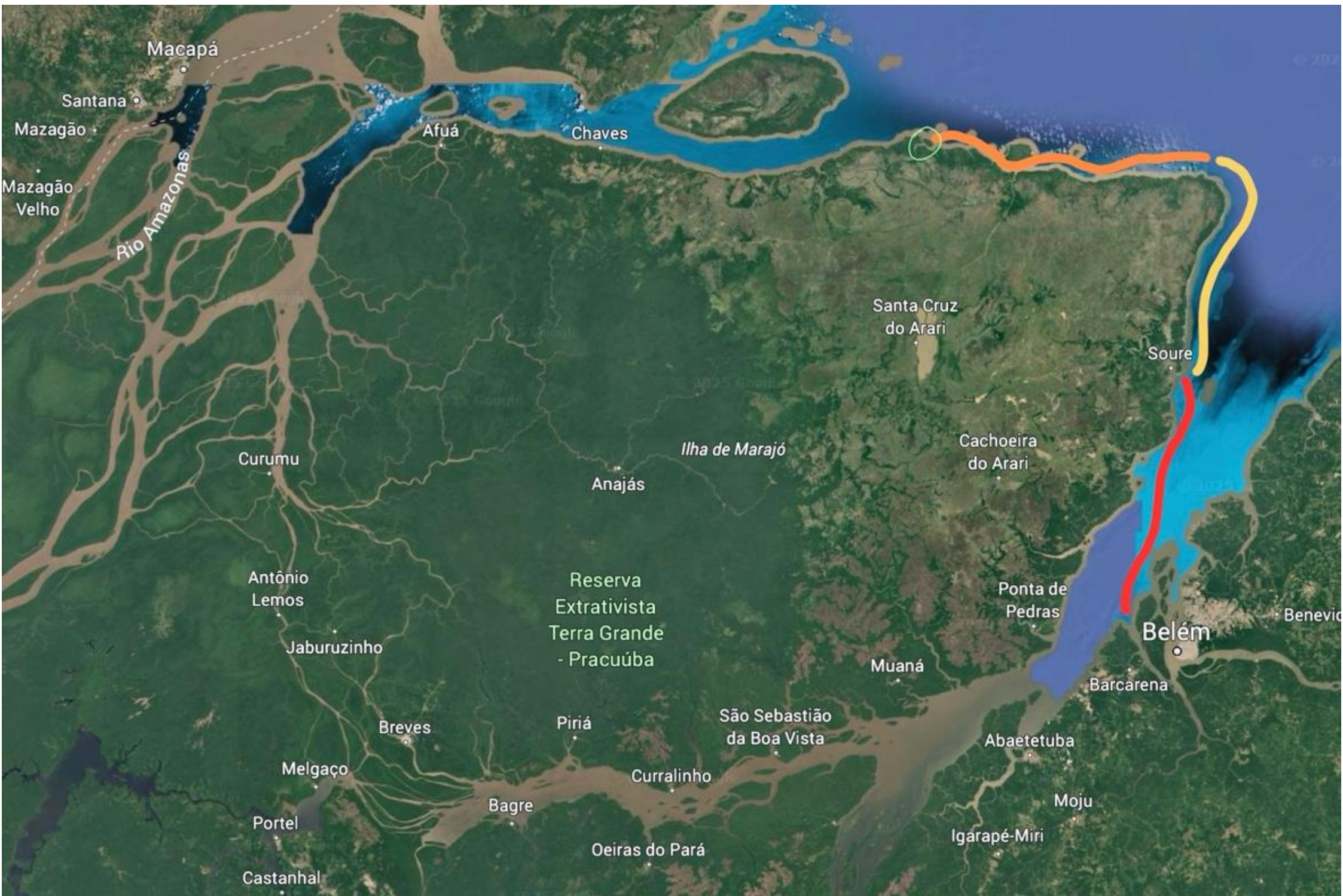
barco chega até a “ponta” da ilha, ele muda de direção. Esse momento é chamado de “montada”, como se o barco fosse um homem montando em um búfalo selvagem, que é a ilha.

– Vai montar! – grita o piloto, e todos observamos o barco começar a girar.

Já montado, começa a terceira e última parte da viagem, o trajeto da ponta do Marajó até o Ganhoão, que felizmente foi tranquila. Vamos parando em algumas ilhas ao longo do percurso, até aportar no nosso destino: a Vila São Pedro. Por conta da chuva e da pausa que demos em Soure, o percurso completo durou vinte e quatro horas.



Imagem 35 — Mapa da Ilha do Marajó, via Google Earth. Em vermelho, o trajeto Belém-Soaré; em amarelo, Soaré até a ponta da ilha do Marajó; em laranja, da ponta ao Ganhoão. Linhas traçadas por mim, 2025.





Chegamos às 18h, desesperados para tomar banho e comer. Passamos algumas horas arrumando o que iríamos utilizar no dia seguinte, caso saíssemos para fotografar. Mas o plano para o primeiro dia de trabalho era sair andarilhando pela vila, revendo moradores, combinando dias e horários para as fotos. Bater papo e rever conhecidos se mostrou uma parte importante do trabalho, pois percebi que muitos achavam que nós não voltaríamos mais depois do último janeiro.

— A senhora disse que voltaria em agosto. Quando não veio, achamos que tinha desistido — me disse Ivan, dono da hospedaria.

Expliquei os contratempos que tive com família, trabalho e universidade, mas assegurei-o que nunca pensei em não voltar.

Tivemos esta conversa no bar que Ivan mantém na beira do Rio Ganhão, perto de onde os barcos aportam. O dia da chegada do barco de Belém movimentava demais a economia da vila, e acaba virando uma pequena festa. Odin percebeu que, enquanto conversava com Ivan, os outros frequentadores do bar estavam em silêncio, ouvindo a nossa conversa. Ele achou

que as pessoas também queriam saber o motivo da nossa demora, mas não quiseram perguntar.

— Ixi, quando vocês foram embora da outra vez, todo mundo me perguntou se eu te conhecia — Néia falou durante o jantar. — Devem ter te achado esquisita! — ela disse, rindo.

Dois dias depois da fase inicial de socialização, partimos para fotografar a primeira família. Dona Emília, amiga de Néia, se mostrou interessada em ter um registro impresso das netas crianças. Caminhamos até a casa dela, percebendo que em sua varanda, havia uma rede de pesca embolada. Esse objeto iria se repetir em várias fotos nos próximos dias. Nas fotos, a rede deixa claro que naquela família existem pescadores. Para mim, a simbologia é outra.

A família dela, composta por quatro gerações diferentes, posou para fotos individuais e coletivas. Eles estavam um pouco tímidos, sem saber muito bem como posar e o que esperar. Tentei deixá-los confortáveis, mas entendo que é

difícil, principalmente para quem não está habituado a câmeras.

Essa também seria a nossa primeira vez montando um álbum para uma família. Percebemos, aliviados, que as cantoneiras pré-coladas funcionaram. Foi tentando encaixar as fotos nas cantoneiras que eu percebi que tremia. Estava nervosa, mas também ansiosa para realizar o trabalho que antecipei muito. Depois de todas encaixadas, foi a hora de testar a corda que amarrava as folhas umas nas outras. Odin passou um dia inteiro tricotando a corda prateada para os álbuns, que também funcionou perfeitamente.

A parte final da sessão de fotos é a mais delicada: as autorizações do uso de imagem. Para que eu possa utilizar as fotos nessa dissertação ou em qualquer outro lugar, é preciso que cada pessoa assine um documento autorizando. Isso causa bastante constrangimento, pois percebemos que no Ganhoão, a quantidade de pessoas adultas não-alfabetizadas é enorme. Para facilitar, Odin pedia a identidade ou certidão de nascimento de cada pessoa fotografada e preenchia todos os

campos iniciais, pedindo apenas a assinatura ao final do documento. Isso tornou o trabalho mais eficiente, e Néia fazia questão de frisar que era apenas para que as fotos pudessem ser expostas no trabalho depois. Compartilhar dados pessoais com estranhos é sempre delicado, então tomamos todo cuidado possível. Quando alguém não assinava, gravávamos um áudio ou vídeo da pessoa autorizando o uso de sua imagem. Esses documentos podem ser consultados no Apêndice A desta dissertação.

Entreguei o primeiro álbum do projeto para Dona Emília, e ela pareceu ficar feliz com o resultado. Deixamos sua casa e retornamos para a hospedagem de Ivan, sem deixar de perceber que Dona Emília foi mostrar o álbum que fizemos para seus vizinhos, sorrindo.



Imagem 36 — Colagem de Família da Dona Emília. Abaixo, Rute (esquerda) e Maria Júlia (direita).



Fotos: Danielle Cascaes, 2025.

Ainda na Vila São Pedro, seguimos pelos trapiches estreitos até a casa de Marco e Lúcia. Seus filhos, Rafael e Messias, são alunos de Néia. Odin e eu fazíamos piada dizendo que não conseguimos apreciar a paisagem natural do Ganhoão durante nossas caminhadas, pois estávamos sempre olhando para baixo.

— Da única vez que eu olhei pra frente enquanto andava no trapiche, eu quase caí! — falei, rindo.

A andada até a casa da família de Marco e Lúcia foi difícil, mas enfim, chegamos ao nosso destino.

Imagem 37 — Colagem da Família de Marco. À esquerda, Lúcia, Rafael, Messias e Marco. À direita, Marco. Janeiro de 2025.



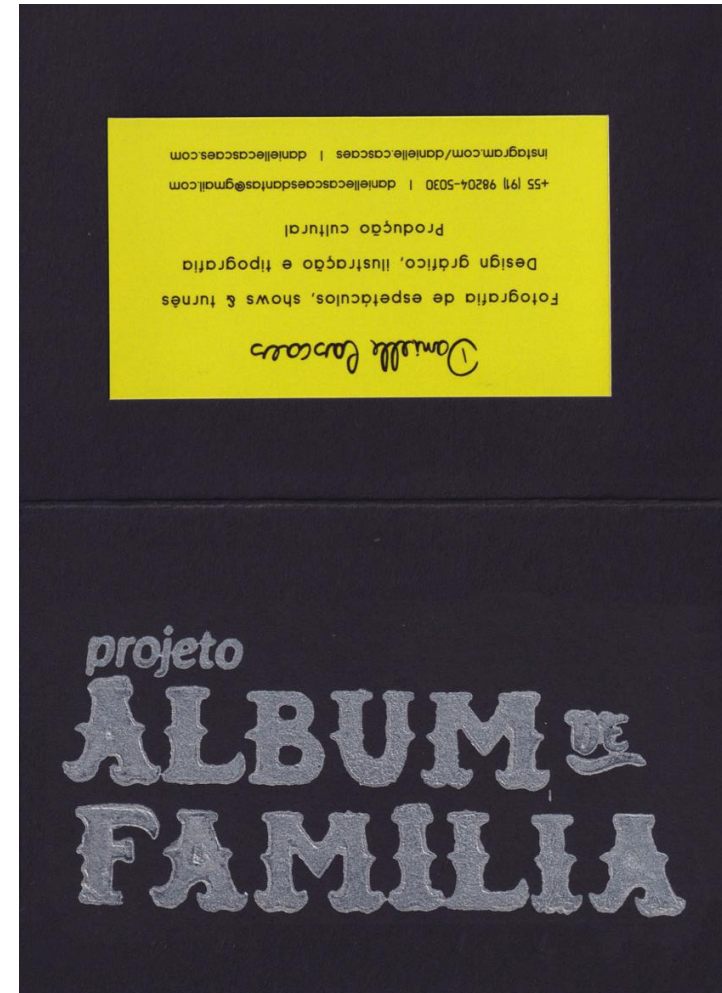
Fotos: Danielle Cascaes.

Seguimos por trapiches ainda mais estreitos em direção a comunidade que vive no Rio do Recanto, nos arredores da Vila São Pedro, um pouco mais a frente da casa da família de Marco. Era uma caminhada de cerca de vinte minutos de onde estávamos hospedados. Lá, fotografamos as famílias da Dona Raimunda e da Dona Socorro, que se misturaram muito, com muitas crianças sendo netas de ambas.

Enquanto fotografava essa família, percebi pela primeira vez a necessidade de termos álbuns de dois tamanhos, pois famílias grandes possuem núcleos familiares menores, formados por três ou quatro pessoas, e montar um álbum para cada núcleo seria um gasto enorme de material, e nós tínhamos uma quantidade limitada de álbuns para montar.

Foi então que começamos a montar álbuns menores: juntando uma ou duas folhas dos álbuns maiores, dobradas ao meio e, quando necessário, costuradas. Carimbamos a frente com a logo do projeto e colamos um cartão de visita com os meus dados na parte de trás. Esse mini álbum tinha espaço para até duas fotos grandes ou quatro fotos pequenas. Geralmente, utilizamos uma grande e duas pequenas.

Imagem 38 — Capa e contracapa da versão menor do álbum de família.



Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Para esta família grande e cheia de crianças, fizemos dois álbuns grandes: um para Dona Raimunda e outro para Dona Socorro, com suas fotos individuais, mais as fotos de suas filhas e seus netos. Para as filhas, mães das crianças, montamos cinco álbuns menores, contendo suas fotos individuais e outras de/com seus filhos.

Imagem 39 — Colagem da família de Dona Socorro (de vermelho) e Dona Raimunda (atrás). Em cima, as duas com suas filhas, netas e bisnetos. Abaixo, Naiane e Davi. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

No outro dia, pela parte da manhã, fomos ao Igarapé do Seco fotografar a família do Charles. A comunidade que vive

ao redor desse igarapé é pequena, com cerca de vinte famílias. Fica bem próximo da Vila São Pedro, inclusive acessível por terra. Porém, os trapiches que conectam os dois locais estavam apodrecendo, tornando a jornada perigosa para quem não está acostumado com o local, como Odin e eu. Por isso, Charles nos buscou de rabetá, nos salvando dos trapiches estreitos.

Imagem 40 — Colagem da família de Charles, Luan (Batman), Luenzo e Luciane. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Ao terminar as fotos, Charles nos levou até a Vila Nazaré, uma pequena comunidade que fica de frente para a

Vila São Pedro, do outro lado do rio Ganhoão. Lá também tem uma escola, onde Néia deu aula lá algum tempo. Ela entrou em contato com a família da Eliane, uma moradora que ficou sua amiga. Sua casa é de madeira crua, sem ser pintada, mas possui lindos detalhes cravejados, com corações decorando toda a parte da varanda.

Imagem 41 — Colagem da família Foro. À esquerda, Eliane, Dona Edite, Camila e Seu Big (Raimundo). À direita, Dona Edite. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Fotografamos Eliane, seu esposo, a filha e a mãe. Quando Odin e eu estávamos preenchendo as fichas de autorização de uso de imagem, percebemos que eles têm o

mesmo sobrenome de uma grande amiga de Belém, a Vandiléia Foro. Conseguimos uma conexão wi-fi na casa da família e enviamos as fotos para Vandi via WhatsApp. Recebemos a resposta antes de finalizar o serviço: a mãe de Eliane, Dona Edite, é prima da mãe da Vandi.

Finalizado os Foro, seguimos para a casa da Dona Joana. Mãe de três filhas, Jane, Josi e Naza. Lá, criamos um dos maiores álbuns da viagem, com fotos de todos no álbum da matriarca, um álbum grande para a filha mais velha, Naza, e outros dois álbuns menores para as outras filhas, Jane e Josi.



Imagem 42 — Da esquerda para a direita: Juan, Jane, Isis (no colo), Dona Joana, Biele e Josi (grávida de Joebe). Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

Fomos por dentro da casa de Dona Joana em direção ao seu quintal, onde mais um trapiche estreito nos aguardava. O trapiche dava dentro da casa de Josi, grávida de oito meses de Joebe, seu segundo filho com Denilson.

Denilson faz de tudo um pouco. Um de seus afazeres é capinar o cemitério da comunidade. Ele me contou que um dos túmulos rachou ao meio e uma árvore cresceu em cima dele, selando-o com suas raízes.

– Seja lá quem for que está enterrado, alguém não quer que ele saia! – disse Denilson enquanto segurava uma xícara de café.

– E vocês nunca descobriram de quem é o túmulo? – perguntei.

– Descobrimos... – Denilson respondeu, meio reticente. – Não se chateie, Dona Dani. Mas é o túmulo do Seu Adalberto. Acho que a mata prendeu ele porque ele era muito péssimo. Desculpe a sinceridade.

– Não precisa pedir desculpas – assegurei – eu não tive nenhum contato com ele, nem o conheci. Pode ficar sossegado.

– É – ele pareceu mais tranquilo – ele não era de todo ruim. Ele recebia todo mundo muito bem na casa dele, sempre tinha muita fartura, não negava comida. Mas não gostava de ser contrariado. O homem era muito brabo. Soube de alguns colegas que ele chicoteava quem pegava roubando. Isso não se faz.

Fiquei calada. Não tinha o que dizer. Fiquei espantada com a informação, mas não chocada. Essa história fazia sentido com o personagem que eu criei na minha cabeça. Foi um sentimento estranho. Ao mesmo tempo que eu conhecia lados bons dele, também conhecia lados ruins. Faz parte de quem ele era, e a única coisa que eu posso fazer agora é tentar deixar claro que, apesar de ser neta dele, eu não sou ele, nem compactuo com as coisas ruins que ele fez. Tentei deixar isso bem claro, e espero ter conseguido.

Denilson terminou contando que o cemitério hoje fica completamente isolado, pois búfalos selvagens tomaram conta da área, o que torna a visitação quase impossível. Isso quebrou o plano que se iniciava na minha cabeça: fotos desse túmulo-árvore, como um retrato do meu avô, tirado por mim. Lembrei

da cena final do filme *Desobediência*<sup>21</sup>, em que a protagonista, fotógrafa, lamenta nunca ter tirado um retrato do pai, mas tira um do seu túmulo.

Imagem 43 — Colagem da família de Denilson. À esquerda, Denilson, Biele, Josi e Joebe (na barriga). À direita, Denilson. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Saindo da casa de Josi e Denilson, fomos para o outro lado da ilha, na casa de Dona Maria Edithe, cunhada de Naza,

irmã de Josi. Dona Maria Edithe é uma das moradoras mais antigas da Vila Nazaré. Ela me disse que nunca morou em outro lugar a não ser lá. Ao perguntar de quem eu sou neta, disse que conheceu minha avó. Elas têm a mesma idade.

– A tua avó era uma das mais bonitas daqui! – ela lembra – Teu avô também era bonito, mas ela era mais.

Lembrei da minha mãe dizendo que meu avô nunca gostou muito dela, por se parecer muito com a mãe. Sei que toda antipatia que sinto pelo meu avô vem da minha mãe, que nunca teve uma boa relação com ele. Quando Denilson me contou da árvore que cresceu no túmulo do meu avô e das coisas horríveis que ele fazia, logo fui contar para minha mãe e minhas tias. As tias não acreditaram, acham que é mentira suja do povo. Mamãe acreditou na mesma hora, sem nem hesitar.

– As tias têm uma visão muito boa do irmão, lógico que não vão acreditar. Mas eu sei bem quem ele era – disse minha mãe. Acho que todos sabem quem ele era, acontece que as tias conheciam um outro Adalberto, diferente do Adalberto pai.

O Adalberto avô, também é diferente. Ainda estou descobrindo quem ele é.

Fotografei Dona Maria Edithe na porta da sua casa, com o cartaz do Círio de Nazaré mais recente e um dos netos, Mailson.

Imagem 44 — Colagem de Dona Maria Edithe sozinha (à esquerda) e com o neto Mailson (à direita). Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Depois de fotografar Dona Maria Edithe, foi a vez de tirar fotos da família de seu filho Marlinho, a esposa Naza e seus quatro meninos: Richarlyson, Fabrício, Mailson e Alison. Tiramos fotos individuais de todos, depois os meninos foram chamar D. Joana, pois queriam tirar fotos com as duas avós. Na casa deles, fizemos um álbum grande (que ficou para Naza), acrescentamos algumas fotos no álbum da Dona Joana e demos um álbum pequeno para Dona Maria Edithe.

Imagem 45 — Colagem de Dona Maria Edithe e Dona Joana com os netos Richarlyson, Fabrício, Mailson e Alison (à esquerda). Naza e Marlinho (à direita). Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Na volta para a Vila São Pedro, seguimos para a casa de Dona Ana, que foi fotografada da primeira vez que fomos, em 2024. Tiramos fotos novas e acrescentamos as fotos que tiramos da primeira vez no álbum dela, colocando as fotos em ordem cronológica. Tiramos fotos similares as que havíamos tirado em 2024, para poder comparar o que mudou. A mudança mais significativa foi reencontrar Thaianny, que em janeiro de 2024, ainda parecia uma criança. Agora, além de ter crescido uns bons centímetros para cima, ela também cresceu para frente: uma barriga de quase nove meses tomava conta de metade do seu corpo adolescente. Junto com ela, estava sua prima, também neta de Dona Ana: Anny Thielly. Anny não estava grávida, mas segurava o filho Nicolas no colo. Nicolas tem quatro anos, e Anny dezessete.

Ali, olhando para as duas adolescentes mães, lembrei do livro que li durante a minha primeira viagem ao Ganhoão: *A Cor Púrpura*<sup>22</sup>. Aquelas jovens mães, tão jovens quanto a protagonista, Celie, com responsabilidades de gente adulta. Só me resta desejar que, depois de tudo, elas tenham um fim bonito, assim como a Celie.

Imagem 46 — Colagem da família de Dona Ana. À esquerda, Anny Thielly, Nicolas, Thaianny e Dona Ana. À direita, Nicolas. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Ao deixar a casa de Dona Ana, conversei muito com Néia sobre a situação das adolescentes grávidas na região. Ela relata que é extremamente comum, principalmente quando enquadrado em estupro de vulnerável. Eu já sabia disso, mas sinto que nessa visita, ficou mais óbvio. Acho que da primeira vez que fui, não entrei na casa de muitas pessoas. Dessa vez, esse dado se tornou mais evidente, até pela quantidade de mães jovens que encontrei. Apesar disso, a vila é dominada pelas mulheres. Os homens parecem todos moles demais...

não sei explicar. Elas sempre resolviam tudo, enquanto eles ficavam parados lá, com cara de tacho. Não todos, mas muitos.

Quanto a Thaianny, eu tirei sua retrato grávida e entreguei a ela. Mas senti que esse é um dos registros que não deve vir a público, nem em exposições de arte, nem mesmo nesta dissertação. Me parece errado divulgar a foto de uma menor de idade tão vulnerável. Quando perguntei se ela já sabia o sexo do bebê, ela me disse que esperava um menino. Eu costumo “lamentar” quando conhecidas engravidam de meninos, brinco que acho meninas mais legais. Dessa vez, senti alívio. Depois, veio a culpa — por ter sentido alívio ao pensar que, daqui a catorze anos, o filho que Thaianny carrega não será mais um entre tantos casos de meninas grávidas tão cedo, como acontece com frequência por aqui.



Imagem 47 — Colagem de Dona Ana com os netos Thaianny e Miguel. Janeiro de 2024.



Fotos: Danielle Cascaes.

No outro dia, fomos visitar familiares, tanto meus, quanto de Néia. Sandro, o açougueiro da vila, é casado com uma das sobrinhas da Néia, a Naiara. Encontramos com ele na vila e pegamos sua rabeta emprestada para irmos em direção ao Alto Ganhoão, visitar minha prima Maria Auxiliadora. Néia pilotou a rabeta durante a primeira parte da viagem, bastante insegura. Fomos buscar Naiara, sua sobrinha, para ir pilotando a rabeta até a casa de Auxiliadora.

Imagem 48 — Néia pilotando a rabeta de Sandro. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

Néia me conhece desde a barriga de minha mãe, pois já era casada com primo Ascle. Durante sua juventude, ela trabalhou de doméstica em algumas casas. Quando eu tinha uns seis anos, ela foi trabalhar na casa das minhas tias. Nossa relação floresceu muito desde então, pois ficamos muito próximas. Ríamos muito, implicávamos com a outra. Até hoje, eu a chamo pelo apelido que dei quando era criança: Geleia. Já ela, me chama de Osga: nome que os paraenses utilizam para se referir às lagartixas de parede. Ela me chama assim pois sou branca tal qual uma osga.

Em uma de nossas conversas na hora do jantar, Néia falou a Ivan:

— Isso aí só tem cara de boazinha, mas não vale nada!  
— disse apontando para mim.

— Foi tu quem me criou, então se eu não valho nada, a culpa é tua! — retruquei, fazendo Ivan e Odin caírem na gargalhada.

A viagem de rabeta até a Casa Brito, é longa, pelo menos 40 minutos de um sol de rachar. Mas vale a pena, pois reencontrar Auxiliadora e Seu Haneman é maravilhoso. Um de

seus netos, Didi, que também estava lá no ano passado, estava novamente passando as férias com os avós. Didi cresceu, pelo menos, dez centímetros. Está do tamanho do avô. Ele mora em Macapá, mas diz que gosta mesmo é do Ganhoão. Ele fica lá o tempo que pode.

— Dos meus netos, só ele gosta mesmo daqui – me disse Seu Haneman, meio triste, meio orgulhoso – Didi vem todas as férias.

Imagem 49 — Colagem comparativa de Seu Haneman, Didi e Auxiliadora. À esquerda, janeiro de 2024, e à direita, janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Auxiliadora e Néia também são família. Asclê, marido de Néia, é um dos irmãos caçulas de Auxiliadora, a mais velha de

todos. Outra irmã dela é a Joana, prima mais próxima da minha mãe. Cida é mãe dos meus primos favoritos: Fernanda, que tem a idade próxima da minha e é uma das minhas grandes amigas, e João Fernando, o caçula. Cida e Auxiliadora são muito parecidas, como já citei anteriormente. Elas têm os mesmos olhos, e se parecem muito com a mãe, Dona Jesus. João é muito parecido com elas. Fernanda puxou para a família do pai.

O curioso é que, sendo o único parecido com esse lado da família, João também é o único que se interessa pelas origens da nossa família no Ganhoão. Desde muito pequeno, ele pergunta como era a vida por lá, gosta de ouvir histórias, quer saber como viviam. Das duas vezes que eu fui até lá, João quase foi comigo. Da primeira vez, Cida ficou com medo da viagem de barco e não deixou ele ir. Da segunda, ele estava estudando e não tinha como ir. Ele jura que, da próxima vez, ele vai custe o que custar.

Fomos recebidos na Casa Brito tão bem quanto no ano passado. Almoçamos juntos, conversamos muito. Auxiliadora

me disse que, depois da primeira visita, ela foi revirar algumas fotos antigas e encontrou uma que achava que me interessava.

– Veja se você sabe quem é.

A reconheci imediatamente: Tia Aurora, uma das tias que criou minha mãe (e me criou também), caminhando ao seu lado de Dona Jesus, Ricardo (um dos irmãos de Auxiliadora) e a primeira esposa dele. Eles caminhavam por um trapiche, em Salvaterra, Ilha do Marajó. A família costumava passar as férias lá. Tia Aurora estava como eu me lembrava dela: mesmo corpo, mesmas roupas. E vendo essa foto, pude mais uma vez perceber o quanto Auxiliadora se parece com a sua mãe. No primeiro momento, achei que era ela na foto.



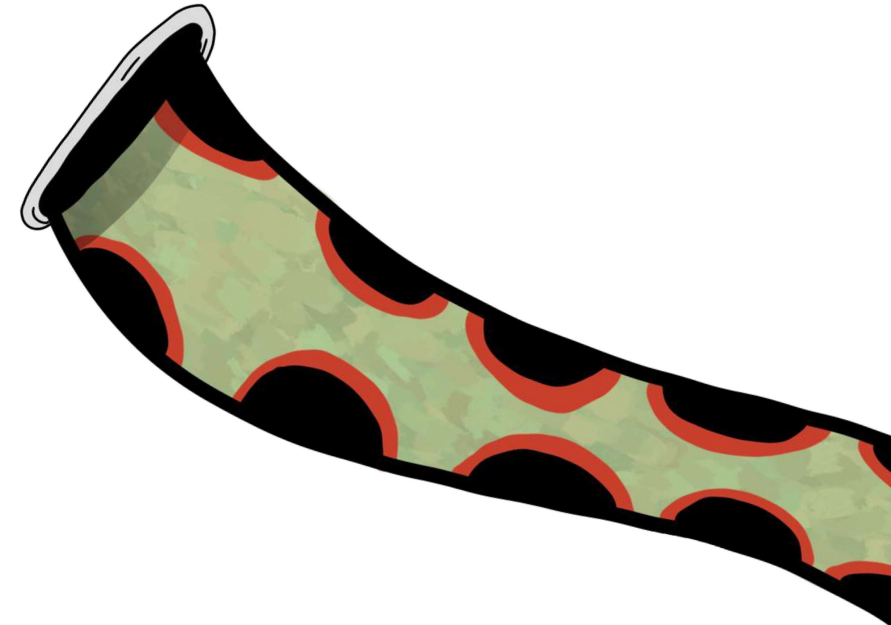
Imagem 50 — Da esquerda para a direita: Dona Jesus, Tia Aurora, a primeira esposa de Ricardo e Ricardo. Década de 1990.



Foto: Maria Auxiliadora. Digitalizado por Danielle Cascaes.

Aproveitei que a Casa Brito tinha wi-fi e liguei para Joana, via chamada de vídeo. Mostrei a foto para ela:

– Auxiliadora, você está cada dia mais parecida com a mamãe! – Joana disse, ecoando meus pensamentos.



– Ah, eu sei. Hanemanzinho me fala isso sempre! – ela riu também.

– Égua, se o João estivesse aqui... ele ia amar falar com vocês também! Da próxima vez, ele vai junto.

A conexão foi ficando mais fraca, então desligamos. Depois do almoço, tiramos algumas fotos da família e

reimprimimos as que tiramos no ano passado, colocando as duas no álbum deles.

Imagem 51 — Printscreen da vídeo chamada. Na tela maior, Cida. Na menor, eu e Auxiliadora. Janeiro de 2025.



Printscreen: Danielle Cascaes.

Partimos um pouco mais cedo do que eu gostaria, mas a maré estava baixando. Se baixasse mais, ficaríamos presos e só daria para voltar no outro dia. Néia me disse que os rios estão cada vez mais baixos, mesmo no inverno. Isso preocupa todos da região, pois algumas famílias já não conseguem se locomover pelo rio durante boa parte do ano.

Em um de seus romances, lá em 1958, Dalcídio Jurandir já discutia a escassez dos rios no Marajó.

*O rio se lamentava soturnamente no meio do mato. Cobra-Grande não me abandone. A terra crescia na água. O rio secava. Os estirões, largos outrora, se estreitavam, se estreitavam e as margens se fundiram, balançando na rede dos cipoais. Cobra-Grande não me abandone. A cobra dormia no fundo do rio e de repente acordou, era meia-noite e deu um urro: vou-me embora pras águas grandes. Então os peixes, todos os bichos, os caruanas, as almas dos afogados, os restos de trapiches, as montarias também seguiam pras águas grandes. Os restos de cemitério que tombavam nas beiradas também partiam pras águas grandes. Adeus, ó limo da Cobra-Grande, adeus ó peixes, adeus, marés, tudo vai embora pras*

*águas grandes. Até a lama há de partir, os aningais, as velhas guaribas, tudo seguindo pras águas grandes. O rio se queixava, se queixava, secando sempre: não me abandones, mãe cobra, me amamenta nos teus peitos, vomita em meu peito o teu vômito, enche os meus poços, alaga as margens, quero viver, quero as marés, mãe Cobra-Grande. Ninguém ouvia o agonizante rio.*<sup>23</sup>

Hoje, penso que escutam sim o agonizar do rio, mas quem o escuta, agoniza junto. Pessoas como os moradores do Ganhoão, não tem forças para sozinhos, fazerem o rio fluir novamente. Mas o rio tem apenas uma função utilitária, mas tem também uma função mágica.

— Os homens passam pelo rio, usam o rio, trabalham no rio, alimentam-se do rio, navegam pelo rio, vivem no rio e morrem no rio. — Diz Paes Loureiro — Todavia, pelo devaneio, percebem que há uma outra realidade que lhes estimula um estado de alma diferente, que lhes permite olhar e perceber esse rio de uma outra forma, plena de um mistério encantatório, magicamente real, capaz de fazer desse rio uma

realidade simbólica sensível e que se revela como ‘uma finalidade sem a representação de um fim’<sup>24</sup>.

O rio é ganha pão, poesia, avô. O amazônida constrói uma relação íntima com ele, mesmo os urbanos, como eu. No dia a dia, eu não utilizo o rio como meio de transporte. Mas o encontro ao passar pelos vários canais da cidade, onde em tempos de chuva, transbordam para o asfalto. Por vezes, os bichos vêm junto, principalmente as cobras. Cobra-Grande, não me abandone.

Seguimos cortando o rio de volta para a Vila São Pedro, parando na casa de outra sobrinha de Néia, Karol. Lá, a fotografamos com seu marido e único filho, Dutí. Por algum motivo, Dutí ficou o tempo todo falando que tinha muito orgulho de ser “ganhoense”. Disse que gostava muito de lá e que não gostava de ir para a cidade.

– Eu sou ganhoense, porque eu nasci aqui! Ainda bem. Na cidade não tem nada de bom. Só me levam pra Belém pra levar furada – ele fingiu tremer e saiu correndo em direção à parte embaixo da casa.

Quando ressurgiu, ele me trouxe alguns filhotes de uma ninhada de cachorros. Eles estavam imundos, cheios de pulga, mas me atraquei neles mesmo assim, principalmente na fêmea menorzinha.

– Pra que tu fostes mostrar isso pra ela? Essa aí gosta de sair carregando cachorro de rua pra casa! – Néia disse para Duti, falando de mim. Certamente se referia ao último vira-lata que catei na rua e levei para casa, chamado Bombom.

Imagem 52 — Colagem da Família de Karol. À esquerda, Karol, o marido Pacoleu e o filho Duti. À direita, Duti e a ninhada. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Imagem 53 — Instax Mini Evo, Wide Link e iPad trabalhando nas impressões.

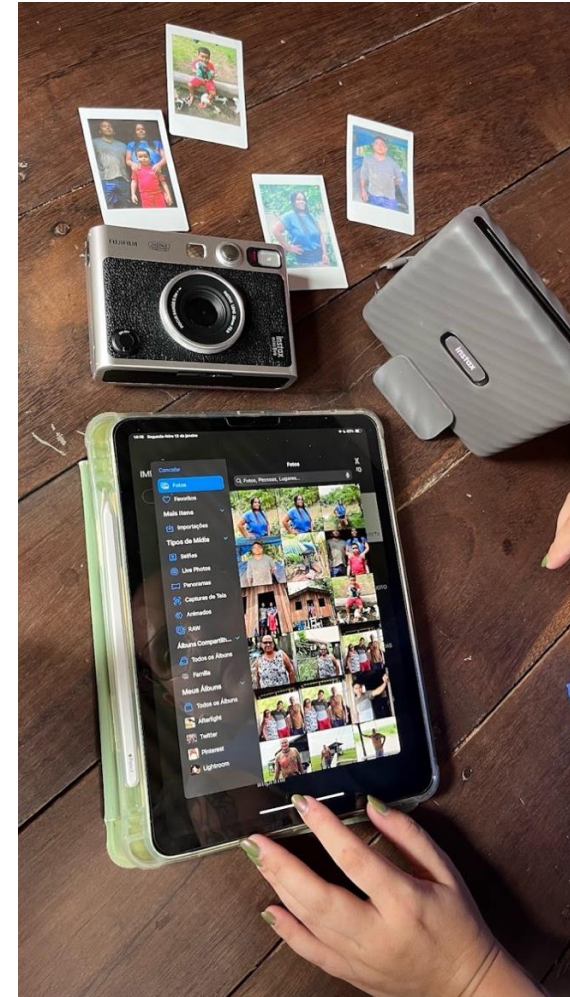


Foto: Odin Gabriel.

O que mais tinha nessa casa era bicho. A casa de Naiara era assim também, com muitos cães, gatos, porcos, galos, patos. Mas o recorde ficou com a casa de Dulceane, irmã de Néia e mãe de Karol e Naiara. Lá tinham todos esses bichos, mais carneiros, papagaios, e até um jacaré que ela alegava viver ali perto, não domesticado.

Na casa de Dulceane, reunimos todos os netos, as filhas e o único filho, Léo. Esse sim foi o maior álbum que fizemos, pois cada família ficou com um (um para Naiara, outro para Karol e um para Dulceane) mas o de Dulce, por ser a mãe e a avó de todos, tinha todas as fotos de todos os álbuns. Ao final, admirei o álbum grosso que tinha nas mãos e fiquei feliz de poder presentear isso a alguém.

Imagem 54 — Família Abreu. Da esquerda para a direita. Em cima: Gabriel e Juan. Embaixo: Naiara, Karol, Vivi, Dulceane, Dutí e Leo. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

No outro dia, retornamos ao Rio do Recanto para fotografar uma família que não tivemos tempo de fazer durante a primeira visita. Camila, uma jovem mãe de dois filhos: Cauã e Cacau. Cauã também é aluno de Néia, um dos que ela é mais

apegada. Ele apresenta grandes dificuldades na escola, sendo Néia uma das poucas professoras que tem paciência com ele. Ela foi a única que conseguiu alfabetizá-lo.

Cacau ficou tímida com a nossa chegada, chorou muito, não queria tirar fotos fora do colo da mãe. Ela só se acalmou quando começamos a imprimir as imagens, encantada com o resultado e perguntando pelas fotos dela. O pai não apareceu para tirar fotos com a esposa e os filhos.

Imagem 55 — Colagem de Camila e seus filhos. À esquerda, Cauã, Camila e Cacau. À direita, Cacau aos prantos. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Na volta, já longe dos trapiches estreitos, paramos na casa de Raiana, colega de trabalho de Néia. Uma jovem de 21 anos, já mãe de dois meninos, Yan e Yure. Ao observar Raiana, lembrei muito de mim mesma, não sei por quê. Acho que é o jeito que ela fala, talvez a forma como olha. Fiquei com vontade de ser sua amiga, sair para conversar em um bar. A realidade das jovens moças desse local é muito diferente da realidade das jovens com quem eu convivo, até eu mesma. E eu precisei me policiar para não pensar de forma colonial, achando que o meu modo de viver é o certo.

Imagem 56 — Colagem de Raiana e seus filhos. À esquerda, Raiana, Yan e Yure. À esquerda, Yan e Yure. Janeiro de 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Depois da casa de Raiana, seguimos para a casa de Rosana, vizinha de Ivan. Fotografei a família dela da outra vez, e sua filha, também chamada Rayana, foi a criança que ficou brincando de fotografia, mostrada no capítulo anterior. A foto de Rayana segurando um brinquedo feito câmera é uma das minhas favoritas das duas viagens. Rosana também é jovem, e além de Rayana, tem mais dois filhos: Renzo e Julieta. Em 2024, além de Rosana, também fotografei sua irmã e seus sobrinhos.

Imagem 57 — Da esquerda para a direita: Rafaela, Rian, Henzo, Maria Vitória, Rayana, Rosana e Julieta. Janeiro de 2024.



Foto: Danielle Cascaes.

A primeira coisa que fiz ao encontrar Rosana, logo quando cheguei, foi perguntar pela filha. Infelizmente, Rayana havia ficado em Belém e não voltaria até termos ido embora.

Quando retornei para tirar as fotos, já tinham corrido alguns dias desde a data que conversamos primeiro.

– Liguei pro pai da Rayana ontem e conversei com ela – me contou Rosana – ela ficou triste de não te encontrar, e pediu pra você ficar e esperar por ela! – ela riu.

– Poxa, bem que eu queria! – lamentei – Mas precisamos ir embora, temos muito trabalho pra fazer em Belém. Mas diga que eu volto, que é pra ela me esperar – prometi.

Refleti sobre a promessa que fiz a Rayana enquanto tirava novas fotos de sua mãe e de seus irmãos, pensando se, na verdade, eu estava prometendo isso para ela ou para mim mesma. Ainda não sei quando vou voltar, mas sei que vou.

Imagem 58 — Colagem comparativa de Rosana e Julieta. À direita, mãe e filha em 2024. À esquerda, em 2025.



Fotos: Danielle Cascaes.

Durante essa viagem, me senti mais próxima do Ganhoão do que da primeira vez. Sinto que conheci melhor meus antepassados, principalmente meu avô, para o bem e para o mal. Transformei uma figura completamente apagada da minha própria história pessoal em alguém por quem nutro



afetos e desafetos. Confesso que os desafetos ainda são maiores que os afetos, mas é assim mesmo. Juntei os cacos do que um dia ele foi e fiz um vaso feio e cheio de buracos. As vezes tenho vontade de quebrá-lo de novo.

Com o peito cheio de pensamentos sobre o meu avô e outros tantos cujos nomes me escapam, fui atraída para a mercearia de Seu José. Não sei bem o que queria, mas a vontade de conversar com ele foi maior do que eu. Quando cheguei lá, não perguntei imediatamente pelo meu avô, mas sim pela bisa, Inah, que era madrinha dele. Ele me disse que lembra pouco da Inah, mas sabe lembra que ela era muito carinhosa, tanto com seus filhos, quanto com os filhos dos outros. Seu José nasceu em uma fazenda próxima a que a minha família morava, e passou a infância brincando com as minhas tias. Perguntou-me sobre tia Amazonina, pois ele soube por uma prima que ela havia sofrido um acidente doméstico e quebrou a bacia. Contei para ele como foi e ele lhe desejou melhoras.

Depois de fotografá-lo novamente, montei um pequeno álbum com as suas imagens. Ele segurou e olhou por um tempo antes de dizer:

– Vou mandar para a minha filha. Ela vai gostar de ter essas fotos minhas. Ela se preocupa muito comigo – e ficou calado.

Pensei novamente sobre o motivo de estar fazendo esse trabalho. “O que essas fotos mudam na vida de quem as recebe?”, me pergunto. Acho que a vida delas muda de formas variadas, de acordo com o que cada uma deposita sobre esse objeto. Nunca vou saber exatamente o que acontece com aquelas pessoas, mas consigo notar um certo padrão: sempre que as famílias recebem um álbum, alguém começa a me contar histórias de outras pessoas. Uma tia que guardava as fotos das famílias, o álbum de bebê que sua mãe conseguiu fazer, a câmera fotográfica que só aparecia em aniversários. Esse objeto faz com que as pessoas me contem intimidades familiares, transformando memória em oralidade através de um objeto.

Essas trocas ocasionam transformações em mim, pois é através delas que eu ressignifico a minha própria história familiar. Ouvindo histórias similares às minhas, de gente que cresceu no meio do mato, nadando com botos, correndo de búfalos, sinto tudo ressoar no peito como um tambor que faz o corpo todo estremecer. Penso que histórias individuais, nesse contexto, costumam ser coletivas. E apesar de ter nascido na cidade e ter demorado quase trinta anos para retornar, eu retornei. Sinto que eu não estava conhecendo o Ganhoão pela primeira vez, e sim o reencontrando. Pode ser que esteja romantizando as coisas, mas é assim que me sinto. Voltei para encontrar meus ancestrais e acabei encontrando a mim mesma, que também sou eles.



Imagem 59 — Seu José na frente de sua mercearia. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

No penúltimo dia de nossa estadia, já estávamos cansados. Queríamos ir embora, mas também não queríamos. Odin ficou encantado com a vila, e ao descer para tomar café, o encontrei conversando com Néia.

– ...mas tu virias mesmo pra cá? Tu não acabaste de chegar de São Paulo? – ela parecia incrédula.

– Claro que viria. Eu adorei ficar aqui! Acho que seria mais feliz do que em São Paulo – ele disse, meio achando graça, meio sério.

– É sério, Geleia – me meti na conversa deles, sentando à mesa – tu não tens ideia de como ele tava lá em São Paulo. Acho que morar aqui faria bem pra ele. E eu viria visitar sempre!

– Credo, então é melhor ele não vir – Néia brincou. Algumas coisas não mudam. Que bom!

Antes de terminarmos de tomar café da manhã, uma pessoa bateu a porta. Quando Néia abriu, entrou um senhor bem magrinho, segurando um cacho de bananas.

– Olhe, dona Néia, trouxe para a senhora. Acabei de apanhar – ele entregou o cacho de bananas para ela.

– Obrigada – ela respondeu, meio seca – Dani, esse é o Seu Rubens Figueiredo. Ele é teu parente – e entrou, deixando-o para conversar comigo e com Odin.

Conversamos um pouco e seu Rubens me contou que ele é o irmão caçula de Augusto Figueiredo, primo do meu avô e das minhas tias, e quem ficou com todas as terras que eram da minha família. Seu Rubens é o único que ainda mora no Ganhoão e que tem uma boa relação com a comunidade. Augusto não aparece mais por lá, pois é ameaçado de morte por vários moradores que se apropriaram de parte das terras que ele alega serem dele.

– Seu Rubens, a Néia mencionou que eu sou fotógrafa? Vim fazer fotografias de família aqui no Ganhoão. O senhor deixaria eu tirar o seu retrato?

Seu Rubens ponderou. – Não gosto muito de tirar fotos – admitiu – mas eu deixo se você prometer entregar aos meus filhos quando chegar em Belém – foi a sua proposta.

– É claro! – prometi. Anotei o nome dos filhos e o endereço do trabalho de ambos. Eles têm uma loja perto da casa de uma amiga, então sabia onde é.

Imagem 60 — Rubens Figueiredo. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

Quando Seu Rubens foi embora, Néia me contou que o evita. Ele é alcoólatra, passa por muita coisa ruim quando bebe, pessoas se aproveitando dele da forma que podem. Ela é uma das poucas que ainda o recolhe da rua, pois fica com pena e com medo de que o pior lhe aconteça. Ele é grato a ela, grato até demais, de formas que a deixam desconfortável.

Depois do café, fomos até a casa de Dona Matilde, também vizinha de Ivan. Eu a conheci no dia anterior, sentada na porta da casa de Rosana. Ela me pediu para voltar no outro dia e tirar fotos dela com seu marido, Seu Waldick. Ela lamentou não ter os filhos e os netos presentes, mas queria ter seu retrato tirado mesmo assim. Dona Matilde pediu para que eu tirasse a foto deles na cortina de E.V.A que ela passou dias fazendo. A foto virou uma das minhas favoritas de toda a viagem.

Imagem 61 — Dona Matilde e Seu Waldick. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

Nesse dia, também fizemos o álbum da Família do Ivan, no pátio da casa que nos hospedamos. Esperamos para fazer no fim da viagem pois ele queria que a mãe dele aparecesse nas fotos, assim que chegasse de Macapá. As famílias ganhoenses se dividem entre Belém e Macapá para fazer as

atividades que precisam fazer na cidade, como ir ao médico e sacar dinheiro. A distância entre o Ganhoão e as capitais é praticamente a mesma, demandando muitas horas de viagem. Tem quem diga que a travessia de Macapá para o Marajó é pior, pois a maior parte é feita pelo oceano. Estremeço só de pensar em viagens piores, mesmo sabendo que são a maioria.

Imagem 62 — Da esquerda para a direita. Em cima: Ivan e Juliana. Embaixo: Julia, Dona Leila e Jade. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

No dia de ir embora, Dona Emília, a matriarca da primeira família que fotografamos, apareceu pedindo para fotografarmos outros membros da família que não tinham aparecido nas primeiras fotos. Nosso barco estava marcado para sair às onze horas, e o relógio marcava oito. Deduzi que daria tempo, pois estava com tudo arrumado desde a noite anterior. Odin e eu seguimos Dona Emília até a casa dela, que era pertinho.

Fotografamos outros filhos e netos, tiramos novas fotos em grupo. Reencontrei Rute, uma das moradoras da ilha que mais gostei. Tirei novas fotos dela com sua filha, Maria Julia. A menina estava engraçada nesse dia. Queria aparecer em todas as fotos, mas não queria largar a banana que estava comendo. Na hora do clique, ela parava de mastigar, mas não sorria. Isso irritou a avó, Dona Emília, mas divertiu outras pessoas.

Imagem 63 — Colagem das meninas da casa da Dona Emília. À esquerda, Raissa, Laura e Maria Julia. À direita, Maria Julia e Rute. Janeiro de 2025.



Foto: Danielle Cascaes.

Quando estávamos terminando de imprimir as novas fotos, escuto a voz de Néia gritar ao longe:

– EI, VOCÊS QUEREM FICAR!? O BARCO JÁ VAI SAIR!!

Juntamos tudo e saímos correndo (o máximo que conseguíamos nos trapiches). Dona Emília gritou para nós:

– Já sabem quando voltam?

— Não, mas a gente volta! — prometi, de novo, para ela e para mim.

Corremos para embarcar em um barco diferente. José Felipe II sairia alguns dias depois, e tendo compromissos em Belém, não conseguiríamos esperar mais. Embarcamos no Ana Clara II, um barco menor, mas Néia disse que é um dos melhores. “Melhores” é uma palavra forte... digamos, menos piores.

Nossa viagem foi extremamente tranquila, sem uma maresia sequer. Os ventos estavam a nosso favor, nos levando mais rápido. Néia disse o bom clima era devido a tempestade que caiu na noite anterior.

— Aquela chuarada que caiu ontem à noite fez com que a maré ficasse macia — Néia disse — Sempre depois da chuva o rio fica assim: lisinho por cima, parece um tapete.

O único problema era que o barco estava superlotado, mais do que ficava o José Felipe II. Era rede por cima de rede, pé de gente estranha batendo no nosso rosto, um terror.

Imagem 64 — Redes no Ana Clara II, janeiro de 2025.

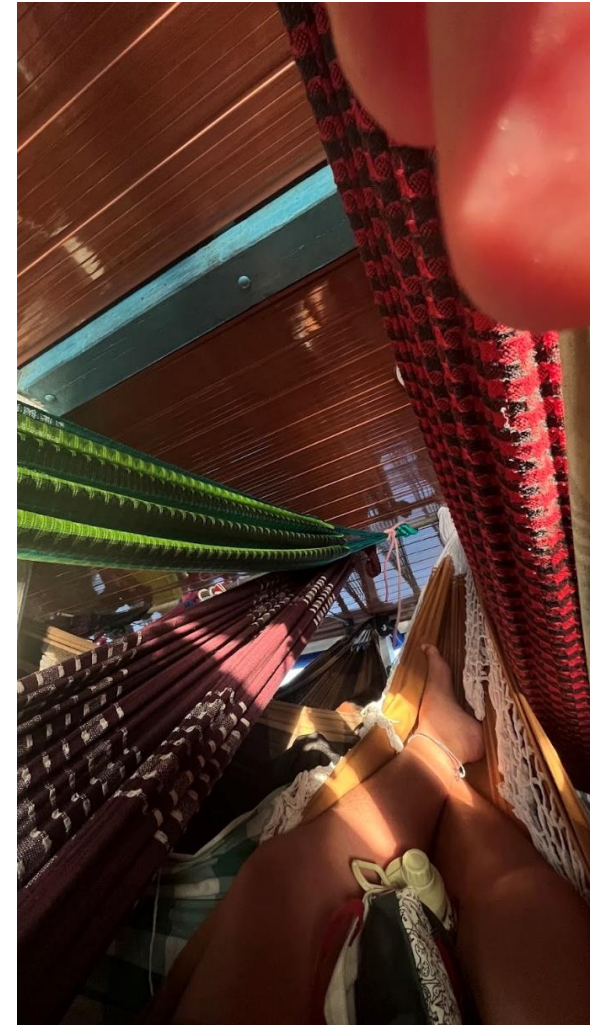


Foto: Odin Gabriel.

Desembarcamos no Ver-O-Peso às duas da manhã do outro dia, pouco mais de doze horas depois. Os barcos precisam chegar e sair de madrugada, por conta da guarda costeira.

— A polícia parou o barco lá na orla de Icoaraci — me disse Odin — tu estavas dormindo e não viu. O dono do barco pagou propina pra que eles deixassem a gente ir embora.

Não fiquei surpresa. Pelo estado de superlotação que aquele barco estava, era de se esperar que fossemos parados.

Algum tempo depois, em uma manhã qualquer do mês de abril, meu telefone tocou.

— Alô?

— Oi, filha, é a Néia. Escuta... não fala pras tias ainda, pra elas não fiquem nervosas. O Ascle tava vindo pro Ganhoão na Ana Clara ontem, mas eles sofreram um acidente chegando em Soure. O barco naufragou.

Senti meu corpo inteiro ficar gelado.

— Ele sobreviveu?

— Sobreviveu — ela me disse, aliviada. — Ele lembrou que tinha uma rabeta sendo levada em cima do barco e usaram ela pra resgatar as pessoas. Outros barcos também prestaram socorro. Colocaram os recém-nascidos em cubas de isopor. Ninguém morreu, só ficaram muito nervosos. Estão em um abrigo em Salvaterra.

Desligamos o telefone e fiquei parada. Não havia nada que pudesse fazer. Mas fiquei zozza com a percepção do perigo que corremos ao realizar essa viagem. *Cobra-Grande, não me abandone*. Ela, quem leva os barcos para o fundo dos rios, mas também os protege. *Cobra-Grande, não me abandone*.

Não demorou muito para as tias descobrirem. O naufrágio estampou as capas de jornais e matérias da TV local.

*“Na noite de sexta-feira (4), a embarcação Ana Clara II naufragou no Rio Paracauary, entre os municípios de Soure e Salvaterra, resultando no resgate de pelo menos 60 pessoas. A Agência de Regulação e Controle dos Serviços Públicos de Transportes (Artran) informou que a embarcação não tinha*

*autorização para realizar o transporte de passageiros, operando de forma irregular.*

*O acidente foi comunicado à Polícia Militar por um morador da comunidade do Nascimento, que alertou sobre a situação. As equipes do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar mobilizaram-se rapidamente para o local do naufrágio, onde encontraram várias pessoas na água em estado de desespero. O resgate contou com o apoio de uma lancha e de barqueiros locais, que ajudaram a retirar as vítimas.*<sup>25</sup>

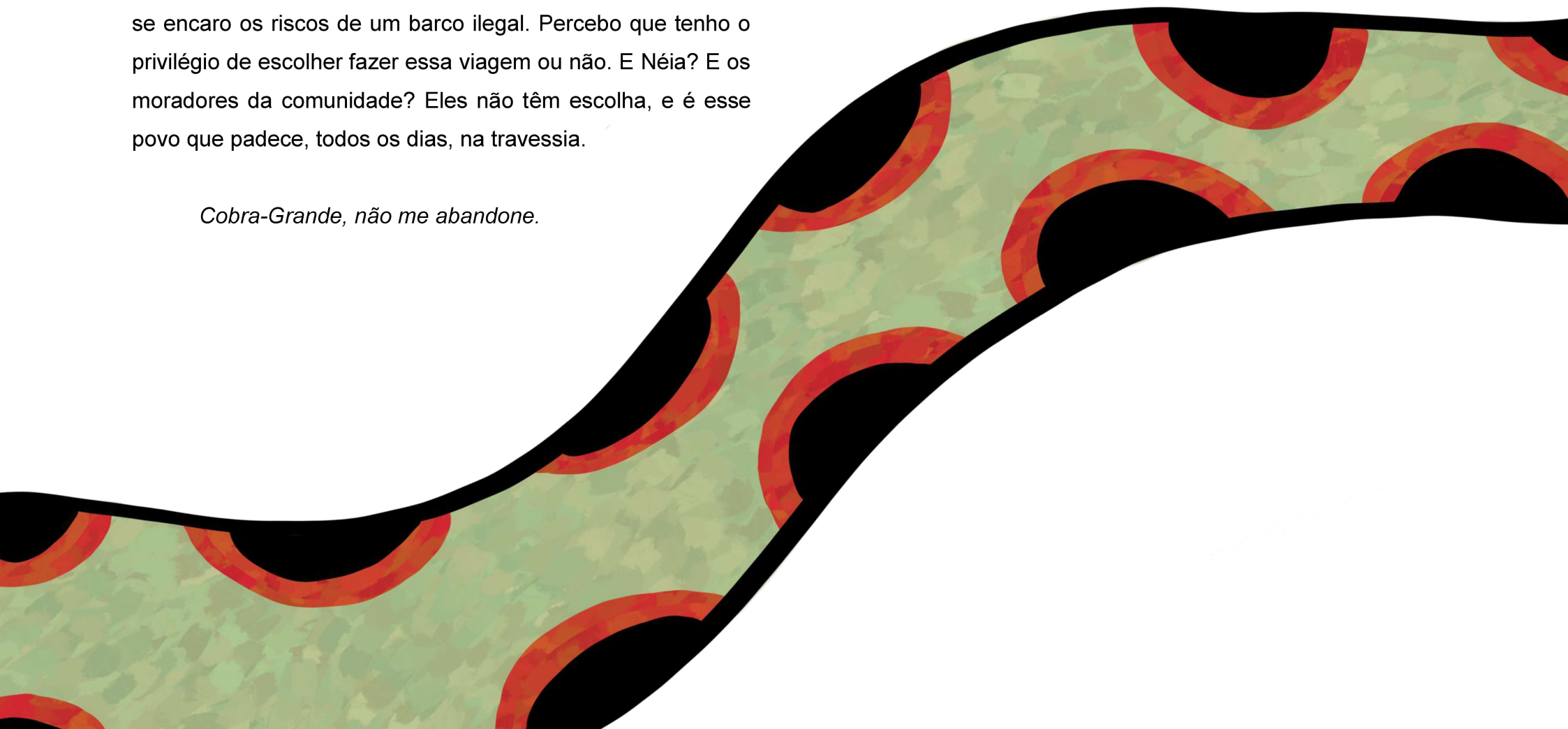
Imagem 65 — Fotografia do naufrágio do Ana Clara II.



Fonte: Diário do Pará, 2025.

Pensei nas pessoas que estavam na embarcação. Idosos, jovens, recém-nascidos. Pessoas conhecidas e desconhecidas. Pensei em tudo o que poderia ter acontecido com eles, que já aconteceu antes, tantas vezes. Pensei no que poderia ter acontecido conosco. Pensei no futuro da pesquisa, no quanto eu quero voltar lá. Hoje, sinto medo. Não sei mais se encaro os riscos de um barco ilegal. Percebo que tenho o privilégio de escolher fazer essa viagem ou não. E Néia? E os moradores da comunidade? Eles não têm escolha, e é esse povo que padece, todos os dias, na travessia.

*Cobra-Grande, não me abandone.*



*projeto*  
**ÁLBUM DE  
FAMÍLIA**



Casa Azulelo Cardoso



Tavi e sua babá



D. Socorro e Nahuan



D. Joana com seu álbum



D. Joana e Cauã



Bielle



Naiara, Gabriel e Vivi



José Renato e Laura



Naza e Alison



Vivi



Gabriel



Família Alceu



Família Trindade dos Santos



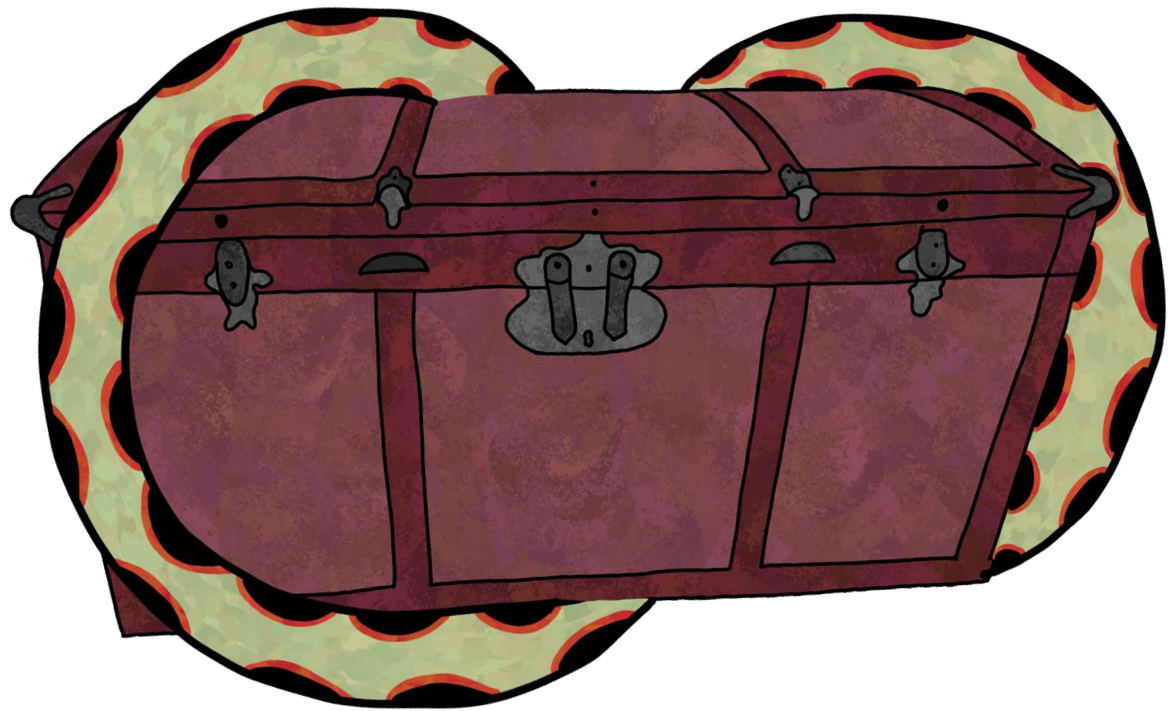
Rute




D. Auxiliadora, Seu Maneman e a fote-pintura dos filhos



**Para não esquecer do futuro**





Toda saudade é uma espécie de velhice.

João Guimarães Rosa.<sup>26</sup>

Enquanto assimilava o que havia vivido no Ganhoão e o naufrágio do Ana Clara II, comecei a pensar em como encerrar esta parte da pesquisa, mas sabendo que gostaria de continuá-la. O contato com os moradores do Ganhoão me transformou, fez com que eu colocasse várias coisas em perspectiva, principalmente depois do naufrágio.

A efemeridade do presente me pegou por inteiro. O naufrágio do Ana Clara II não fez vítimas fatais, mas essa não costuma ser a realidade dos naufrágios que ocorrem na baía do Marajó. Pensei nas coisas materiais que se perderam, indo para o fundo dos rios com os encantados. Quantas carteiras de identidades, roupas, redes, entre tantas outras coisas, foram para o fundo? Quantos telefones celulares, com as galerias de fotos cheias dos álbuns eletrônicos da contemporaneidade, deixaram de possuir galerias acessáveis para virar apenas lembrança?

Pensando neste ocorrido, mas também em todo o trabalho que construí até aqui e no que ainda pretendo produzir, revisei os artigos de Christine Delory-Momberger, autora que discute álbum de família e memória, muito utilizada

para escrever o projeto do que viria ser esta dissertação. Na teoria de Delory-Momberger, quando tratamos de álbuns de família, a memória é dividida em três tipos:

1. Memória emocional: aquela que nos faz sentir, evocando uma lembrança, um sentimento, uma impressão, uma sensação.
2. Memória imaginativa: com que nós recriamos, pela imaginação, a impressão que pensamos ter sentido na época em que a foto ocorreu.
3. Memória sensorial: No momento em que estamos diante da imagem, não “re-vivemos” a cena, mas a vivemos pela primeira vez em sua emergência de origem. Nosso olhar aqui é investido pelo aqui e agora da nossa história, que não é mais a mesma que no momento da fotografia.<sup>27</sup>

Para a autora, esses três tipos de memória combinados levam-nos a construir lembranças imaginárias, porque elas são nossas, chegam a formar a “realidade” de nossa memória e de nossa história<sup>28</sup>. Pensando nas possíveis fotografias que foram

perdidas no naufrágio, pensei em como o trabalho que construí durante esta pesquisa está a mercê de diversas situações que me fogem do controle. Mas longe de me ater às possíveis formas de evitar que algo seja perdido (pois sei que fiz tudo o que está ao meu alcance para que os registros sejam duradouros) penso em tudo o que criei de concreto: amizade com os moradores do Ganhoão, conexão com o lugar de onde minha família partiu, e construção de muitas memórias emocionais, imaginativas e sensoriais.

— Nossa memória é fragmentada — diz Delory-Momberger — e as fotografias vêm, às vezes, preencher vazios, espaços de silêncio e de esquecimento. O trabalho de memória que é feito não pode pretender reconstruir a “verdade” de uma biografia da família: ele reconfigura um conjunto heterogêneo de lembranças marcadas ou que se tornaram confusas; impressões fugazes, misturadas com lendas, boatos, ausências, segredos. O trabalho de memória preenche algumas lacunas, redistribui a história familiar de acordo com pontos sobressalentes, nos faz entrar em relação com personagens e nos forja uma memória biográfica.<sup>29</sup>

A fala da autora me faz refletir sobre como registrar o outro me fez ressignificar minha própria memória, preenchendo vazios com fabulação, sem nunca realmente tapar nenhum buraco. O buraco está lá, vazio, sempre estará. O que eu faço ao redor dele é o que me interessa agora.

Foi nesse processo que me dei conta de que, embora tivesse criado tantos álbuns para outras famílias, minha própria família ainda não possuía um álbum construído a partir deste olhar, fruto direto da pesquisa. Decidi, então, iniciar a digitalização do nosso acervo familiar, que estava guardado há anos dentro de um baú.

Mergulhei em meus próprios álbuns de família, buscando observar as distinções e similaridades com os que criei no Ganhoão. É claro que são distintos — e nunca quiseram ser iguais. Meu objetivo não era replicar o passado, mas criar algo que dialogasse com o presente, torcendo para que, no futuro, esses álbuns também sirvam como marcos de um tempo. Na minha família, temos desde os álbuns antigos, já mostrados aqui, até os dos anos 1990–2000, com fotos 10x15 guardadas em plásticos. Os álbuns feitos para o

Ganhoão não são nem um, nem outro: são registros singulares, criados para aquele momento, naquele lugar, com um sentido específico. Ainda assim, compartilham com os outros o desejo comum de preservar memórias.

Cada um desses álbuns carrega uma poética própria, marcada não só pelas imagens, mas pelo tempo que elas capturam. Alguns reúnem fotografias de um único momento, um recorte muito preciso da história recente; outros, como os de Dona Ana e Dona Auxiliadora, com fotografias em anos diferentes, mostram rostos que mudam, crianças que crescem, casas que se transformam. Penso nesses retratos como se fossem o próprio ato de lembrar. São, antes de tudo, convites à permanência daquilo que o tempo tenta apagar.

Foi nesse mesmo impulso de permanência que, perto de finalizar a pesquisa, decidi abrir o baú de memórias da minha própria família. Um baú literal, de madeira maciça, centenário, que chegou ao Brasil junto com o meu bisavô paterno, Gabriel Dantas. A história dele não tomou forma dentro desta dissertação, não por ser menos importante, mas porque o foco era outro. Ainda assim, para esta última parte, acho importante

contextualizar quem ele foi (pelo menos, o que sei dele). Nascido em 18 de junho de 1889, em Viana do Castelo – Portugal, filho de Ana Dantas, sem pai registrado. Veio para o Brasil por volta de 1917, aos 27 anos de idade, para trabalhar nos Portos de Belém, sem saber ler nem escrever.

Seu baú foi construído em 1899, em Portugal, segundo a inscrição feita na sua parte interna. Sua única filha, minha avó Mafalda Nobre Dantas, foi adotada por ele e sua esposa, Aguida Maria da Conceição Dantas, logo após o seu nascimento, dia 2 de maio de 1937, em Belém, em uma história que parece vinda de uma novela (como quase todas na minha família).

Um dos irmãos mais novos de meu pai, tio Haroldo, me contou recentemente que a família biológica da vovó era do sul do Brasil. Seu pai, Raymundo Nobre, era da Marinha brasileira, o que lhe dava a oportunidade de viajar muito. Foi assim que foi parar do outro lado do Brasil, levando consigo sua esposa Zirza, grávida de 9 meses da décima filha.


Ao que tudo indica, Zirza ficou bastante debilitada pela viagem longa. Em Belém, foi internada e pariu, o que a debilitou

ainda mais. O marido mandou buscar uma das irmãs dela para ajudar a cuidar da mãe e da nova bebê. Dizem que quando a irmã chegou, Zirza a teria visto tendo relações sexuais com o marido Raymundo, o que foi a gota d'água para a sua saúde. Quando faleceu, a irmã (agora nova esposa de seu marido) disse a ele que não cuidaria de um bebê que não era dela. Por isso, eles a entregaram para adoção.

Uma enfermeira do hospital, vizinha de meus bisavós, lhes contou do ocorrido, sabendo que eles não conseguiam ter filhos. Foi então que Gabriel e Aguida entraram com o pedido de adoção da bebê Mafalda. Sei de tudo isso pois, como a adoção foi legal, os nomes dos membros da família biológica foram registrados na certidão de nascimento dela. Por isso ela também levava o sobrenome Nobre, mas o retirou ao se casar.

Imagem 79 — Certidão de nascimento de Mafalda Nobre Dantas.

**República dos Estados Unidos do Brasil**



ESTADO DO PARÁ — MUNICÍPIO DE BELÉM — COMARCA DA CAPITAL

**REGISTO CIVIL**

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

**Arthur Napoleão Figueiredo**, bacharel em direito, titular vitalício do Cartório do 1.º Ofício de Registro Civil de Nascimentos e Óbitos da Comarca de Belém, Capital do Estado do Pará, República dos Estados Unidos do Brasil, por nomeação legal

CERTIFICO em virtude de atribuição que me é conferida por lei e a requerimento verbal de parte interessada, que em mey Carlório no livro número 207 \* de REGISTRO DE NASCIMENTOS, ds folhas 65 v, sob o número 23.601 \* foi registado no dia doze \* de Maio \* de mil novecentos e trinta e sete \* o assento de

**MAFALDA NOBRE DANTAS \*** nascido a dois \* de Maio \* de mil novecentos e trinta e sete (1937), nesta cidade de Belém \*

do sexo Feminino \* cor Branca \* filho de

RAYMUNDO NONATO NOBRE \*  
ZIRZA EULEIKA DE SOUZA NOBRE \*  
sendo avós paternos Sebastião Joel Nobre \*  
Maria Alcina Pontes Nobre \*  
e maternos Manoel Jacyntho Celso de Souza \*  
Euphrosina de Moraes Souza \*

Foi declarante Comunicação do Hospital da Ordem 3ª \*  
e serviram de testemunhas \*

\*

Observações: Adotado por GABRIEL DANTAS e AGUEDA MARIA DA CONCEIÇÃO DANTAS, por escritura publica lavrada em notas do Tab. Conduzida desta cidade. Averbado em 30.8.1936 \*

ISENTA DE SELOS PARA FINS DE CASAMENTO \* O referido e verdade e dou fe.

REGISTO CIVIL  
CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO  
BELEM - PARÁ  
DR. ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO  
Oficial Vitalício

Belém, 3 de Abril de 1936 \*  
*Manoel Dantas*  
OFICIAL

Digitalizado por Manoel Dantas, 2022.

Vó Mafalda tornou-se Mafalda Dantas da Silva ao se casar com Manoel Tinoco da Silva, natural de um quilombo em Irituia/PA. Tiveram oito filhos: Conceição, João Gabriel (meu pai), Haroldo, Fátima, Manoel, Ângelo, Mafaldinha e Andréia. Tive o prazer de conhecer e conviver com os dois menos do que gostaria, mas o suficiente para nutrir um amor enorme por ambos. Seu Manel, como meu pai chamava meu avô, era atleta de Remo. Medalhista, campeão estadual e regional.

Imagem 80 — Figura 80: Medalhas de Manoel Tinoco, 1958 a 1964.



Digitalizadas por Danielle Cascaes em 2025.

Aos 38 anos, foi diagnosticado com a doença de Parkinson. Quando eu o conheci, aos 65 anos, a doença já tinha tomado conta de todo o seu corpo. Ele já não falava, andava com dificuldade, mas gostava de se sentar próximo da janela do apartamento onde morávamos e ficar observando os pássaros e ouvindo os sinos da Basílica Santuário de Nazaré, com a mente lúcida em um corpo-prisão.

Em 2018, quando eu ainda era estudante da Licenciatura em Teatro na UFPA, fiz uma experimentação cênica e escrevi um artigo baseados no que me lembrava dele, que chamei de Visagem-Viva, pois ele trocava o dia pela noite, fazendo barulhos pela casa quando todos estavam dormindo, como um fantasma vivo. Quem me ajudou a escolher as fotos que utilizei para compor o trabalho foi Vó Mafalda, me enviando algumas fotos dos álbuns que guardava em sua casa. Uma delas se tornou uma das minhas fotos de família favoritas:



Imagem 81 — Eu e Seu Manel (sentado na cadeira perto da janela) no meu aniversário de sete anos, 2002.



Foto: Mafalda Dantas da Silva. Digitalizado por Ângelo Dantas da Silva, 2018.

Vovó me ajudou nesse projeto com muita satisfação, e foi a nossa última empreitada juntas. Uma das únicas, na verdade, pois um pouco antes de meus pais se casarem ela se mudou para São Paulo. Sua presença física era rara, mas sempre telefonava para saber de nós. Quando me tornei adulta, a visitei com mais frequência. Ela se emocionava sempre que me via.

— Parece que estou me vendo entrar pela porta — ela me dizia todas as vezes. — Das filhas do Gabriel, você é a que mais se parece comigo quando era jovem.

Certa vez, enquanto aguardava atendimento em um consultório médico, ouvi uma moça contar que sua filha de dois anos se parecia muito com a avó dela, bisavó da criança. Depois de mostrar as fotos, a pessoa com quem conversava respondeu:

— Quem tem a sorte de viver o bastante vê a si mesmo nascer de novo.

Gosto de pensar que minha avó teve essa sorte, que se sentia realizada ao me ver entrando pela porta do pequeno

apartamento no centro de São Paulo, jovem e cheia de sonhos, querendo tudo e sem dar conta de nada.

Imagem 82 — Vó Mafalda, de vestido florido; sua amiga-irmã Mercedes, de casaco branco; ao centro, primo Bruno, filho de tio Manoel. Casamento dos meus pais, fevereiro de 1985.



Foto: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Minha avó sempre foi uma figura de muita superação. Quando se viu chegando aos 40 anos, cheia de filhos e com o marido doente, se voltou para os estudos. Passou no vestibular e se tornou advogada, a primeira da família dela a se formar no ensino superior. Foi vó Mafalda quem processou o motorista bêbado que assassinou meu tio Normélio, quando meus pais ainda eram adolescentes. Minhas duas famílias começaram a se misturar profundamente, para o bem e para o mal.

Vovó decidiu tentar a vida em São Paulo, levando consigo seus oito filhos, que ainda eram crianças e adolescentes, mas deixou o marido em Belém. Eles viviam uma relação de idas e vindas. Meu pai, que já namorava minha mãe, foi junto com a família. Sempre que podia, mandava cartas, fotos e postais, relatando o quanto sentia falta da namorada. Ele queria muito que ela fosse embora para lá, mas minha mãe nunca quis.

Imagem 83 — Meu pai no Viaduto Santa Ifigênia, centro de São Paulo.

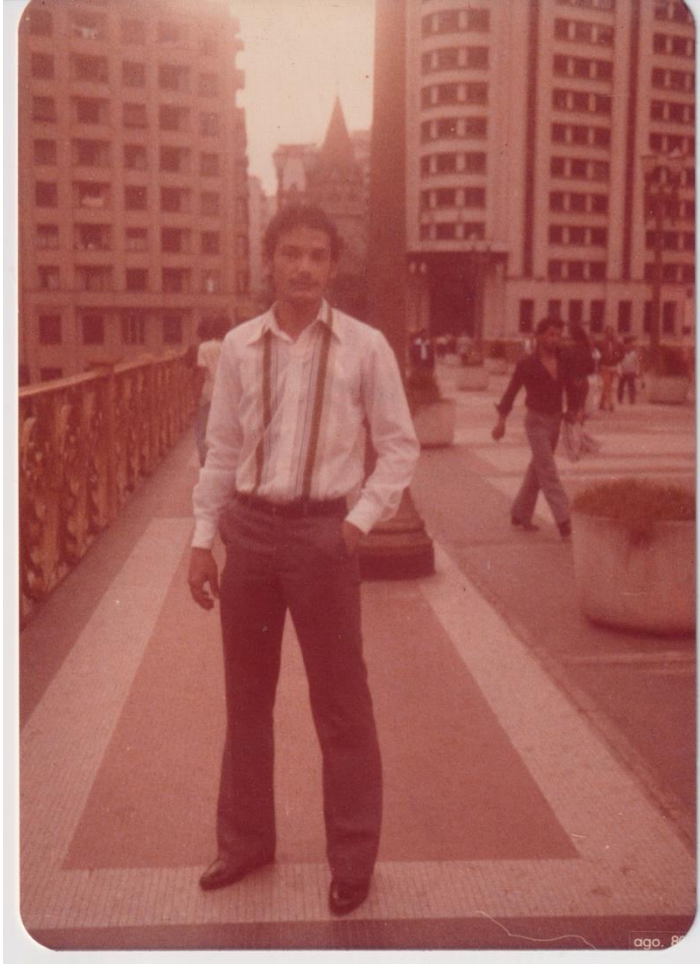


Foto: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Imagem 84 — Verso da figura 83, onde se lê: “Amor, está foto é para você se lembrar que eu existo, e preciso de notícias suas, para que eu possa continuar minha missão. Eu amo você. 10-07-80. João Gabriel.”

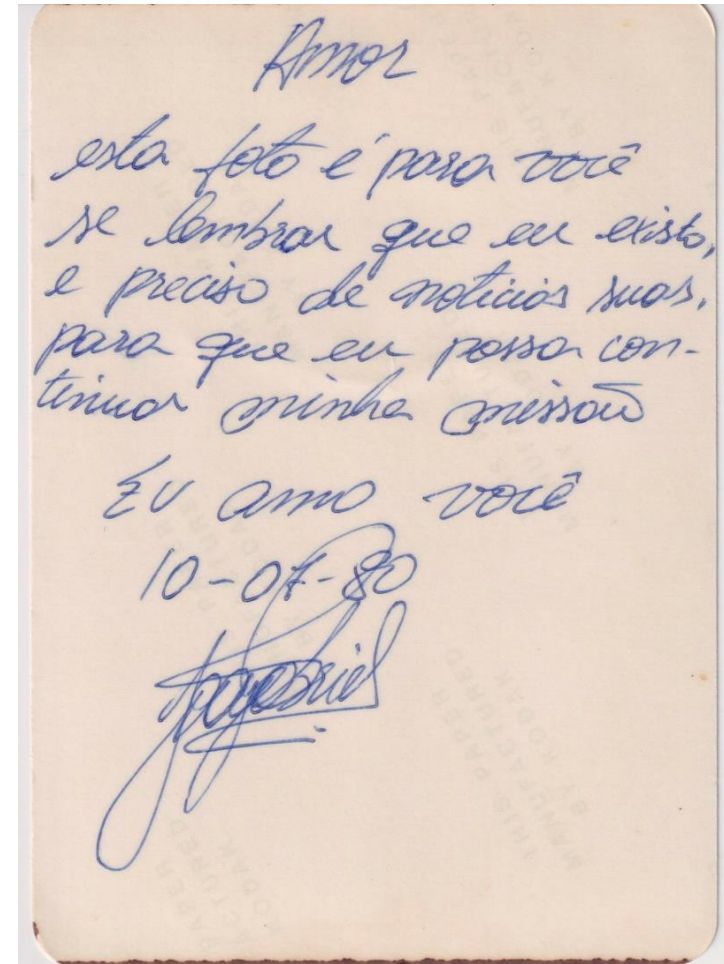


Foto: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

Se dando por vencido, meu pai retornou a Belém por volta de 1983, casando-se com minha mãe em 1985. Na mudança da família Dantas da Silva de Belém para São Paulo, muita coisa foi deixada para trás, entre elas, o baú que, até então, pertencia a vó Mafalda.

Minha mãe diz que tia Conceição, irmã mais velha de meu pai, queria dar tudo e ir embora. Minha mãe se meteu na briga da família para defender o baú de meu avô e evitar que evitar o objeto caísse nas mãos de qualquer pessoa.

— O baú fica comigo. É do Gabriel. Não vou permitir que você dê fim dele — disse minha mãe, desafiando a vontade da cunhada. Ela conseguiu.

O baú ficou na casa da família Figueiredo Cascaes durante o período conturbado de mudança familiar dos Dantas da Silva. Depois de casados, em 1985, minha mãe finalmente deu uma chance para São Paulo. Morou lá mais de um ano. Mesmo se dizendo uma mulher urbana, que “não gosta de mata”, que gosta de prédios e muita gente, mamãe não suportava ficar longe de Belém. Sentia falta do rio, do vento quente da mata. Juntou todas as suas coisas e voltou para

casa, deixando meu pai para decidir se ele queria ela ou São Paulo. Ele a escolheu, e no fim de 1986, ela engravidou da minha irmã mais velha.

Imagem 85 — Minha mãe, grávida da filha mais velha, na porta da casa das tias. Julho de 1987.



Foto: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes em 2025.

A relação dos meus pais foi marcada por muita parceria, mas também por muitos momentos ruins. Se mudaram de casa várias vezes, mas o baú nunca era abandonado. Minha mãe vigiava os carregadores para que o objeto centenário não fosse carregado de qualquer jeito. Meu pai virou membro ativo da família Figueiredo Cascaes, conquistando um por um. Ficou amigo de minhas tias, fazia tudo o que elas pediam. Foi meu pai que consolou a família durante a morte de tio Normélio, enquanto a mãe dele resolvia tudo juridicamente. Meu pai, junto com meu primo Fabrício, foram os incumbidos de ir ao Ganhoão resolver as coisas quando vô Adalberto morreu. Além disso, ele incluía vô Manoel nas festas e celebrações da nova família, que também as adorava.

Imagem 86 — Meu pai, Gabriel, Seu Manel e de tia Aldenora, 1994.

Imagem 87 — Seu Manel soprando velas de aniversário, 1994.



Fotos: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes, 2025.

Quando vô Manoel partiu, em 2004, minha família materna também prestou toda a assistência que podia. Foi a primeira vez que vi muitos dos meus tios e primos, em uma grande reunião familiar que, apesar do motivo ser triste, foi essencial para estreitar os nossos laços.

Imagem 88 — Da esquerda para a direita: tia Fafá (Fátima); João Gabriel (meu pai); tia Mafaldinha, segurando a filha Beatrice; minhas irmãs, Giselle, Gabrielle e eu. Praia do Murubira, Ilha do Mosqueiro, Pará, 2004.



Foto: Mafalda Dantas Rakowsky. Digitalizado em 2018.

Por volta de 2006, meu pai começou a adoecer. Teve alguns episódios de isquemia cerebral, ou pré-AVC, o que nos deixou em alerta. Passamos a ter mais cuidado com ele, mas ele não tinha cuidado consigo. Em 2008, teve um AVC e precisou de cuidados intensivos. Não escrevia mais, perdeu a maior parte das habilidades de oratória, não conseguia falar frases maiores e mais complexas. Reorganizamos a vida toda e voltamos para a casa das minhas tias, onde ele teria suporte 24h por dia. E foi assim que o baú do biso retornou para a residência dos Figueiredo Cascaes, depois de decorar as diversas salas dos imóveis que meus pais alugaram ao longo de seu casamento. Meu núcleo familiar se uniu para cuidar do meu pai doente, voltando para a casa onde minha mãe cresceu, e onde moramos até hoje.

Minhas famílias demonstraram muito amor e respeito uma pela outra, em pequenos e grandes gestos ao longo dos anos. Em agosto de 2011, toda a família do meu pai estava reunida em São Paulo, e ele lamentou muito não poder estar entre eles. Foi durante esse evento, na madrugada do dia 24 de agosto que, em Belém, João Gabriel partiu desse plano,

enquanto dormia na casa das tias, muito bem cuidado até o fim.

Um dos grandes últimos atos de amor entre minhas famílias paterna e materna foi quando meu pai foi enterrado no túmulo dos Figueiredo Cascaes, no mesmo cemitério onde seus avós, Gabriel e Aguida, estão enterrados. Quando minha vó Mafalda morreu, 8 anos depois da morte de seu filho mais velho, descobri que Seu Manel também encontrou o mesmo destino que meu pai: descansa ao lado dos sogros, no túmulo da família da esposa.

Revisitar o baú do meu biso é remexer em histórias complexas, delicadas e, às vezes, desconfortáveis. Chega um momento que não é mais possível separar as famílias paterna e materna, pois os laços dão muitos nós entre si, rizomaticamente. O resultado dessa mistura está vivo e concreto, tomando a forma de três mulheres cujos traços não negam as origens das duas famílias.

Imagem 89 — Márcias Gabrielle, Giselle e Danielle Cascaes Dantas da Silva, 2005. Digitalizado em 2025.



Foto: Márcia Cascaes. Digitalizado por Danielle Cascaes.

Nós três somos a cola que une as histórias de duas famílias tão distintas, mas com tantas semelhanças. Famílias que se respeitam, que se amam, que traçaram seus caminhos para que as três mulheres Cascaes Dantas tivessem o melhor futuro possível. Mas mais importante do que falar da minha própria família é entender que, ao falar dela, estou também

falando de milhões de outras famílias na região amazônica, com histórias parecidas. Na Amazônia, existem muitas famílias formadas por ancestrais brancos, pretos e indígenas (e, em muitos casos no Pará, também amarelos), das quais apenas as histórias dos brancos chegaram até nós. E mesmo essas quase nunca escapam daqui, pois o que acontece na Amazônia muitas vezes não alcança o restante do país. Um silenciamento dentro de outro, em que as mulheres racializadas estão no fundo desse poço: sem nome, sem passado, nem futuro.

Ao nos olharmos com atenção, conseguimos reconhecer os traços negros e indígenas, mas não sabemos de onde vêm. Por isso, tantas pessoas embarcam em jornadas próprias, em busca de suas histórias afogadas. Resignificar a própria origem é também conhecê-la. É transformar o vazio em outra coisa, inventar futuros, criar novos mundos dentro de nós e dos nossos, resgatando o que é nosso e foi apagado por querer.

Lembrar é resgatar. Registrar é não esquecer. Eu não quero esquecer. Quero que lembrem de quem está aqui, de quem já veio e de quem ainda virá.

Iniciei este trabalho dedicando-o a três figuras importantes na minha família materna: Normélio, Gerson e Luciana. As histórias de Gerson e Luciana não tomaram forma nesta pesquisa, assim como as histórias de muitos outros que cito nominalmente e os que não cito de nenhuma forma. A falta que esses familiares fazem, principalmente os que nunca vi ou conheci, foi um importante indutor para a última parte do trabalho. Olhei para o futuro pensando no passado, nos familiares de quem sei o nome e nada mais, principalmente as mulheres: Inah, Aguida, Ana. Maria Rosaura. Penso nas outras tantas cujo nem o nome sei, mas que estão presentes em minha ancestralidade em formas que a mente pode não saber, mas o corpo sabe. Penso em uma continuação dessa pesquisa, em quais águas doces e/ou salgadas quero mergulhar no futuro.

— Para quem faço essa pesquisa? — me perguntei muitas vezes. Sei que faço para os moradores do Ganhoão,

para que, talvez um dia, as famílias se reúnam para olhar aquelas fotografias, como costumávamos fazer antigamente, algo que já está se perdendo. Penso também que esse registro localiza os moradores desse arquipélago dentro de uma história sendo construída, para que daqui quarenta, cinquenta anos, sirva de acervo para outras pesquisas.

Faço essa pesquisa também para minhas tias, minha mãe, minha avó materna, honrando sua história, seu passado e sua ancestralidade marajoara. Faço para mim, para transformar histórias e frustrações familiares em arte, que é tudo o que sei fazer. Mas também faço para pessoas hipotéticas, em um futuro hipotético. Para futuros membros da minha família que, lá por 2060, resolvam se perguntar:

— Mas de onde eu vim?

Sei que esse dia vai chegar, pois ele chegou para mim. Alguém vai se perguntar sobre a árvore genealógica, e nesse dia, espero que encontre este trabalho, que estará impresso, guardado dentro do baú centenário, que hoje já é meu.

Essas futuras pessoas já não são tão hipotéticas assim. Uma delas já toma forma, no corpo de um menino que, assim

como eu, é encantado por fotografia. E a fotografia que ele mais gosta é a instantânea, no mesmo formato das que produzi ao longo dessa pesquisa. Entre tantas similaridades, a mais singela é o nome que ele carrega, igual o do avô e o do bisavô, aquele que chegou ao Brasil no início do século XX, sem saber ler nem escrever, carregando consigo um baú de madeira maciça e a esperança de uma vida melhor:

Imagem 90 — Autorretrato de Gabriel Dantas Perantunes, 2024.



Digitalizado por Danielle Cascaes, 2025.

Revisitar tudo isso me deu a munição que precisava para desenhar a última parte da pesquisa: o novo álbum de família. O resultado obtido, fruto de madrugadas embaladas pelo som melancólico do álbum *Carrie & Lowell*<sup>30</sup>, não foi exatamente um álbum com fotos novas, mas um recorte do aqui e agora.

Meu aqui e agora também é passado, presente e futuro. Olhei para todos os lados enquanto paria essa nova obra, que, ao mesmo tempo em que me parece inacabada, também carrega o ar de algo que nunca estará pronto. Tenho o desejo de continuar essa jornada, de desbravar outras histórias da minha família e de várias outras.

Ao longo da pesquisa, algo foi constante: muitas pessoas, ao entrarem em contato com os álbuns de família (tanto os criados ao longo do projeto quanto os antigos que minha família possui), começavam a contar histórias de suas próprias famílias. De seus avós, pais, da tia guardiã dos álbuns de sua própria família. Hoje, me interessa muito a conexão feita a partir de um conjunto de imagens dispostas de maneira

específica, e como isso gera pertencimento, memória e continuidade.

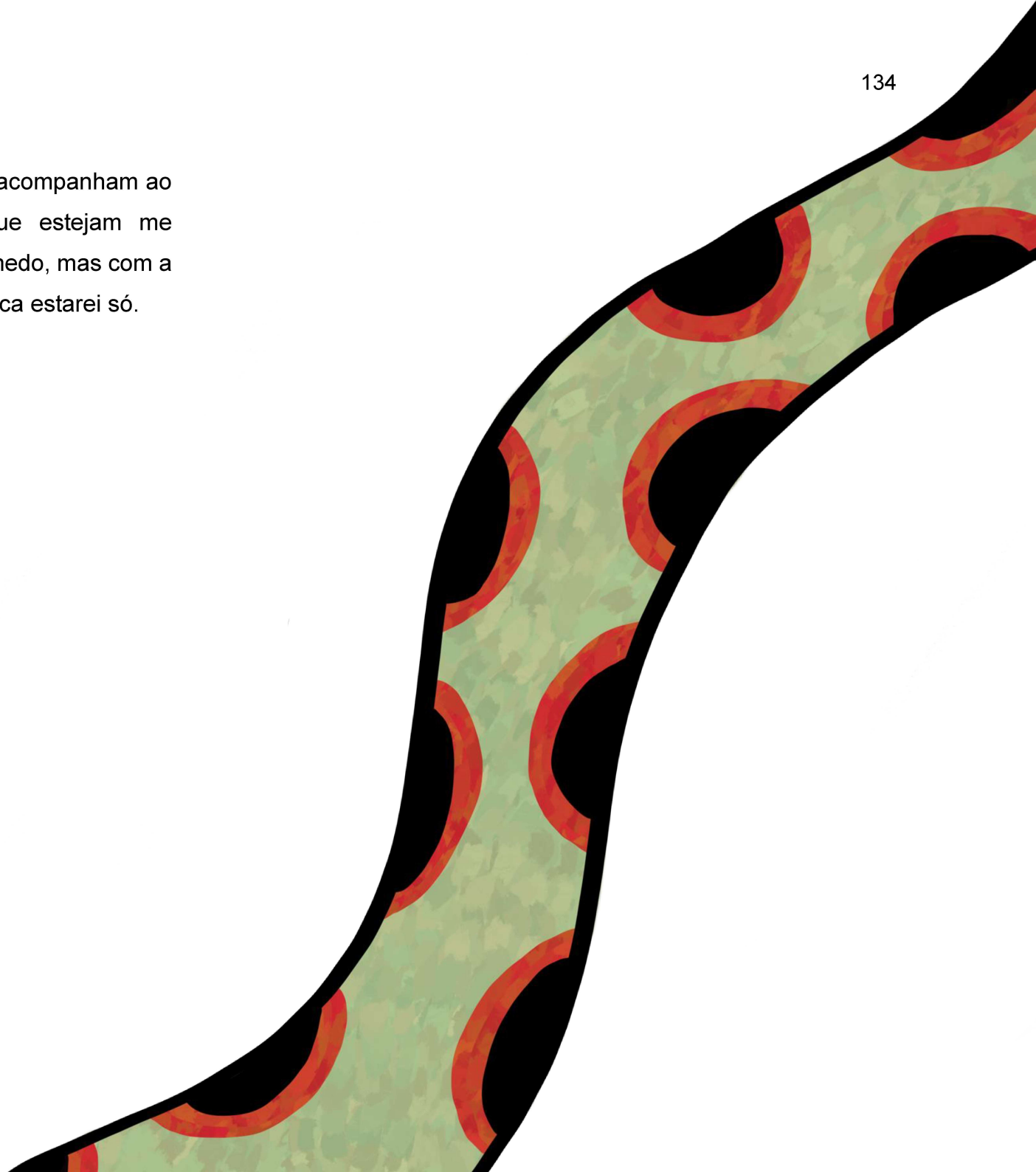
Continuo olhando para o futuro sabendo que quero aprofundar essa pesquisa nas múltiplas linguagens que ela oferece: seja em fotografia, performance, dramaturgia, poética cênico-visual e o que mais vier. Esse futuro já começou a se desenhar. Álbum de Família segue abrindo caminhos, com desdobramentos que apontam para novas páginas a serem escritas, fotos a serem tiradas e histórias a serem contadas.

A cada retorno ao Ganhoão, a cada novo álbum criado, percebo que esta jornada está longe de terminar. O que sinto hoje sobre a possibilidade de voltar lá são sentimentos contrastantes. O primeiro que surge é o medo da viagem, que sempre existiu, mas depois do naufrágio do Ana Clara II, se tornou ainda mais real. Mas também sinto falta das pessoas, do cheiro da mata, do rio em si e da ancestralidade que ele emana, como se fosse um membro da minha família. Cada dia mais, penso que é isso que ele é.

Mas retornar me parece inevitável. Sinto uma espécie de chamado, algo me puxando para lá com cordas invisíveis,

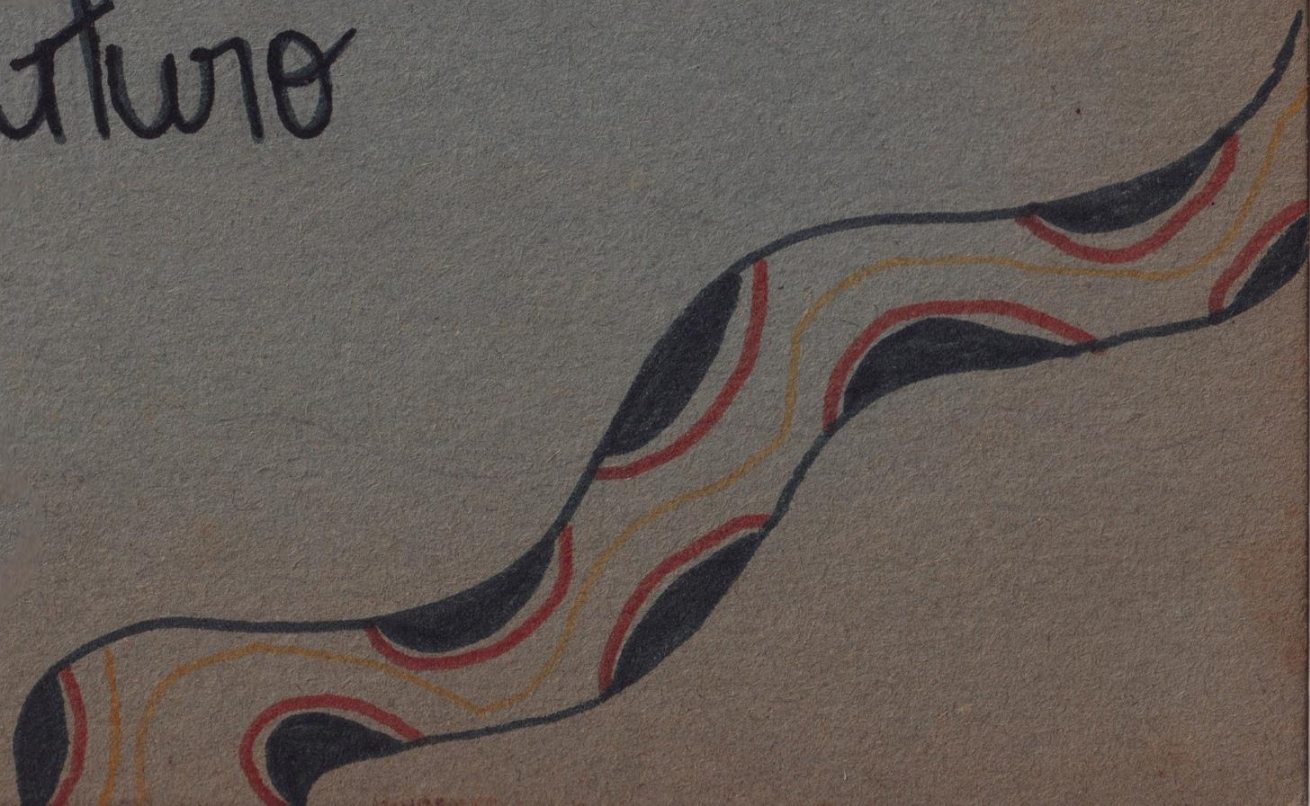
tão invisíveis quanto os encantados que nos acompanham ao longo da travessia. Talvez sejam eles que estejam me chamando. E ao seu encontro, eu vou. Com medo, mas com a certeza de que estou sendo guiada e que nunca estarei só.

*Cobra-Grande, não me abandone.*





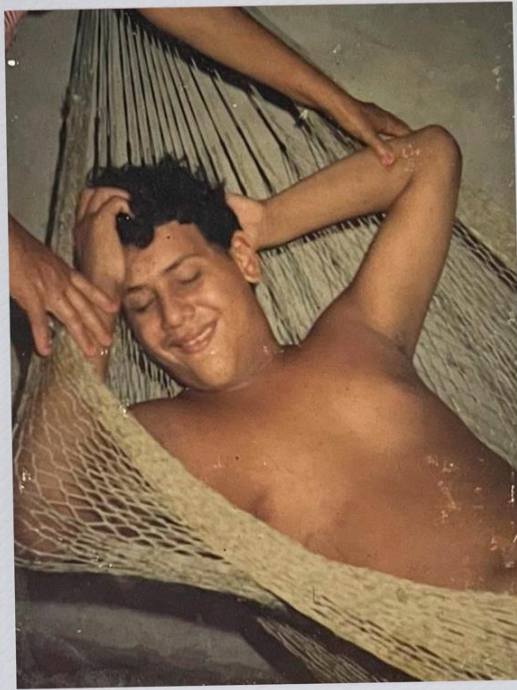
Para mão esquecer do  
futuro



Em memória dos meus jovens mortos



Nenmélis



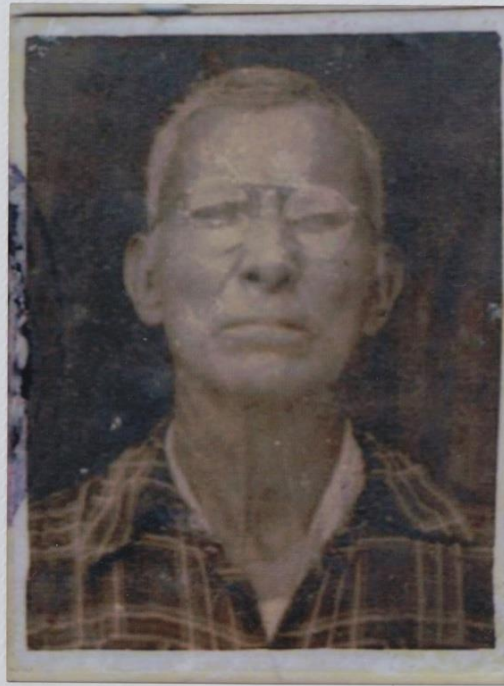
Gerson



Luciana



Dentro do baú de Gabriel  
Dantas, existe a história  
de uma família que ele  
nunca conheceu:  
Os Figueiredo Cascaes.



Belém, 1962

O baú centenário virou  
o guardião das memórias  
da família, no novo lar de  
seu neto, João Gabriel, e de  
suas três bisnetas: Márcias  
Gabrielle, Giselle e Jamielle.





D Gabi



D Gigi e Aurora



Mina,  
Hercia,  
Cida e  
Gabi

D Gima

D Nina



D Dabera  
e Gigi



D Dami

As três foram  
criadas com o  
apoio das tias-  
avós, que as  
amadrinharam.





Figueiredo Cascaes, 2011

Socorro, Aurora, Ademar, Amazemina,  
Aldemora e Georgina

Os Figueiredo  
Cascaes estão  
partindo aos  
peúcos, mas  
seguem vivos  
em nossas  
memórias.

Tal como os outros  
que já partiram,  
deixando saudades  
que nunca descançam.



10/20



10/20

Saudade do riso,  
do telefone na  
de aniversário,  
do barulho do  
molho de chaves.



10/20



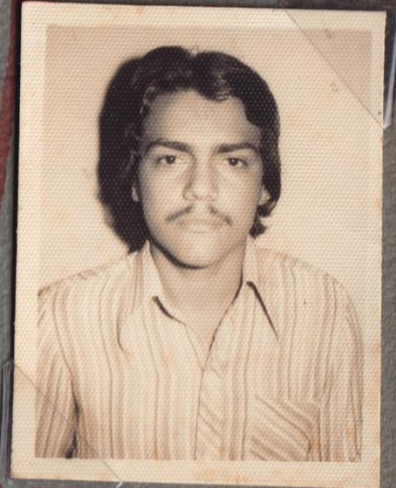
10/20

Saudade dos que sequer conheci,  
mas que reconheço no espelho.

ptio  
Normu tie



Imah Figueiredo das cascas



Os Adalberto



Saudade do  
que não lem-  
bro. Do que  
não vivi.

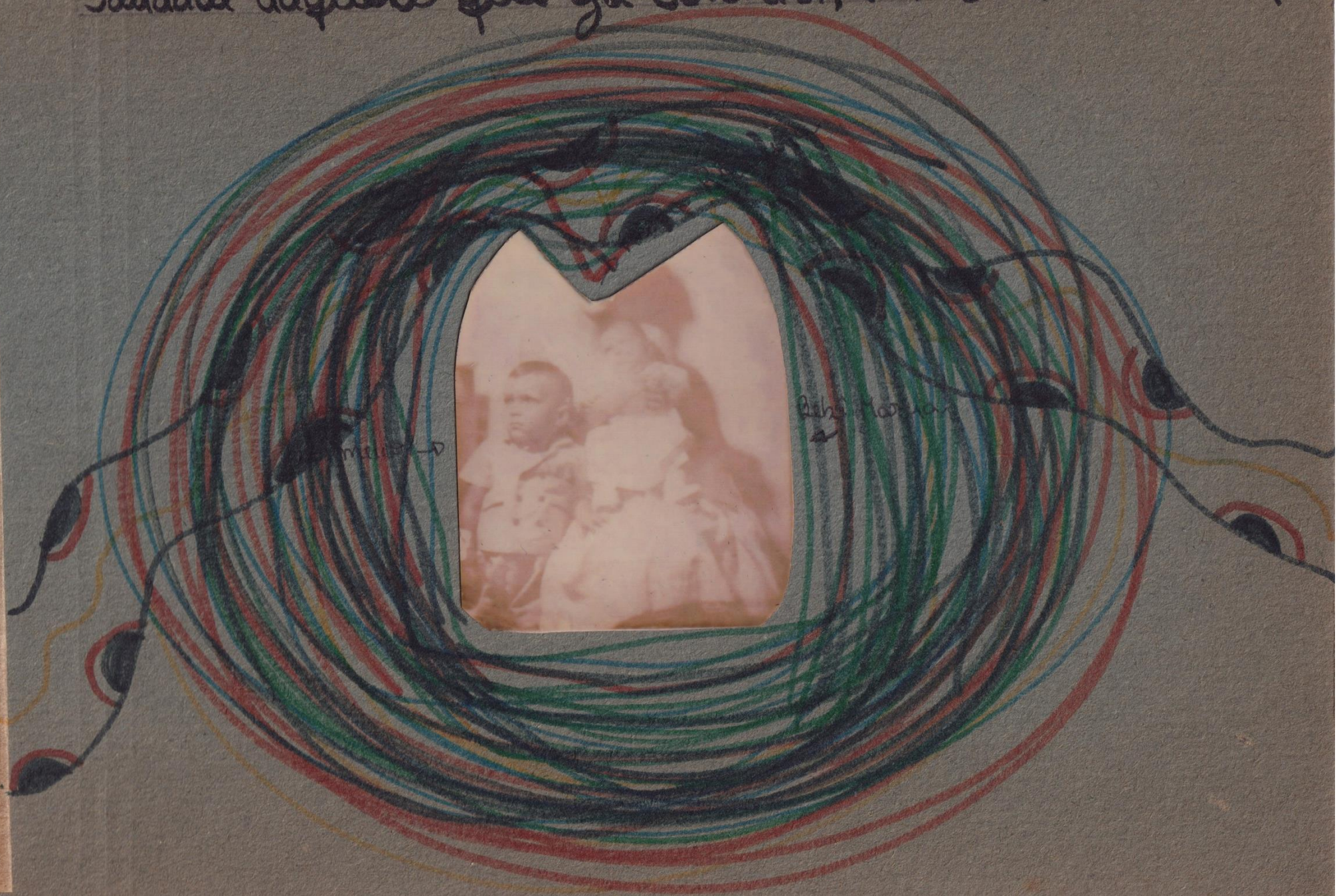


Saudade de  
quem não  
me despedi.

Adews.  
Te amo.

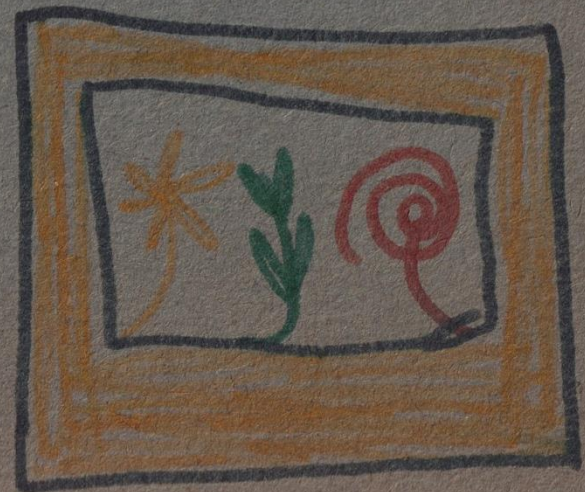


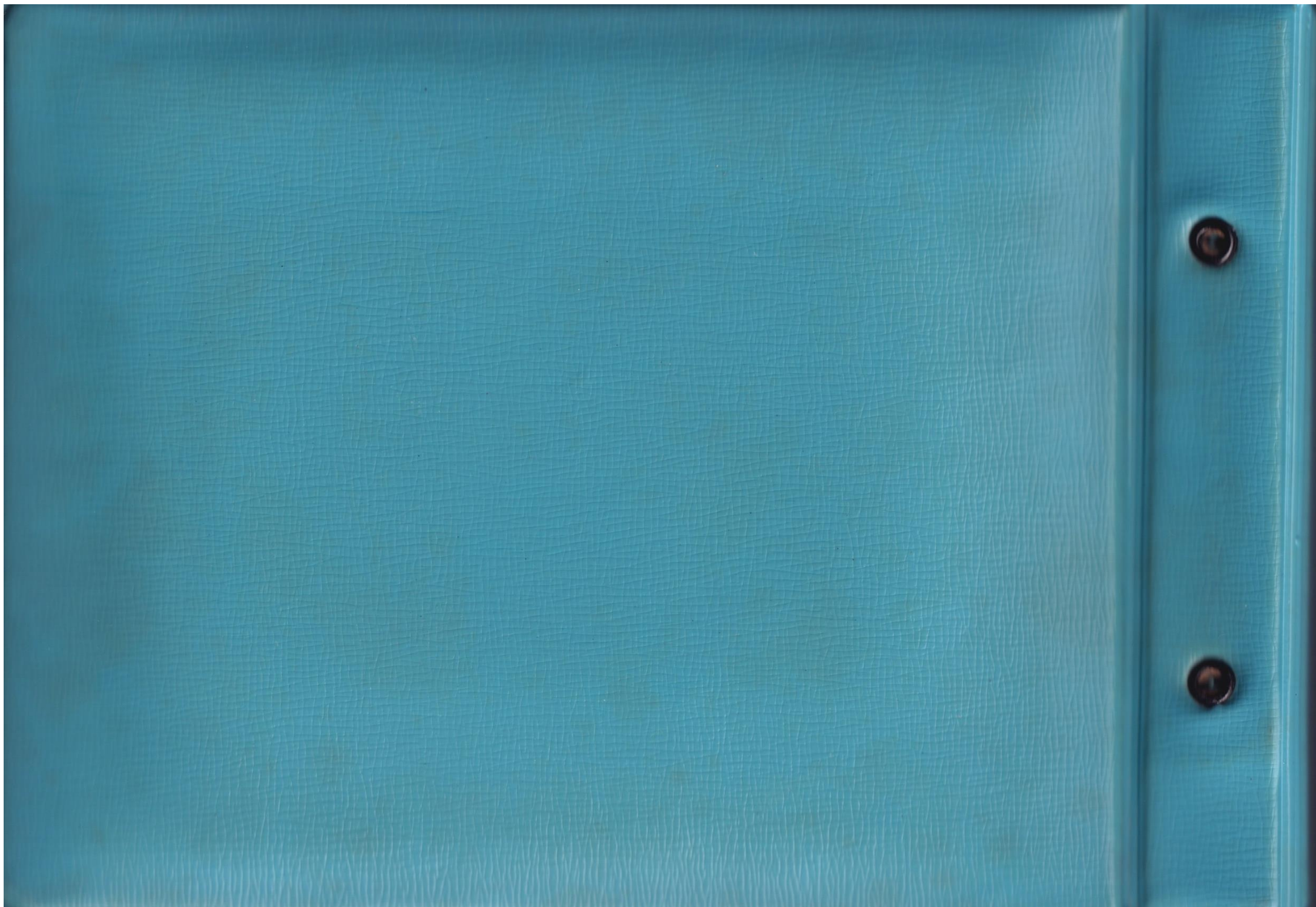
Saudade daquela que já conheci, mas não conheço.





Agradeço a vida dos  
que já partiram e  
dos que ainda estão  
aqui. Amseio pelo mes-  
so próximo encontro,  
seja em outra vida  
ou mais tarde, para  
tomar café da manhã







## REFERÊNCIAS

BECHDEL, Alison. **Você é minha mãe?** Tradução de André Czarnobai. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BERGER, John. **Modos de Ver.** Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

BOULHOSA, Ernesto Feio. **Nas margens da baía do Marajó.** Belém: Cromos, 2020.

BRAGA, Luiz. **Homem Búfalo.** 1999. 1 fotografia. Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/10/luiz-braga-perde-o-pai-na-pandemia-e-mergulha-em-sua-ancestralidade-indigena/#foto4>. Acesso em: 26 mar. 2025.

CARLSON, Marvin. **Performance, uma introdução crítica.** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CUNHA, Guilherme (coord.). **Retratistas do Morro: Afonso Pimenta e João Mendes: catálogo da exposição.** Guarulhos: SESC, 2024. Catálogo (exposição). Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2024/07/Catalogo-Retratistas-do-Morro-Sesc-Guarulhos.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2025.

DANTAS DA SILVA, Márcia Gabrielle Cascaes. **Álbum de Família.** [Poema inédito]. 2025.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo.** Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://bit.ly/3rkqH3E>. Acesso em: 5 abr. 2025.

DELORY-MOMBERGER, C. Fotobiografia e formação de si. *In:* SOUZA, Elizeu Clementino de. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** EDIPUCRS/EDUNEB. Porto Alegre, 2006b.

DELORY-MOMBERGER, C. De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?. *In:* Eggert, E.; Fischer, B. D. (Org). **Gênero, geração, infância, juventude e família.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. *In:* VICENTINI, Paula Perin e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 95-111.

**DESOBEDIÊNCIA.** Direção: Sebastián Lelio. Produção de Film4, FilmNation Entertainment, Element Pictures, LC6 Productions e Braven Films. Estados Unidos: Bleecker Street, 2017. 114 min.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real.** Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

FERNANDES, Magno. **Naufrágio do Ana Clara II: barco estava irregular, diz Artran**. Disponível em: <<https://doi.org/10.1206/naufragio-do-ana-clara-ii-barco-estava-irregular-diz-artran?d=1>>. Acesso em: 3 jun. 2025.

FIRMO, Walter. **Amazônia, inverno e verão** – Ensaio publicado originalmente na revista Realidade, São Paulo, jan. 1973. In: ECOSOFIAS. Curadoria: João Castilho e Pedro David; assistência de curadoria: Gabriela Sá. Tiradentes: Foto em Pauta, 2025.

FIRMO, Walter. **Walter Firmo: no verbo do silêncio, a síntese do grito – catálogo da exposição**. São Paulo: CCBB e IMS, 2023. Catálogo de exposição. Disponível em: <<https://ccbb.com.br/wp-content/uploads/2023/02/IMS-WF-CatalogoCcbbDivulgacao.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 12–33, 24 dez. 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa e Caio Netto. 1. ed. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais**. 1a edição ed. [s.l.] Fósforo Editora, 2022.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

INSTITUTO PIPA (Org.). **Prêmio PIPA 2013**. Belo Horizonte: Instituto PIPA, 2023. Catálogo do programa Prêmio PIPA. Disponível em: <<https://www.institutopipa.com/wp-content/uploads/2023/07/2013.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2025.

JANSEN, Karine. **Belém Apaixonada: a construção do corpo devoto nos processos performáticos das Paixões de Cristo em Belém do Pará**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3ª. ed. Belém: CEJUP, 1992.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeiras**. 8ª. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. **Três Casas e Um Rio**. 4ª. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020. p.

LIMA, Elza. **Três Casas e Um Rio**. 2019. 1 fotografia. Disponível em: <<https://www.e-paragrafo.com.br/product-page/tr%C3%AAs-casas-e-um-rio-e-book-de-dalc%C3%ADdio-jurandir>>. Acesso em 23 mar. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. Escrituras, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Escrituras. 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica hoje: uma poética do imaginário revisitada**. SECULT/PA, Belém, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mesa Convidada – **Artes Cênicas e os Saberes Tradicionais**. Mesa-redonda no XII Congresso ABRACE – Artes Cênicas na Amazônia: Saberes Tradicionais, Fazeres Contemporâneos, 27 jun. 2023. Comunicação oral.

MALCHER, Monique (Org.). **Trama das águas**. São Paulo: Monomito Editorial, 2020. p. 27.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAUÉS, R. Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: Eufpa, 1990.

MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, R. Heraldo. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Dossiê Amazônia Brasileira I • Estud. av. 19 (53) • Abr 2005.

NAZARETH, Paulo. **Para eternizar a Imagem de minha mãe** (2013). Dimensão variável. Objeto fotográfico. Exposta na mostra Esconjuro. Brumadinho: Instituto Inhotim, 2024.

REALE, Berna. **Limite Zero**. 2011. 1 fotografia. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146\\_171656.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146_171656.html). Acesso em: 26 mar. 2025.

REALE, Berna. **Quando Todos Calam**. 2009. 1 fotografia. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146\\_171656.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/cultura/1499967146_171656.html). Acesso em: 26 mar. 2025.

RIBEIRO, Niura. **A fotografia como corpo performatizado**. Anais do XXXV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, Rio de Janeiro, 2015, pp. 696-708.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 29.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies**. Hanover, New Hampshire. 2001.

SCHECHNER, Richard. **Public domain: Essays on the theatre**. Indianópolis: Bobs-Merrill, 1968.

SEQUEIRA, Alexandre. **Cerco à Memória**. 2008. Série fotográfica. Disponível em: <http://www.alexandresequiera.com/?trabalhos=cerco-a-memoria-2008>>. Acesso em: 8 mai. 2025.

SEQUEIRA, Alexandre. **Série Nazaré do Mocajuba**. 2005. Série fotográfica. Disponível em: <http://www.alexandresequeira.com/?trabalhos=serie-nazare-do-mocajuba-2005>>. Acesso em: 8 mai. 2025.

SEQUEIRA, Alexandre. **Série Identidade Calcinada**. 2003. Série fotográfica. Disponível em: <http://www.alexandresequeira.com/?trabalhos=serie-identidade-calcinada-2003>>. Acesso em: 8 mai. 2025.

SHERMAN, Cindy. **Sem Título #137**. 1984. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/maspmuseu/photos/a.370786326024/10156484149036025/?type=3>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998.

SODOMA, Uyra. **Ensaio Terra Pelada, Série A Última Floresta**. 2018. 1 fotografia. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/uyra-sodoma/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SOUZA, Luiza Monteiro. **Encantaria-corpo: processos de criação e poéticas em dança**. Orientadora: Ana Flavia de Mello Mendes. 2022. 203 f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2022. Disponível em:

<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/13912>>. Acesso em: 3 jun. 2025

STEVENS, Sufjan. **Carrie & Lowell** (10th Anniversary Edition). Nova Iorque, Estados Unidos da América: Asthmatic Kitty Records, 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/VRXeG>>. Acesso em: 3 de jun. 2025.

**UM PAÍS CHAMADO PARÁ**. Exposição coletiva. Curadoria: Rosely Nakagawa; projeto expográfico: Flávio Franzosi; projeto de acessibilidade: Sílvia Arruda. CâmeraSete – Casa da Fotografia de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 ago.–30 set. 2023.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Betina Moreira de Godoy. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

## NOTAS FINAIS

<sup>1</sup> CONDE LEÃO, Bianca. Comigo-Ninguém-Pode. In: MALCHER, Monique (Org.). **Trama das águas**. São Paulo: Monomito Editorial, 2020. p. 129.

<sup>2</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. Escrituras, 2008.

<sup>3</sup> HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa e Caio Netto. 1. ed. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021. p. 110.

<sup>4</sup> HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa e Caio Netto. 1. ed. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021. p. 8.

<sup>5</sup> HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 12–33, 24 dez. 2020. p. 29.

<sup>6</sup> HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Revista ECO-Pós, v. 23, n. 3, p. 12–33, 24 dez. 2020. p. 14.

<sup>7</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

<sup>8</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012. p. 210.

<sup>9</sup> SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 1998. p. 137-144.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeiras**. 8ª. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019. p. 185.

<sup>12</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. Mesa Convidada – **Artes Cênicas e os Saberes Tradicionais**. Mesa-redonda no XII Congresso ABRACE – Artes Cênicas na Amazônia: Saberes Tradicionais, Fazeres Contemporâneos, 27 jun. 2023. Comunicação oral.

<sup>13</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. Escrituras, 2008. p. 2.

<sup>14</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. Escrituras, 2008. p. 15.

<sup>15</sup> JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3ª. ed. Belém: CEJUP, 1992. p. 13.

---

<sup>16</sup> DANTAS DA SILVA, Márcia Gabrielle Cascaes. **Álbun de Família**. [Poema inédito]. 2025.

<sup>17</sup> DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <<http://bit.ly/3rkqH3E>>.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> BOULHOSA, Ernesto Feio. **Nas margens da baía do Marajó**. Belém: Cromos, 2020. p. 14.

<sup>20</sup> JURANDIR, Dalcídio. **Três Casas e Um Rio**. 4<sup>a</sup>. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020. p. 462-463.

<sup>21</sup> **DESOBEDIÊNCIA**. Direção: Sebastián Lelio. Produção de Film4, FilmNation Entertainment, Element Pictures, LC6 Productions e Braven Films. Estados Unidos: Bleecker Street, 2017. 114 min.

<sup>22</sup> WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Betina Moreira de Godoy. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

<sup>23</sup> JURANDIR, Dalcídio. **Três Casas e Um Rio**. 4<sup>a</sup>. ed. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020. p. 162-163.

<sup>24</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica hoje: uma poética do imaginário revisitada**. SECULT/PA, Belém, 2019. p. 89.

<sup>25</sup> FERNANDES, Magno. **Naufração do Ana Clara II: barco estava irregular, diz Artran**. Disponível em: <<https://dol.com.br/noticias/para/901206/naufragio-do-ana-clara-ii-barco-estava-irregular-diz-artran?d=1>>. Acesso em: 3 jun. 2025.

<sup>26</sup> ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 29.

<sup>27</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, Paula Perin e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 95-111. p. 102.

<sup>28</sup> Ibidem

<sup>29</sup> DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, Paula Perin e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 95-111. p. 103.

---

<sup>30</sup> STEVENS, Sufjan. **Carrie & Lowell** (10th Anniversary Edition). Nova Iorque: Asthmatic Kitty Records, 2025.  
Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/0n7HLjx45Y2LD4WyHGDMf3?si=u5-AKoubTxODi-B5B-btiw>>. Acesso em: 3 de jun. 2025.